

ALISTAIR MACLEAN

Caravana para Vaccarès



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Alistair MacLean

CARAVANA
PARA VACCARÈS

Título original inglês

Caravan to Vaccarès

1970

Tradução

JORGE A. FORTES

Artenova, 1973

Ficha

Alistair MacLean
CARAVANA PARA VACCARÈS
Do original americano by Alistair MacLean
Copyright 1973 da edição em português
Editora Artenova S.A.
Primeira edição brasileira em maio de 1973.
Traduzido por Jorge Arnaldo Fortes
Textos revistos por João Luís Ribeiro
Capa Studio Artenova S.A.
Reservados todos os direitos desta tradução.
Composto e impresso no Brasil — Printed in Brazil
Alistair MacLean
CARAVANA PARA VACCARÈS
Título original
CARAVAN TO VACCARES
1970
Tradução
JORGE A. FORTES
Artenova, 1973

Sinopse

De toda a Europa, milhares de ciganos se dirigem à Provence francesa em sua peregrinação anual para celebração de sua santa padroeira. Neste ano, porém, junto com os trailers um crime está em andamento. Neil Bowman e a intrépida Cecile Dubois seguem a caravana para descobrir a verdade por trás de um complô envolvendo a Rússia, a China e um excêntrico nobre inglês.

PRÓLOGO

Vinham de bem longe, os ciganos acampados para a refeição da noite no poeirento gramado à beira da estrada montanhosa da Provença. Vinham da Transilvânia, das estepes da Hungria, dos grandes montanhas Tatra da Tchecoslováquia, do Portão de Ferro do Danúbio, até das reluzentes praias romenas banhadas pelo Mar Negro. Longa jornada, quente, sufocante e interminável, repetindo-se monótona através das planuras curtidas da Europa Central, ou lenta, árdua e exasperante, e às vezes perigosa, na travessia das grandes cordilheiras do percurso. E mesmo para esses viajantes nômades por excelência, acima de tudo, uma jornada cansativa.

Contudo nenhum sinal desse cansaço transparecia nos rostos dos ciganos, homens, mulheres e crianças, vestidos todos nos atavios tradicionais, sentados em toscos semicírculos à volta de vivas fogueiras de carvão, ouvindo em tranquila melancolia a música tzigane suave e nostálgica das planícies húngaras. Para essa aparente ausência de exaustão haveria três razões: primeira, como indicavam os carros amplos, modernos, bem-acabados e luxuosamente equipados, os ciganos de hoje viajam com um grau de conforto desconhecido dos ancestrais, que percorreram a Europa nos carroções de outrora, puxados a cavalos, espalhafatosamente pintados e cruelmente desconfortáveis; segunda, contavam naquela noite como certo reabastecer as arcas esvaziadas no demorado trajeto pela Europa... e antecipando isso, já haviam mudado as roupas costumeiras de viagem; terceira, faltavam apenas três dias para o término da peregrinação, pois peregrinação por certo era; ou, ainda talvez apenas possuíssem notáveis poderes de recuperação. Qualquer que fosse a razão, os semblantes não mostravam indícios de cansaço; somente o gostoso prazer e a lembrança agridoce de lares distantes e dias idos.

Havia um homem entre eles, porém, cuja expressão — ou a falta dela — indicaria, mesmo ao menos atento dos observadores,

que, ao menos nesse instante, seu desinteresse pela música era total e seus pensamentos e intenções atinham-se estritamente ao presente. Seu nome era Czerda. Ele se sentava no alto dos degraus de seu trailer, afastado e bem atrás dos outros, uma sombra apenas entrevista na orla da escuridão. Chefe dos ciganos e oriundo de alguma aldeia de nome impronunciável no delta do Danúbio, era de meia-idade, esguio, alto e robusto, dono daquela imobilidade curiosamente descontraída e instantaneamente identificável de quem é capaz de transformar de imediato a inércia aparente em ação explosiva. Vestia-se todo de preto e tinha cabelos pretos, olhos pretos, bigode preto, cara de águia. Uma das mãos, pousada no joelho, segurava um longo charuto negro cuja fumaça lhe subia sorrateiramente aos olhos, mas Czerda não parecia se incomodar.

Seus olhos jamais paravam. De vez em quando, fitava os companheiros ciganos, mas apenas rapidamente, ao acaso, em desatenção; com certa frequência, olhava a serra dos Alpilles, os desolados e agrestes penhascos de calcário repousando pálidos ao luar brilhante, sob um céu cravejado de estrelas; mas quase sempre vigiava alternadamente à esquerda e à direita, ao longo da linha de carros estacionados. De repente seu olhar cessou o vagar, embora expressão nenhuma viesse substituir a habitual imobilidade daquele rosto. Sem pressa, ergueu-se, desceu os degraus, apagou o charuto no chão e marchou sem ruído para a ponta da fila de carros.

O homem que esperava na sombra era uma réplica em escala menor, e mais jovem, de Czerda. Nem tão largo, nem tão alto, mas as feições morenas aquilinas cortadas num molde tão inequivocamente similar ao do homem mais velho que seria inconcebível imaginar fosse outra coisa senão seu filho. Czerda, sem dúvida avesso a falas ou gestos supérfluos, ergueu um sobrolho interrogativo e o filho acenou que sim, guiou-o até a estrada de terra, apontou e fez com a mão um movimento para baixo, de quem corta ou retalha.

A menos de cinquenta metros de onde estavam subia um afloramento compacto e quase vertical de rocha calcária branca, numa formação sem paralelo em qualquer parte do mundo, pois

sua base era alveolada por enormes entradas retangulares abertas por mãos humanas, e poder nenhum da natureza conseguiria reproduzir o lineamento impressionantemente geométrico dessas aberturas na face do penhasco; e uma delas era tremendamente grande, no mínimo dezoito metros de altura por não menos de largura.

Czerda fez que sim, apenas uma vez, virou-se e olhou a estrada à direita. Uma forma vaga destacou-se da sombra e levantou um braço.

Czerda retribuiu a saudação e apontou para a ribanceira calcária. Não houve resposta e, por certo, não era necessário que houvesse, pois o homem logo desapareceu, aparentemente rocha adentro. Czerda virou para a esquerda, localizou outro homem nas sombras, fez o mesmo gesto, depois pegou uma lanterna que entregou ao filho e caminharam os dois, rápida e silenciosamente, para a gigantesca entrada na face do penhasco. Ao andarem, o luar se refletiu nas facas que empunhavam, facas muito finas, de lâminas compridas e levemente curvas na ponta. Ao atravessarem a entrada da caverna, ouviram ainda distintamente os violinistas mudarem de ânimo e ritmo, irrompendo na cadência saltitante de uma dança cigana.

Logo depois da entrada, o interior abria-se e alteava até parecer a nave de imensa catedral ou gigantesca tumba da antiguidade. Tanto Czerda como o filho acenderam lanternas, cujos fochos potentes não alcançavam os mais distantes recantos dessa caverna feita pelo homem, pois sem dúvida nenhuma era obra humana, claramente visíveis, nas paredes, milhares de marcas verticais e horizontais deixadas por gerações de provençais há muito desaparecidas ao extraírem os enormes blocos de calcário para construções.

O solo da primeira gruta — já que, por vasta que fosse, era apenas a primeira de uma série — era marcado de buracos retangulares, alguns grandes o bastante para esconderem um automóvel, outros largos e fundos a ponto de enterrarem uma casa. Espalhados pelos cantos havia montes de pedras arredondadas mas, em maior parte, o chão parecia como se varrido naquele

mesmo dia. A direita e à esquerda da primeira gruta havia outras aberturas também grandes, total e impenetrável à escuridão além. Lugar condenado, implacável de hostilidade, assustador, ameaçador, cheirando à morte. Mas Czerda e o filho pareciam desapercebidos de tudo isso, de todo insensíveis; viraram e caminharam resolutos para a entrada da caverna à direita.

Bem no coração desse vasto mundo de calcário, um vulto leve, sombra mal discernível ao pálido luar que filtrava de uma fenda no teto da gruta, as costas grudadas à parede rochosa, os dedos abertos a apertados com força à pedra úmida atrás de si, na clássica posição enregelada do fugitivo acuado. Um rapaz, não mais de vinte anos, de calça escura e camisa branca. No pescoço, um crucifixo de prata em fina correntinha também de prata. O crucifixo subia e descia, subia e descia em regularidade metronômica quando o ar raspava para dentro e para fora da garganta e os pulmões arquejantes tentavam em vão satisfazer as exigências de um corpo que não mais podia absorver oxigênio com a rapidez necessária. Dentes alvos apareciam no que seria um sorriso mas não era, mesmo que os lábios repuxados para trás no ricto de terror pudessem assim parecer. As narinas dilatavam-se, os olhos escuros abertos e vigilantes, o rosto mascarado de suor como se lambuzado de glicerina. Era o rosto de um menino com dois demônios montados nos ombros, já quase no fim da resistência física, o conhecimento da inevitabilidade da morte deflagrando o pânico insensato e irrecorrível que lança um homem pela borda do abismo às profundezas irracionais da loucura.

Por um momento, a respiração do fugitivo parou inteiramente, quando percebeu duas manchas de luz dançantes no chão da caverna. Os fachos oscilantes, intensificando-se cada vez mais, vinham da passagem à esquerda. Por um instante o jovem cigano ficou como que petrificado; mas se a razão o abandonara, o instinto de sobrevivência agia ainda independentemente, pois com um áspero soluço ele se lançou para longe da parede e correu para a entrada da caverna à direita, as sapatilhas de lona silenciosas no chão rochoso. Dobrou uma quina, de repente reduziu a marcha, Tateando com as mãos à frente, como se à espera de que os olhos

se acostumassem à escuridão mais intensa; depois passou devagar à gruta seguinte, a respiração doendo no peito e fazendo eco numa série de sussurros vindos das invisíveis paredes em torno. xxx Czerda e o filho, os focos luminosos, a medida que avançavam, vasculhando sem cessar num arco de 180 graus, entravam confiantes na passagem arcada que ligava a caverna de entrada àquela que acabava de ser deixada pelo fugitivo. A um gesto de Czerda, pararam e cuidadosamente examinaram os mais fundos recessos da caverna, que estava absolutamente vazia. Czerda fez um gesto com a cabeça, quase de satisfação, e soltou um assobio característico, abafado e em dois tons.

Em seu esconderijo, que não era de modo algum um esconderijo, o jovem cigano pareceu encolher. Seus olhos apavorados voltaram-se na direção de onde parecia vir o assobio. Quase ao mesmo tempo, ouviu outro assobio idêntico, mas vindo de outra direção do labirinto subterrâneo.

Automaticamente, seu olhar procurou a origem da nova ameaça, e sua cabeça então torceu para a direita, ao ouvir um terceiro assobio, exatamente do mesmo timbre e volume dos anteriores. Seus olhos arregalados tentaram desesperados localizar esse terceiro perigo, mas nada havia que se pudesse ver senão a escuridão total, e som nenhum que interrompesse o premente silêncio, exceto o arranhar distante dos violinos ciganos, um remoto lembrete daquele outro mundo mais seguro e mais são, e que serviu apenas para intensificar a sinistra imobilidade no âmago daquele abobadado lugar de horror.

Por alguns instantes ele parou, louco de medo agora, e inteiramente irresoluto; depois, a espaço de segundos, soaram de novo os duplos assobios, desta vez bem mais perto, muito mais perto, e quando ele viu de novo o débil fecho de luz das duas lanternas que já vira antes, virou-se e correu na única direção que parecia oferecer momentâneo alívio, sem pensar nem cuidar do fato de que a qualquer momento bateria de cara no paredão final de calcário. A razão lhe diria isso, mas não estava em condições de raciocinar: apenas o instinto, não mais que o velho instinto a lhe dizer que o homem não morre antes da hora.

Mal dera meia dúzia de passadas quando um forte jato de luz apareceu menos de dez metros à sua frente. O fugitivo parou bruscamente, tropeçou sem cair, abaixou o antebraço que num reflexo levava aos olhos para protegê-los, e pela primeira vez olhou verdadeiramente, com os olhos quase fechados, num esforço semiconsciente de identificar a extensão e a imediação do novo perigo com que se defrontava; mas tudo o que seus olhos distinguiram, vagamente, foi um vulto disforme por trás da lanterna. Então, vagorosamente, muito vagorosamente, a outra mão do homem foi aparecendo até ficar toda iluminada pela luz da lanterna: essa mão empunhava uma faca curva e maligna, que reluzia intensamente ao foco da lanterna. Punhal e luz avançavam devagar à frente.

O fugitivo girou, deu dois passos, então parou outra vez, como antes.

Dois outros focos, também clareando lâminas, estavam pouco mais distantes que o homem de trás. O que apavorava, o que era de arreentar os nervos, naquele avanço medido dos três, era aquela certeza lenta e infalível.

"Ora vamos, Alexandre", disse Czerda, persuasivo. "Somos velhos amigos, não somos? Não quer mais saber de nós?" Alexandre soluçou e atirou-se para a direita, na direção em que a luz dos três fochos mostrava a entrada de outra caverna. Arquejante como um cervo na hora exata em que os cães o abatem, correu cambaleante para a abertura. Nenhum dos três perseguidores procurou interceptá-lo ou persegui-lo; simplesmente o seguiram, de novo como aquela deliberada falta de pressa.

No interior da terceira caverna, Alexandre parou e olhou doidamente em volta. A gruta era pequena, pequena o bastante para que visse que todas as paredes eram sólidas, hostil e irremediavelmente sólidas, sem sequer a mínima abertura a oferecer qualquer esperança de mais um refúgio. A única saída era aquela por onde entrara, de modo que era o fim da linha.

Foi então que sua mente, por embotada que estivesse, percebeu que havia algo diferente nessa determinada gruta. Seus perseguidores não estavam mais à vista com os fochos de luz;

então, por que enxergava tão bem? Não com nitidez, pois não havia luz bastante para tanto, mas bem o suficiente para contrastar com a treva tenebrosa da caverna da qual saíra.

Quase a seus pés havia um montão de pedras e areia, resultado evidente de algum grande desmoronamento ou afundamento passado. Instintivamente, Alexandre olhou para o alto. A pilha de pedras, num ângulo de 40 graus da horizontal, parecia não ter fim. Simplesmente ia subindo sem parar, e Alexandre aos poucos levantou os olhos e foi vendo que a rampa subia quase vertical pelo menos uns vinte metros até acabar. E onde acabava não tinha fim... pois ali, no topo mesmo, havia a mancha circular do céu apinhado de estrelas. Por ali vinha a luz, percebeu ele aturdido, por onde o teto afundara num passado distante.

Seu corpo estava já além da exaustão, mas agora algum impulso primevo aparecera e o corpo não era dono de si, mais ou menos da mesma forma como a sua mente deixara de se controlar. Sem um relance para ver se os perseguidores estavam ou não à vista, Alexandre atirou-se para a enorme pilha de pedras soltas e começou a abrir caminho, à unha, para o alto.

A pilha de pedras era instável e perigosa, impossível de pisar com segurança, de modo que ele escorregava trinta centímetros para baixo a cada vinte que conseguia subir, mas ainda assim logrou ir galgando a rampa íngreme de entulho escorregadio, contra todas as leis da gravidade e as demais que teriam detido alguém em seu sentido normal.

Cerca de um terço do caminho, cômico do aumento do volume de iluminação atrás de si, parou rapidamente e olhou para baixo. Havia três homens parados ao pé da rampa de pedras, as lanternas acesas ainda nas mãos, olhando para cima, para ele, mas sem qualquer tentativa de segui-lo. Por estranho que parecesse, os fochos de luz não apontavam para o alto, mas dirigiam-se para o solo, a seus pés. Mesmo que a mente confusa de Alexandre fosse capaz de registrar essa estranheza, faltar-lhe-ia tempo para meditar, pois sentiu a precária escora de seus pés e mãos cedendo

sob si e recomeçou a agarrar-se de qualquer maneira ao que pudesse, para continuar subindo.

Os joelhos doíam terrivelmente, as pernas fraquejavam, as unhas partidas, as palmas sangrentas rasgadas até quase os ossos. Ainda assim, Alexandre continuou subindo.

A dois terços do topo, foi forçado a parar segunda vez, não porque quisesse mas porque, por um instante, os membros sangrentos e músculos dormentes não puderam levá-lo mais à frente. Deu uma olhadela para baixo e os três homens na base da pilha de pedras estavam tal como antes, imóveis, os focos de luz apontando ainda o solo, os três olhando para o alto. Havia uma intensidade em sua imobilidade, uma aura curiosa de expectativa. Vagamente, bem lá no fundo dos recessos toldados do que lhe restava da mente, Alexandre imaginou por quê. Virou a cabeça, olhou para o céu estrelado acima, e entendeu.

Um homem, iluminado ao forte luar, sentava na borda do buraco. O rosto em parte oculto, mas Alexandre não teve dificuldade em distinguir o bigode cheio e o brilho dos dentes alvos. Parecia sorrir. Talvez sorrisse mesmo. A faca em sua mão esquerda era tão visível quanto a lanterna na direita. E ele acendeu a luz quando escorregou para dentro da beira do buraco. O rosto de Alexandre não mostrou reação, pois nada lhe restava com que reagir. Por instantes ficou imóvel, enquanto o homem do bigode escorregava em sua direção, provocando um pequeno alude de pedras, e então tentou desesperadamente saltar para o lado a fim de evitar o impacto e o punhal do seu perseguidor, mas, devido à afobação e ao fato de estar agora recebendo a torrente de pedras soltas, perdeu o equilíbrio e foi rolando a esmo pela rampa, batendo aqui e ali incontrolavelmente, sem a mínima esperança de conseguir reequilibrar-se.

Tão traiçoeira se tornara a superfície desmoronada que mesmo o seu perseguidor só foi capaz de manter o equilíbrio dando passadas enormes encosta abaixo, indicando-se o volume da torrente de pedras e terra que se abatia no fundo da caverna pela vivacidade com que os três homens em baixo recuaram pelo menos dez passos. Nesse instante chegou um quarto homem, que acabara

de vir pela entrada da gruta, logo alcançados os quatro pelo perseguidor imediato de Alexandre, cujas amplas passadas o levaram a ultrapassar o rapaz que ainda rolava em meio à pedraria.

Alexandre caiu pesadamente no chão, os braços instintivamente dobrados por cima da cabeça, para protegê-la da queda de pedras que durante alguns segundos continuou maltratando-lhe o corpo até cessar completamente. Durante segundos ele permaneceu ainda aturdido, sem compreender; depois, ficou de quatro, até conseguir enfim erguer-se cambaleante nos pés. Olhou para o semicírculo de cinco homens, cada qual de faca na mão, convergindo inexoravelmente para si, e então sua mente venceu enfim a incompreensão. Mas já não tinha aquele ar de animal perseguido, pois superara todos os terrores da morte e estava agora acima de tudo isso. Então, destemido, já que nada restava para temer, pôde olhar de frente a morte. Ficou quieto e esperou que chegasse.

Czerda parou, colocou a última pedra em cima da pilha formada na base do desmoronamento, endireitou-se, apreciou o trabalho feito, acenou com aparente satisfação e fez um gesto para que os outros saíssem da gruta.

Eles saíram. Czerda lançou um derradeiro olhar ao montículo alongado, acenou outra vez com a cabeça e saiu também.

Uma vez fora da primeira caverna, chegando ao que agora parecia uma claridade intolerável — o forte luar sobre os Alpillles — Czerda chamou o filho, que retardou o passo e ficou para trás dos outros.

Czerda perguntou baixinho: "Mais algum suposto delator entre nós, hem, Perene?" "Não sei." Perene encolheu os ombros, em dúvida. "Josef e Pauli, não confio. Mas quem pode ter certeza?" "Mas vai ficar de olho neles, não vai, Perene? Exato como vigiou o pobre do Alexandre." Czerda benzeu-se. "Que Deus lhe dê repouso à alma." "Vou vigiá-los, Pai." Perene achou que não precisava dizer mais nada.

"Estaremos no hotel dentro de uma hora. Acha que ganharemos muito dinheiro esta noite?" "Quem se importa com os níqueis que os vadios e os tolos ricos jogam para nós? Nosso

pagador não está naquele maldito hotel-, mas o maldito hotel é por nós visitado há gerações e temos de continuar a visitá-lo." Czerda suspirou fundo. "As aparências é que valem, meu filho, a aparência é tudo. Nunca esqueça isso." "Está bem, Pai", respondeu Perene, obediente. E rapidamente escondeu a faca.

Sem ruídos e sem serem vistos, os cinco ciganos voltaram ao acampamento e sentaram-se, a discreta distância um do outro, na orla exterior da plateia ainda absorta ouvindo a triste melodia, quando os violinos entraram no crescendo final. Os braseiros começaram a apagar-se, apenas desprendendo débil luz avermelhada quase invisível no intenso luar.

Então, subitamente e em esplêndido floreio, a música cessou, os violinistas curvaram-se e a plateia aplaudiu e gritou com entusiasmo, tal como o próprio Czerda, que bateu palmas como se acabasse de ouvir Heifetz no auge de sua classe no Carnegie Hall. Contudo, ainda enquanto aplaudia, seus olhos vagaram para longe dos violinistas, para bem longe da plateia e do acampamento cigano, até encontrar de novo a face esburacada do penhasco calcário onde uma gruta há pouco se tornara tumba.

1

As ameias nos penhascos de Les Baux, fendidas e rasgadas como se por um machado gigante, e os restos arrebatados, sombrios, terríveis da própria velha fortaleza, são as mais assustadoramente desoladas ruínas de toda a Europa. Pelo menos é o que diz o guia turístico local, que prossegue: Séculos depois de sua morte, Les Baux é ainda uma tumba aberta, um monumento pavoroso e pavorosamente adequado a uma cidade medieval que viveu violentamente e pereceu em agonia: olhar para Les Baux é olhar a face da morte imperecivelmente lavrada em pedra.

Bem, talvez seja um pouco exagerado, quem sabe? pois os livretos turísticos tendem a ser hiperbólicos, mas o leitor médio e desprevenido entenderia à risca e daria cambalhotas se algum tio rico lhe deixasse o lugar em testamento. Sem dúvida nenhuma, é a coleção mais inóspita, árida e desacolhedora de alvenaria quebrada e destroçada em toda a Europa Ocidental, uma destruição absoluta e horrível que foi obra de grupos de demolição do século XVII, que levaram um mês e só Deus sabe quantas toneladas de pólvora para reduzir Les Baux ao presente estado de total devastação; aceitar-se-ia também prontamente que o mesmo efeito pudesse ser atingido em alguns segundos com uma bomba atômica; tal era o estado de aniquilação total da velha fortaleza. Mas ainda vivia gente ali, vivia, trabalhava e morria.

No sopé da face ocidental do penhasco vertical de Les Baux existe uma área que complementa perfeitamente a paisagem e que se chama sombria e justamente de Vale do Inferno, em parte pela desolação árida de sua posição, entre as ameias de Les Baux, a leste, e um espigão dos Alpilles a oeste, e em parte porque, no Verão, essa ravina funda que abre apenas para o sul pode tornar-se absolutamente insuportável de tão quente.

Um trecho há, porém, exatamente na extremidade norte deste sinistro fundo de saco, que contrasta total e inacreditavelmente

com os ermos abandonados e batidos que o contornam, um oásis verde, luxuriante e adorável que poderia ser tirado diretamente das páginas de um conto de fadas.

Em resumo, trata-se de um hotel, um hotel construído entre árvores, com jardins de desenho exótico e uma resplandecente piscina azul. Os jardins dão para o sul, a imaculada piscina fica no centro, além dela um vasto pátio sombreado de árvores, e finalmente o hotel em si, com sua derivação arquitetural suposta do cruzamento de um monastério trapista com uma fazenda espanhola. É, na realidade, um dos melhores e — quase por definição — um dos mais exclusivos e caros hotéis do sul europeu.

À direita do pátio principal, ao qual se chega por um lance de escadas, existe outro grande pátio lateral, do qual, para o sul, por uma arcada aberta numa cerca viva esplendidamente esculpura, atinge-se um parque de estacionamento grande e retangular, com todas as vagas convenientemente protegidas do sol quente do Verão por uma cobertura de vime entrelaçado.

O pátio principal é discretamente iluminado por lâmpadas quase invisíveis pendentes das duas grandes árvores que dominam quase toda a área, encobrendo as quinze mesas espalhadas pelas lajes de pedra e sofisticadamente separadas umas das outras. As próprias mesas são algo inesquecível. Os talheres cintilam; a louça reluz; os cristais fulguram.

E não é preciso dizer que a comida é soberba e o Châteauneuf é uma delícia, pois o silêncio reinante entre os deleitados comensais só teria paralelo na mudez reverente que se sente nas grandes catedrais do mundo.

Todavia, mesmo nesse paraíso gastronômico, havia uma nota discordante.

Esta nota discordante pesava mais de 100 quilos e falava o tempo todo, inclusive com a boca cheia. É evidente que entretia todos os presentes, pois seria capaz de entretê-los mesmo que estivessem despencando em massa pela face norte do Monte Eiger. Para começar, sua voz era invulgarmente alta, mas não à moda artificial dos novos ricos ou dos membros mais empobrecidos da aristocracia inferior, que se sentem obrigados a chamar a atenção

das ordens menores para a existência de uma raça superior do homo sapiens. Este era o artigo genuíno: pouco lhe importava que os outros o escutassem ou não. Era um homenzarrão, alto, largo e robustíssimo: os botões que seguravam as abas repuxadas do seu dinner-jacket deviam ser costurados com cordas de piano. Tinha cabelos pretos, bigode preto, cavanhaque muito bem frisado e monóculo de aro negro pelo qual examinava atendo o enorme cardápio que segurava. Sua companheira de mesa era uma pequena entre vinte e trinta anos, com um minivestido azul e de uma beleza absolutamente extravagante num estilo mais para o lânguido. Naquele instante, ela olhava com certo espanto o companheiro barbado, que batia palmas imperiosamente, gesto que resultou no aparecimento quase instantâneo do gerente do restaurante, todo de preto, do chefe dos garçons, de gravata branca, e de um garçom auxiliar, de gravata preta.

"Encore", exclamou o homem da barbicha. Em retrospecto, o seu gesto convocador do grupo de serviço parecia perfeitamente supérfluo, pois sua voz seria ouvida da cozinha sem problemas.

"Perfeitamente." O gerente curvou-se. "Outro entrecôte para o Duque de Croytor. Imediatamente."

O garçom-chefe e o ajudante curvaram-se juntos, voltaram-se e saíram em discreto trote mal afastados uns três metros da mesa. A loura encarou o Duque de Croytor com ar divertido.

"Mas, Senhor Duque..."

"Charles para você", o Duque de Croytor interrompeu-a com decisão. "Os títulos não me impressionam, embora por aqui me chamem de Grão-Duque, sem dúvida por causa da minha impressionante circunferência, do meu impressionante apetite e da minha maneira nobre de tratar com as ordens inferiores. Mas para você, minha querida Lila, apenas Charles." A moça, visivelmente embaraçada, disse alguma coisa em voz baixa que aparentemente o homem não ouviu, pois não perdeu tempo em dar a perceber sua ducal impaciência.

"Fale alto, fale alto! Um pouco surdo deste ouvido, sabe como é."

Ela falou. "Quero dizer... acabou de comer um enorme entrecôte..."

"Nunca se sabe quando virão os anos de fome", disse o Grão-Duque em tom grave. "Lembre-se do Egito. Ah!" O garçom-chefe, com impressionante escolta, depôs um monstruoso bife diante dele com a ritual solenidade da apresentação das joias da coroa, exceto porque, com toda a certeza, tanto o garçom como o Grão-Duque, evidentemente, considerariam sempre o entrecôte infinitamente acima dessas ninharias. O garçom-ajudante depositou sobre a mesa uma vasta travessa de batatas com creme e outra de verduras, enquanto um terceiro garçom baixava reverente um balde de gelo, contendo duas garrafas de rose, na mesinha lateral.

"Pão para o Senhor Duque?" perguntou o gerente.

"Você sabe muito bem que estou de dieta." Ele falou como se fosse verdade, mas logo depois, nitidamente como que em segunda reflexão, virou-se para a loura. "Talvez a Senhorita Delafont..." "Não, obrigada." Quando os garçons se afastaram ela olhou fascinada o prato. "Em vinte segundos..." "Eles me conhecem", murmurou o Grão-Duque. "É difícil falar claramente com a boca cheia de entrecôte."

"E não compreendo..."

Lila Delafont encarou-o interrogativamente. "Não compreendo, por exemplo, por que havia de me convidar..." "Exclusive o fato de que ninguém jamais nega coisa alguma ao Grão-Duque, há quatro razões." Quando se é um duque, pode-se interromper sem pedir desculpas. Ele sugou quase meio litro de vinho e sua dicção melhorou sensivelmente. "Como disse, nunca se sabe quando chegarão os anos de fome." Seus olhos percorreram-na apreciativamente, para que ela não deixasse de entender o que queria dizer. "Conheci... conheço... seu pai, o Conde Delafont, muito bem... minhas credenciais são inatacáveis. Você é a mais bela pequena à vista. E está sozinha." Lila, visivelmente embaraçada, baixou a voz, mas não adiantou. Nessa altura, é claro que todos os presentes consideravam um lesa-majestade qualquer conversa entre si enquanto o Duque de Croytor ocupasse a tribuna, de modo que o silêncio era absolutamente total.

"Não estou sozinha; nem sou a mais bela moça à vista Nem uma nem outra." Ela sorriu, desculpando-se, como se receosa de ter sido ouvida, e acenou na direção de uma mesa próxima. "Pelo menos enquanto a minha amiga Cecile Dubois estiver aqui."

"A pequena com quem estava hoje cedo?" "Meus ancestrais e eu sempre preferimos as loiras." Seu tom deixava pouca dúvida de que as morenas eram para os plebeus. Relutante, ele largou o garfo e a faca e olhou enviesado. "Passável, passável, devo admitir." E baixou a voz a um tom conspiratório que não podia ser ouvido a mais de cinco metros. "Sua amiguinha, é? Então, quem é aquele vagabundo com cara de acabado que está com ela?" Sentado a uma mesa a três metros de distância e claramente ao alcance da voz do Grão-Duque, um homem tirou os óculos de aros de tartaruga e os fechou com um ar de finalidade; vestia terno de gabardine cinza, caro e de corte conservador, era alto, de ombros largos, cabelos negros e por um triz escapava de ser belo, pela ligeira irregularidade do rosto queimadíssimo de sol. A mulher que o acompanhava, alta, morena, sorridente e com expressão divertida nos olhos verdes, pegou-lhe o pulso com mão moderadora.

"Por favor, Sr. Bowman. Não vale a pena, vale? Pense bem!" Bowman encarou o rosto sorridente e acalmou-se. "Sinto-me fortemente tentado, Senhorita Dubois, fortemente tentado." Esticou o braço para o copo de vinho mas sua mão parou no caminho, ao escutar a voz de Lila, desaprovadora, defensiva.

"Para mim parece mais um pugilista peso-pesado." Bowman sorriu para Cecile Dubois e levantou o copo.

"De fato."

O Grão-Duque mandou para dentro mais meio copo de rose. "Mas com uns vinte anos a mais no lombo." O vinho derramou-se pela mesa quando Bowman arriou o copo com uma força que devia ter estraçalhado o fino cristal. Pôs-se abruptamente em pé, apenas para verificar que Cecile, além de todos os outros refinamentos, era dona de excelentes reflexos. Levantava-se tão depressa quanto ele, insinuou-se entre Bowman e a mesa do Grão-Duque, pegou-lhe o braço e o empurrou suave mas firmemente em direção à piscina; e os dois pareceram a todo o mundo como um casal que acabasse de

jantar e decidiu dar uma voltinha para a digestão. Bowman aceitou, embora com evidente relutância.

Tinha o ar de quem teria enorme prazer em meter a mão na cara do Grão-Duque, embora capaz de conter-se para evitar constrangimento a uma mulher.

"Sinto muito", ela lhe apertou o braço, "mas Lila é minha amiga. Não quero que fique embaraçada." "Ha! Não quer que ela fique embaraçada. Não lhe importa, pelo visto, que eu fique embaraçado?"

"Oh, por favor. Bobagens, sabe muito bem. Para mim, não parece nem um pouquinho acabado." Bowman encarou-a desconfiado, mas não havia malícia no olhar dela, apenas um sorriso alegre mas sério e amigável. "Olhe, sei muito bem que ninguém gosta de ser chamado de vagabundo. A propósito, o que é mesmo que você faz? Apenas para o caso de eu ter de defendê-lo perante o Duque... oralmente, é claro." "Para o diabo com o Duque." "Isso não responde a minha pergunta."

"E a pergunta é muito boa, mesmo." Bowman parou para pensar, tirou os óculos e os limpou. "Na verdade, não faço coisa nenhuma." Estavam agora na extremidade mais afastada da piscina. Cecile tirou a mão do braço dele e o encarou sem qualquer entusiasmo especial.

"Vai me dizer, Sr. Bowman..." "Chame-me de Neil. Todos os amigos me chamam de Neil." "Faz amizades com muita facilidade, não?" perguntou ela com uma lógica inconsequente.

"Sou assim mesmo", respondeu Bowman com simplicidade.

Ela não ouviu, ou, se ouviu, fingiu que não. "Quer dizer que nunca trabalhou? Nunca fez coisa alguma?" "Nunca." "Não tem emprego? Não aprendeu coisa nenhuma? Não sabe fazer nada?" "Por que iria dar duro?" Explicou, Bowman, razoavelmente. "Meu velho ganhou milhões. Aliás, continua ganhando. Uma geração sim, outra não, precisa levar vida mansa, não acha?... uma espécie de recarga das baterias da família. Além disso, não preciso de emprego." E terminou, piedoso: "Longe de mim privar algum pobre coitado que realmente necessite." "Dentre todas as alegações capciosas... Como pude me enganar com um homem assim?" "As

peças estão sempre se enganando comigo", disse Bowman com tristeza.

"Você não. Referia-me ao Duque. Sua percepção."

Ela sacudiu a cabeça, mas de um modo que parecia mais exasperada afeição do que fria condenação. "Você é realmente um vagabundo que não quer nada, Sr. Bowman."

"Oh, é incorrigível." Pela primeira vez ela mostrou irritação. "E invejoso."

Bowman pegou-lhe o braço quando se aproximaram outra vez do pátio e, porque ele não estava rindo, ela não procurou retirá-lo.

"Invejoso de você. Do seu espírito, quero dizer. Sua economia de um ano inteiro, e a frugalidade. Para vocês, duas garotas inglesas conseguirem manter-se aqui, a 200 libras esterlinas por semana cada uma, com o seu salariozinho de datilógrafa ou coisa que o valha..." "Lila Delafont e eu estamos aqui colhendo material para um livro." Ela tentou parecer severa, mas não conseguiu.

"Sobre que assunto?" perguntou Bowman delicadamente.

"Culinária provençal? Editores não costumam conceder essa espécie de adiantamento tão duvidoso. Então, quem paga a despesa? A UNESCO? O Conselho Britânico?"

Bowman encarou-a de perto pelos óculos de aros de tartaruga, mas sem dúvida ela não era do tipo que encabula. "Façamos então uma trégua silenciosa a respeito dos nossos bons papais, tá bem? Uma trégua, meu bem. Isto está bom demais para estragar. Uma bela noite, uma bela refeição, uma bela mulher."

Bowman ajeitou os óculos e examinou o pátio.

"Sua amiguinha também não é ruim, não. Quem é o cara com ela?"

Ela não respondeu logo, provavelmente por estar momentaneamente hipnotizada pelo espetáculo do Grão-Duque empunhando vastíssimo copo bojudado de rose numa das mãos, enquanto a outra dirigia as atividades do garçom que parecia estar transferindo todo o conteúdo do carrinho de sobremesas para o prato dele. Lila Delafont estava quase de boca aberta.

"Não sei. Diz que é amigo do pai dela." Ela olhou para o outro lado com certa dificuldade, avistou e chamou o gerente do

restaurante. "Quem é o cavalheiro com a minha amiga?" "O Duque de Croytor, Madame. Um produtor de vinho muito famoso."

"Mais provavelmente um muito famoso bebedor de vinho."

Bowman desdenhou o olhar desaprovador de Cecile. "Costuma andar muito por aqui?"

"Nos últimos três anos, sempre nesta época."

"A comida é especialmente boa nesta temporada?"

"A comida aqui, Senhor, é esplêndida em qualquer época." O gerente não achava graça. "O Senhor Duque vem para o festival cigano anual de Saintes-Maries." Bowman deu outra olhadela para o Duque de Croytor, que metia a colher na sobremesa com um encantamento apenas superado pela rapidez da operação.

"É fácil perceber por que precisa de todo um balde de gelo", comentou Bowman. "É para esfriar os talheres. Não percebo sinal nenhum de sangue cigano ali."

"O Senhor Duque é um dos mais proeminentes folcloristas da Europa", disse o gerente com severidade, acrescentando, em suave indireta: "É o estudo dos antigos hábitos, Sr. Bowman. Há séculos os ciganos vêm de toda a Europa, em fim de maio venerar e adorar as relíquias de Sara, sua santa padroeira. O Senhor Duque escreve um livro a respeito disso."

Bowman comentou: "Este lugar está repleto dos mais improváveis escritores que se possa imaginar."

"Não entendi, Senhor."

"Pois eu entendi perfeitamente." Bowman observou que aqueles olhos verdes sabiam também ser muito frios.

"Não é preciso... Que é isso, meu Deus?"

2

O ruído, de início distante mas aos poucos crescente, de inúmeros motores em marcha lenta dava a impressão de um regimento de tanques em movimento. Olharam todos para o pátio lateral quando o primeiro dos muitos caminhões ciganos subiu roncando a íngreme e sinuosa rampa que levava ao hotel. Uma vez no pátio, os primeiros carros começaram a arrumar-se em filas certinhas em torno do espaço livre, enquanto os outros cruzaram a arcada na sebe, rumo ao parque de estacionamento adiante. O barulho, bem como o cheiro da fumaça de gasolina e óleo diesel, embora não exatamente indescritíveis nem insuportáveis, contrastavam acentuadamente com a luxuosa tranquilidade do hotel e, até certo ponto, desconcertavam, tanto assim que o Grão-Duque por um momento até parou de comer. Bowman olhou para o gerente do restaurante, que fitava as estrelas e obviamente comungava intimamente do desgosto geral: "A matéria-prima do Senhor Duque?" perguntou Bowman.

"Realmente, Senhor."

"E agora? Divertimentos? Música de violinos ciganos? Roletas? Tiro ao alvo? Pipocas e algodão? Buenas-dichas?"

"Receio que sim, Senhor."

"Meu Deus!"

Cecile então falou com clareza: "Esnobe!"

"Receio, Madame", disse o gerente, em voz distante, "que minhas simpatias estejam com o Sr. Bowman. Mas é um velho costume, e não temos a intenção de ofender nem os ciganos nem a população local."

Tornou a olhar para o terreno e franziu o cenho. "Com licença, por favor."

Desceu apressadamente os degraus e seguiu para onde um grupo de ciganos discutia acaloradamente. Os principais protagonistas eram um cigano aí entre os quarenta e cinquenta

anos, cara de águia, parrudão, e uma cigana mais ou menos da mesma idade, em evidente desespero e dando a impressão de estar a pique de cair em pranto.

"Vem?" Bowman perguntou a Cecile.

"Quê? Eu descer lá?"

"Esnobe!"

"Mas você disse..."

"Vagabundo ocioso talvez eu seja, mas sou também um estudioso atento da natureza humana."

"Quer dizer é que é abelhudo?"

"Sou." Bowman pegou-lhe o braço relutante e armou um passo mas de repente parou e, cortesmente, chegou para o lado a fim de permitir a passagem do afoito Grão-Duque, se é que um homem daquele porte podia ser descrito como capaz de afoiteza, seguido de perto por uma Lila claramente relutante. Ele empunhava um caderno de notas e tinha no olhar o que parecia ser um brilho de folclorista. Contudo, por muito que se empenhasse na busca de informações, não esquecera de fortalecer-se com uma enorme maçã vermelha que ia mordendo sem parar. O Grão-Duque era desse tipo de gente que sempre fez valer suas prioridades.

Bowman, com a hesitante Cecile atrás, seguiu em passo mais vagaroso.

Quando estavam a meio caminho na escada, um jipe apareceu entre os caminhões da frente, três homens embarcaram e o jipe desceu a encosta em velocidade. Quando Bowman e a moça chegaram perto do bolo de gente onde o cigano tentava em vão tranquilizar a mulher que já chorava, o gerente do restaurante saiu do grupo e subiu correndo os degraus. Bowman barrou-lhe a passagem.

"O que está havendo?"

"A mulher diz que o filho desapareceu. Mandaram um grupo de busca descer pela estrada."

"Oh!" Bowman tirou os óculos. "Mas gente não desaparece assim tão simplesmente."

"É o que também acho. Por isso vou chamar logo a polícia." E correu para o telefone.

Cecile, que seguira Bowman sem grandes mostras de entusiasmo, disse apenas: "Por que tanta confusão? Por que a mulher está chorando?"

"O filho dela sumiu."

"E depois?"

"Só isso."

"Quer dizer que nada lhe aconteceu?"

"Que se saiba, não."

"Pode haver uma dúzia de motivos. Não sei por que precisa ficar desse jeito."

"Ciganos", disse Bowman à guisa de explicação. "Muito emotivos. Muito agarrados aos filhos. Você tem filhos?"

Ela não era tão tranquila como parecia. Mesmo à escassa luz, não foi difícil ver o toque rubro nas bochechas. Ela disse: "Não é decente."

Bowman piscou, encarou-a e respondeu: "Não, não é. Perdoe-me. Não foi o que quis dizer. Se tivesse filhos e um desaparecesse, você reagiria assim?"

"Não sei."

"Já pedi desculpas."

"É claro que ficaria preocupada." Ela não era capaz de guardar ou ressentimento mais que um instante. "Talvez ficasse terrivelmente preocupada. Mas não ficaria tão... tão violentamente chorosa, tão histérica, pelos menos enquanto não..."

"Enquanto não, o quê?"

"Oh, sei lá. Quero dizer, se tivesse motivos para acreditar que... que..."

"Então?"

"Sabe perfeitamente bem o que estou querendo dizer."

"Eu nunca sei o que as mulheres querem dizer, mas desta vez posso adivinhar", disse Bowman tristemente.

Recomeçaram a caminhar mas literalmente esbarraram no Grão-Duque e em Lila. As moças conversaram e Bowman percebeu que eram inevitáveis as apresentações. O Grão-Duque apertou-lhe a mão: "Encantado, encantado", mas era evidente que não estava nem um pouquinho encantado, apenas que a aristocracia sabe

comportar-se. Bowman notou que ele não tinha a mão mole e macia que seria de esperar; a mão era dura, e o aperto, o de um homem forte cuidando para não apertar demais.

E ele logo anunciou: "Fascinante", dirigindo-se exclusivamente às duas moças. "Sabem que todos esses ciganos procedem do lado de lá da Cortina de Ferro? Húngaros e romenos, a maioria. O chefe, sujeito chamado Czerda — conheci-o ano passado, é aquele ali com a mulher —, veio do Mar Negro, andou tudo isso."

"Mas, e as fronteiras?" perguntou Bowman. "Especialmente entre o Leste e o Oeste?"

"Hein? Quê? Hã?" Finalmente ele tomou conhecimento de Bowman. "Viajam sem impedimentos, principalmente quando todo mundo sabe que fazem sua peregrinação anual. Todo mundo tem medo deles, imaginam que tenham mau olhado, que façam feitiçarias e roguem pragas contra os que os ofendem; e os comunistas acreditam tanto nisso quanto qualquer outra gente, até mais, pelo que sei. Bobagem, é claro, pura conversa fiada. Mas o que importa é aquilo em que as pessoas creem. Vamos, Lila, vamos. Tenho a impressão de que hoje não estejam muito dispostos a cooperar."

Afastaram-se os dois. Depois de dar alguns passos, o Duque parou e olhou em torno. Demorou o olhar um pouco na direção deles, depois tornou a andar, sacudindo a cabeça. "Uma lástima", disse ele a Lila, no que provavelmente imaginava "a cor dos cabelos dela." E seguiram.

Bowman acrescentou, carinhoso: "Não se incomode. Gosto de você assim como é."

Ela apertou os lábios e acabou rindo. Cecile Dubois não era de guardar ressentimentos.

"Ele está certo, você sabe." Ela agarrou-lhe o braço... tudo perdoado... e quando Bowman ia explicar que as convicções ducais sobre a superioridade intrínseca do cabelo louro não levavam a marca da infalibilidade divina, ela prosseguiu, gesticulando para mostrar o que havia em volta: "É de fato extremamente fascinante."

"Se gosta de ambiente de circo e parque de diversões", respondeu Bowman em tom chateado. "Duas coisas que me levam a longas caminhadas para evitar, então creio que seja. O que admiro é a especialização."

Inegável que os ciganos eram especializados, sem dúvida nenhuma, na tarefa a que se dedicavam naquele instante. A habilidade, rápida e coordenada, com que montaram as várias barracas e outros locais de entretenimento foi notável. Em coisa de minutos, puseram em condições de funcionar as barracas de sorteios, a galeria de tiro, nada menos de quatro tendas de leitura de mãos, uma tendinha de comida, uma de algodão doce, duas para venda de peças de vestuário ciganas de colorido brilhante, e, por estranho que parecesse, um viveiro grande de mainás, evidentemente possuídos da habitual tendência homicida dessa espécie de pássaros. Um grupo de quatro ciganos, empoleirados nos degraus de um dos carros, começou a tocar ao violino a comovente música centro-europeia. As áreas dos pátios lateral e de estacionamento estavam já apinhadas de gente a ponto quase de incomodar, gente circulando lentamente em volta, hóspedes do hotel, hóspedes talvez também de outros hotéis, aldeões de Les Baux, e grande número dos próprios ciganos. Uma amostragem tão variada de humanidade como se poderia esperar, partilhavam todos, naquele momento, do que parecia ser uma ideia quase unânime, pois todos, do Grão-Duque para baixo, estavam claramente divertindo-se, com a notável exceção do gerente do restaurante, parado no alto da escadaria observando a cena com o ar desesperado e a martirizada resignação de um crítico musical vendo o Metropolitan ser tomado por um festival hippie.

Um policial surgiu na entrada do pátio. Era corpulento, corado, e transpirava abundantemente, na certa considerando a ascensão em bicicleta por aquela estrada íngreme como uma forma dolorosa de passar uma tranquila e quente noite de maio. Encostou a bicicleta no muro exatamente quando a cigana chorosa levou as mãos ao rosto, virou-se e correu para um carro pintado de branco e verde.

Bowman cutucou Cecile. "Vamos até lá ver o que está havendo, tá bem?"

"Eu não vou. Não fica bem. Além disso, os ciganos não gostam de gente que bisbilhota."

"Bisbilhotar? Desde quando preocupar-se com um homem desaparecido é bisbilhotar? Faça como quiser." Quando Bowman se movimentou, o jipe apareceu de volta, derrapando numa freada desnecessária, embora de alta dramaticidade, no cascalho do pátio. O jovem cigano ao volante saltou e correu para Czerda e o policial. Bowman não estava muito longe, parado a uma distância discreta.

"Nada feito, Ferenc?" perguntou Czerda.

"Nem sinal dele, em parte nenhuma, pai. Batemos toda a região." O policial sacou um caderninho de notas preto. "Onde foi visto pela última vez?"

"A menos de dois quilômetros daqui, segundo a mãe dele", informou Czerda. "Paramos para comer não muito longe das cavernas."

O policial perguntou a Perene: "Procurou lá também?" Perenc benzeu-se e ficou calado.

Czerda disse: "Não é coisa que se pergunte, e você sabe muito bem. Cigano nenhum entraria naquelas grutas. Têm mau olhado. Alexandre... é o nome do menino desaparecido... jamais entraria lá."

O policial guardou o caderninho. "Eu mesmo não entraria lá. Pelo menos a esta hora da noite. A gente daqui acha que o lugar é mal-assombrado e maldito e... ora... eu nasci aqui mesmo. Amanhã, quando houver luz do dia..."

"Até lá, já terá aparecido há muito tempo, afirmou Czerda confiante. "Apenas muito falatório por uma coisa à toa."

"Essa mulher que saiu agorinha mesmo... é a mãe dele"? Então, por que está tão transtornada?"

"Ele é apenas um garoto e você sabe como são as mães." Czerda fez um gesto de resignação. "Creio que será melhor eu falar com ela." E saiu. Também o policial. E Perene. Bowman não vacilou. Estava vendo para onde Czerda ia, e podia adivinhar para onde ia o policial — para o mais próximo botequim -de maneira que se

desinteressou de ambos. Mas em Perene estava interessado, pois havia alguma coisa, na vivacidade e determinação com que se dirigia para a arcada e o parque de estacionamento, que denotava alguma intenção definida. Bowman saiu andando devagar e parou embaixo da arcada.

No lado direito do parque de estacionamento havia uma fila de quatro tendas de ledoras de buena-dicha, todas em lonas coloridas. A primeira era ocupada, dizia a placa, por uma certa Madame Marie-Antoinette, que oferecia o dinheiro de volta se o trabalho não agradasse. Bowman entrou imediatamente, não porque tivesse qualquer particular predileção pela realeza ou pela poupança, ou por ambas, mas porque Perene, ao entrar na tenda mais distante, parará na porta, olhando diretamente para Bowman, e em seu semblante estampavam-se os sinais característicos da desconfiança. Por isso Bowman entrou.

Marie-Antoinette era uma velha de cabelos brancos, olhos negros e uma boca que parecia um alçapão. Ela olhou para a embaçada bola de cristal, embaçada principalmente por falta de limpeza, e disse a Bowman animadoramente a respeito da longevidade, saúde, fama e felicidade que não lhe faltariam, depois agarrou os quatro francos e pareceu cair em coma, sinal que Bowman interpretou como indicativo de que a consulta terminara. Saiu e Cecile estava parada bem na porta balançando a bolsa no que poderia ser considerado como um gesto desnecessariamente provocador e encarando-o com um tom de alegre dúvida talvez inadequado às circunstâncias." Ainda estudando a natureza humana?" perguntou docemente.

"Jamais deveria ter entrado aqui." Bowman tirou os óculos e olhou em volta com expressão míope. O sujeito que tomava conta da galeria de tiro ao alvo, no outro lado do estacionamento, rapaz parrudo com cara de boxeador que fizera uma carreira espetacular abruptamente encerrada, examinava-o com um interesse que chegava a ser deselegante. Bowman pôs os óculos e olhou para Cecile.

"Sua sorte?" perguntou ela solícita. "Más notícias?" "A pior possível.

Marie-Antoinette diz que estarei casado em dois meses. Deve estar enganada." "Não é do tipo casadoiro", comentou ela com simpatia. E fez sinal para a barraca seguinte. "Acho que deve consultar Madame Sei-lá-que-nome-é-esse, só para conferir." Bowman estudou a placa de Madame Zetterling e depois olhou para o outro lado do parque. O sujeitinho do tiro ao alvo parecia achá-lo cada vez mais fascinante. Bowman seguiu o conselho de Cecile e entrou.

Madame Zetterling parecia irmã mais velha de Marie-Antoinette. A técnica era diferente, tendo em vista que suas ferramentas de trabalho consistiam num maço de cartas para lá de sebentas que ela embaralhava e puxava com uma rapidez e destreza que automaticamente lhe barrariam a entrada em qualquer cassino europeu, mas a previsão do seu futuro foi exatamente a mesma. Também o preço.

Cecile esperava ainda no lado de fora, ainda sorrindo. Perene estava parado agora embaixo da arcada e assumira visivelmente o lugar de vigia deixado pelo cara do tiro ao alvo. Bowman limpou as lentes mais uma vez.

E comentou: "Deus nos ajude. Isto não passa de uma agência matrimonial.

Extraordinário. Sobrenatural." Repôs os óculos e pensou em que a mulher de Lot não devia nada a Ferenc. "Realmente inacreditável." "Que foi?" "Sua semelhança com a pessoa com quem devo casar", declarou Bowman solenemente.

"Ora essa!" Ela riu, contente e verdadeiramente divertida. "Tem realmente uma imaginação bem original, Sr. Bowman." "Neil", disse Bowman, e sem esperar conselho, entrou na terceira barraca. Na relativa obscuridade da entrada, olhou para trás o bastante para ver Perene encolher os ombros e entrar no pátio lateral.

A terceira adivinhadeira bem poderia representar as três feiticeiras de Macbeth. Usava cartas próprias e encerrou dizendo a Bowman que breve viajaria para além-mar, onde conheceria uma beleza de cabelos negros com quem se casaria, e quando ele disse que estava de casamento marcado com uma loura para o mês

seguinte, ela apenas sorriu com tristeza e passou a mão no dinheiro.

Cecile, que já o considerava naquela altura a melhor fonte de bom e leve divertimento nas cercanias, tinha um olhar de franca malícia.

"Quais são as tremendas novidades agora?" Bowman tornou a tirar os óculos e balançou a cabeça, perplexo; até onde era possível perceber, não era mais objeto das atenções de ninguém visível. "Não compreendo".

"Ela disse: *O pai dela era um grande marinheiro, como o dele, como o dele.* Para mim não faz sentido nenhum."

Para Cecile fazia. Ela apertou um botãozinho qualquer e o sorriso desapareceu. Encarou Bowman, os olhos verdes cheios de incerteza e perplexidade.

"Meu pai é Almirante", falou lentamente. "Meu avô também era; e meu bisavô. Você... você pode ter descoberto isso tudo."

"Claro, claro. Costumo levar comigo um dossiê completo de cada mulher que encontro pela primeira vez. Vamos até o meu apartamento e lhe mostrarei meus arquivos... carregos-os comigo sempre na bagagem. Mas espere, pois há mais. Vou citar de novo: *Ela tem um sinal de nascença em forma de rosa. cor de morango, em lugar que não pode ser visto.*"

"Santo Deus!"

"Nem eu diria melhor. Mas espere. Pode haver coisa pior ainda adiante." Bowman não procurou desculpas nem razões para entrar na quarta barraca, a única que de fato lhe interessava, nem era necessário, pois Cecile estava tão abalada com o que acabara de ouvir que o exotismo do comportamento de Bowman deve ter adquirido de súbito uma importância muito secundária.

A tenda era fracamente iluminada por uma lampadazinha fraquíssima que lançava débil claridade sobre uma mesa coberta de baeta verde e duas mãos entrelaçadas suavemente. Pouco se via da pessoa a quem as mãos pertenciam, sentada à sombra com a cabeça inclinada para a frente, mas dava para ver o bastante para perceber que ela jamais serviria para interpretar uma das três bruxas de Macbeth, sequer a própria Lady Macbeth. A mulher era

jovem, com abundante cabeleira castanho-alaranjada abaixo dos ombros, e dava a impressão, embora as feições fossem quase instintivas, de ser muito linda; as mãos pelo menos eram.

Bowman sentou na cadeira em frente e olhou o cartão que havia sobre a mesa com a legenda: Condessa Marie le Hobenaut.

"É de fato condessa, senhora?" perguntou Bowman delicadamente.

"Quer que leia sua mão?" A voz era suave, baixa, gostosa. Nada de Lady Macbeth; ali estava uma Cordélia.

"É claro."

Ela segurou a mão dele entre as suas e inclinou-se para a frente, a cabeça tão abaixada que a cabeleira ruivo acastanhada varreu a mesa. Bowman ficou quieto — não era fácil, mas ficou — e então duas lágrimas quentes gotejaram em sua mão. Com a mão esquerda ele torceu o abajur e ela levantou o braço para proteger os olhos, mas não antes que ele pudesse ver que o rosto era mesmo belo e que os grandes olhos castanhos estavam inundados de lágrimas.

"Por que chora a Condessa Marie?"

"É longa a sua linha da vida..."

"Por que está chorando?"

"Por favor!"

"Está bem. Por que está chorando, por favor?"

"Desculpe-me. Estou... estou perturbada."

"Quer dizer que basta eu entrar aqui..."

"Meu irmão desapareceu."

"Seu irmão? Sei que alguém desapareceu. Todo o mundo sabe. Alexandre. Então é o seu irmão. Não o encontraram ainda?"

Ela sacudiu a cabeça, a cabeleira matizada varrendo o tampo da mesa.

"E é sua mãe, aquela do carro verde e branco?"

Desta vez ela acenou com a cabeça, sem olhar.

"Mas, por que tanta lágrima? O rapaz sumiu há tão pouco tempo. Vai aparecer, não tenha dúvida." De novo ela nada disse. Pôs os antebraços na mesa, cabeça nos antebraços, e chorou em silêncio, os ombros sacudindo incontrolavelmente. Bowman, de cara

amargurada, tocou no ombro da moça cigana, levantou e saiu da barraca Mas quando saiu, sua expressão era de profundo espanto. Cecile fitou-o com certo nervosismo.

"Quatro filhos", disse Bowman baixinho. Pegou-a pelo braço mole e conduziu-a pela arcada para o pátio lateral. O Grão-Duque, com ele ainda a lourinha, conversava com um cigano fortíssimo, com uma cara impressionantemente cheia de cicatrizes, vestindo calça escura e camisa de babados de um branco suspeito. Bowman desprezou a careta desaprovadora de Cecile e parou um pouco adiante deles.

"Mil agradecimentos, Sr. Koscis, mil agradecimentos", dizia o Grão-Duque em sua mais graciosa voz de senhor feudal. "Imensamente interessante, imensamente. Vamos, Lila meu bem, por hoje chega. Creio que já temos direito a tomar um drinque e comer alguma coisinha."

Bowman observou o par afastar-se rumo ao pátio principal, então virou-se e fitou pensativo o carro verde e branco.

Cecile avisou: "Não faça isso."

Bowman olhou-a surpreso. "E que há de errado em querer ajudar uma mãe que sofre? Talvez possa confortá-la, ajudá-la de algum modo, talvez até procurar o seu filho desaparecido. Se houvesse mais gente prestativa nos momentos de dificuldade, mais gente disposta a arriscar alguma coisa..."

"Você é mesmo um tremendo hipócrita", comentou ela com admiração. "Além disso, há uma técnica para esse tipo de coisa, o Grão-Duque é capaz de conseguir, eu também sou. Não se preocupe."

Bowman deixou-a ali parada, chupando a ponta do dedo como se estivesse de fato muito apreensiva, e subiu a escadinha do carro.

À primeira vista, o interior parecia vazio; depois, seus olhos acostumaram-se à obscuridade e ele percebeu que estava num vestíbulo que levava ao cômodo principal adiante identificável por uma réstia de luz vinda de uma porta mal encaixada e o som de vozes, vozes femininas.

Bowman deu um passo a dentro da porta exterior, quando uma sombra destacou-se da parede, uma sombra possuída do mais

demoníaco poder de aceleração e da mais dolorosa solidez. Bateu em Bowman em cima do externo com o alto de uma cabeça que tinha a inexorável consistência de um poste de concreto: e Bowman fez todo o trajeto de volta ao chão sem a ajuda sequer de um degrau da escadinha. Pelo canto do olho percebeu turvamente que Cecile dera um passo rápido e oportuno para o lado, e então caiu de costas com o impacto momentaneamente estonteante que acabou com qualquer restinho de ar que a cabeça de bala pudesse ter deixado em seus pulmões. Os óculos voaram longe, e enquanto ele ficou deitado, arquejando, em busca do oxigênio que não queria vir, a sombra marchou decidida escada abaixo. O cara era pequeno, grosso, desagradável, tinha um recado a dar e estava decidido a dá-lo de qualquer jeito. Abaixou-se, agarrou Bowman pelas lapelas e o pôs em pé com uma facilidade que prenunciava coisas piores.

"Vai-se lembrar de mim, meu chapa." A voz tinha o timbre agradável do cascalho decantado num funil de metal. "Vai-se lembrar que Hoval não gosta de abelhudos. Vai-se lembrar que na próxima vez Hoval não vai usar só os punhos."

Daí Bowman entendeu que, naquele instante, Hoval pretendia utilizar ainda os punhos, e utilizou mesmo. Uma vez só, mas foi mais que suficiente. Hoval acertou-o no mesmo lugar e pelo até onde Bowman pôde avaliar pelos sintomas transmitidos por um diafragma já quase paralisado, com mais ou menos a mesma potência. Deu meia-dúzia de passadas involuntárias para trás e bateu pesadamente no solo outra vez, agora em posição sentada, com as mãos abertas para trás. Hoval esfregou as mãos de um jeito desagradável e marchou de volta para dentro do carro. Cecile olhou em torno até encontrar os óculos de Bowman, depois ofereceu-lhe a mão amiga que ele aceitou sem orgulho.

"Creio que o Grão-Duque deve ter usado uma técnica diferente", comentou ela em tom grave.

"Há muita ingratidão neste mundo", desabafou Bowman.

"Quanta injustiça! Já acabou com o seu estudinho da natureza humana, por hoje?" Bowman acenou que sim; era mais fácil do que falar. "Então, pelo amor de Deus, saiamos daqui."

Depois dessa preciso de um drinque." "E pensa que eu preciso o quê?" rosnou Bowman.

Ela o encarou pensativamente. "Francamente, creio que uma cabra viria a calhar." Pegou-o pelo braço e o guiou pela escada para o pátio. O Grão-Duque, com uma enorme fruteira na frente e Lila ao lado, parou de mastigar uma banana e examinou Bowman. com um sorriso tão estudiosamente impessoal que chegava a ser positivamente insultante.

"Parada dura você arranhou lá embaixo, hein?" foi o que achou para dizer.

"Ele me acertou quando eu não estava olhando", explicou Bowman.

"Ah!" exclamou o Grão-Duque evasivamente, para depois aduzir num sussurro penetrante quando eles já se haviam afastado menos de meia-dúzia de passos: "Como eu disse, há muito que perdeu a forma." Cecile apertou o braço de Bowman num aviso desnecessário pois ele apenas deu aquele sorriso vazio de quem já se encheu e guiou-a de volta a mesa.

O garçom trouxe os drinques.

Bowman fortaleceu-se e disse: "Bem, agora... onde viveremos? Inglaterra ou França?"

"Quê?"

"Você ouviu o que a mulher da buena-dicha falou." "Oh, meu Deus!"

Bowman ergueu o cálice. "A David."

"David?"

"Nosso primogênito. Já escolhi o nome."

Os olhos verdes, que fitavam Bowman com firmeza por cima da borda do cálice, nem estavam divertidos nem exasperados, apenas pensativos.

Bowman ficou também bastante pensativo. Era bem possível que Cecile Dubois, como na frase tão usada, fosse um pouco mais que apenas uma carinha bonita.

3

Duas horas depois, por certo ninguém se referiria a Bowman como uma cara bonita. Poder-se-ia dizer com exatidão, antes de mais nada, que, face aos diversos problemas que encontrara seguidamente, não havia muita margem para isso, mas o fato é que a máscara de meia preta que ele enfiara quase até aos olhos dava-lhe um aspecto ainda mais desestimulante do que normalmente.

Mudara o terno cinzento de gabardine por outro mais escuro, e a camisa branca por um pulôver naval enrolado no pescoço. Deixara já na mala os óculos que vinha usando como disfarce, apagou a luz e saiu para a varanda.

Todos os apartamentos daquele andar abriam para a mesma varanda. Dois estavam iluminados. No primeiro, as cortinas estavam fechadas. Bowman foi até a porta e a maçaneta cedeu parcialmente. Sabia que era o apartamento de Cecile: uma alma crédula. Passou à outra janela acesa, esta com a cortina aberta, e arriscou um olho pelo peitoril. Precaução muito conveniente, mas supérflua; tivesse feito a dança do apache fora daquela janela e seria duvidoso que qualquer dos ocupantes percebesse alguma coisa, ou, no caso afirmativo, que se importasse com isso. O Grão-Duque e Lila, a grande cabeça de cabelos pretos e a cabecinha loura muito próximas, sentavam lado a lado em frente a uma mesa estreita: o Grão-Duque, a bandeja de canapés ao lado, parecia estar ensinando à moça os rudimentos do xadrez. Seria de imaginar que a costumeira posição frente a frente fosse mais adequada ao aprendizado rápido, mas nada disso, já que o Grão-Duque tinha aquele ar de quem imporia sempre as suas atitudes marcadamente originais a quem dele se aproximasse. Bowman seguiu caminho.

A Lua ainda estava alta mas uma nuvem pesada se aproximava, vinda dos confins de Les Baux. Bowman desceu para o terraço ao lado da piscina mas não o atravessou. A gerência

mantinha as luzes acesas à noite inteira e quem tentasse cruzá-lo e descer ao pátio lateral seria certamente visto por algum cigano que estivesse ainda desperto; e de que havia ciganos ainda despertos Bowman não tinha a menor dúvida.

Seguiu pela esquerda, circundou o hotel até os fundos e aproximou-se do pátio lateral morro acima, vindo do Oeste. Andava muito devagar e em silêncio, com solas de borracha, e conservava-se no mais fundo das sombras. É claro que não havia razões positivas para que os ciganos mantivessem vigias, mas, no que dizia respeito àquele determinado momento e situação, Bowman sentia que não havia razões positivas para que não os tivessem. Esperou até que a nuvem cobrisse a Lua e então entrou no pátio secundário.

Com exceção de três, todos os outros carros estavam apagados. O mais próximo, e maior, dos carros iluminados era o de Czerda; luz forte vinha da porta entreaberta e de uma janela lateral, fechada mas sem cortina.

Bowman foi até essa janela, como um gato espreitando um passarinho num gramado ensolarado, e deu uma olhadela para dentro.

Havia três ciganos sentados em torno da mesa e Bowman reconheceu-os todos: Czerda, seu filho Perene e Koscis, o homem a quem o Grão-Duque tão efusivamente agradecera a informação recebida. Tinham um mapa aberto na mesa e Czerda, lápis na mão, indicava algo e, evidentemente, dava uma explicação qualquer. Mas o mapa era tão pequeno que Bowman não conseguiu perceber de onde era, muito menos o que Czerda mostrava, como tampouco pôde entender o que Czerda dizia, devido ao efeito abafador da janela fechada. A única suposição razoável a fazer do que presenciava era que, qualquer coisa que Czerda estivesse planejando, não haveria de ser para o benefício de algum semelhante. Bowman afastou-se tão silenciosamente quanto chegara.

A janela lateral do segundo carro aceso estava aberta e as cortinas apenas parcialmente fechadas. Aproximando-se da janela, Bowman de início não viu ninguém dentro do compartimento

central do carro. Chegou mais perto, inclinou-se para a frente e arriscou um olho rapidamente à direita, e pôde ver dois homens num canto, jogando cartas numa mesa baixa. Um era desconhecido, mas o outro, ele viu logo que era o seu amigo Hoval, o cigano que tão sem-cerimoniosamente o ejetara do carro verde e branco pouco antes. Bowman imaginou por que Hoval se transferira para esse carro e o que estivera fazendo antes no outro, o verde e branco. Pela dor que ainda sentia no diafragma, a resposta a esta pergunta era bem clara. Mas, por quê? Bowman olhou à esquerda. Havia um pequeno compartimento, além de uma porta aberta em posição transversal. Do ângulo em que estava, Bowman nada podia ver nesse compartimento. Passou então à outra janela. As cortinas estavam fechadas, mas a janela propriamente estava em parte aberta na parte de cima, sem dúvida para ventilação. Puxou suavemente a cortina e aplicou o olho à fenda. A iluminação interna era fraca, vindo a única fonte de luz dos fundos do carro. Mas havia luz suficiente para enxergar, bem na parte da frente do compartimento, um beliche com três camas e três homens aparentemente adormecidos. Dois estavam de cara para Bowman, mas era impossível distinguir-lhes as feições, pois os rostos não passavam de borrões na penumbra. Bowman ajeitou a cortina no lugar e passou ao carro que realmente o intrigava, o verde e branco.

A porta traseira no alto da escadinha estava aberta, mas dentro estava escuro-. Nesta altura, Bowman já estava esclarecido a respeito de vestíbulos sem luz, de modo que passou de largo. De qualquer maneira, a janela iluminada, mais ou menos no meio do carro, é que mais o interessava. A janela estava semiaberta, a cortina semicerrada. Parecia o ideal para um pouco mais de bisbilhotice.

O interior do carro estava brilhantemente iluminado e era mobiliado com conforto. Havia quatro mulheres, duas num sofá e duas em cadeiras, à mesa. Bowman reconheceu a cabeleira da Condessa Marie, e ao lado dela a mulher grisalha que estivera discutindo com Czerda — a mãe de Marie e do desaparecido Alexandre. Das duas outras mulheres sentadas à mesa, que

Bowman não conhecia, uma tinha cabelos castanho-avermelhados e cerca de trinta anos, e a outra era um pouco mais morena, com uma cabeleira curta muito estranha em ciganos, e aí de uns vinte anos. Embora por certo passasse muito da hora de dormir, não mostravam sinais de pretenderem ir para a cama. Todas quatro pareciam tristes e desoladas, sendo que a mãe e a garota morena choravam, esta com o rosto enfiado nas mãos.

"Oh, Deus!" soluçou, tão amargurada que era difícil distinguir o que dizia. "Quando vai acabar tudo isso? Aonde vai acabar tudo isso?" "Precisamos ter esperança, Tina", disse a Condessa Marie. A voz era dura e inteiramente desprovida de esperança. "Não podemos fazer mais nada." "Não há esperança." A garota morena sacudiu a cabeça em desespero. "Você sabe que não há esperança. Oh, Deus, por que Alexandre achou de fazer isso?" Voltou-se para a outra. "Oh, Sara, Sara, seu marido preveniu-o ainda hoje..." "Foi mesmo, foi mesmo." Isto veio da mulher chamada Sara, cuja voz denotava tanta tristeza quanto as demais. Ela passou os braços em volta de Tina. "Você não imagina o quanto sinto, meu bem, quanto sinto." Fez uma pausa. "Mas Marie tem razão, você sabe muito bem. Enquanto há vida, há esperança." Reinou silêncio no interior do carro. Bowman ficou na esperança de que recomeçassem a falar, e sem demora. Estava à cata de informações, mas até ali nada ouvira senão o fato um tanto espantoso de quatro ciganas falando em alemão e não em romani. Mas ele queria saber mais, e saber rapidamente, pois a perspectiva de permanecer indefinidamente ao lado daquela janela tão iluminada não era muito do seu agrado: havia alguma coisa na atmosfera, de tragédia no interior do carro e de ameaça no lado de fora, capaz de instilar um pouco menos do que confiança no espectador.

"Não há esperança", falou pesadamente a mulher grisalha, passando um lenço nos olhos. "Quem é mãe, sabe." Marie disse então: "Mas, mãe..." "Não há esperança porque não há mais vida", interrompeu-a a mãe bruscamente. "Jamais verá outra vez seu irmão, nem você seu noivo, Tina.

Sei que meu filho está morto." Reinou de novo o silêncio, e foi o que valeu a Bowman, pois foi quando ouviu o quase imperceptível

som de um pedacinho de nada de cascalho mexer, som que provavelmente lhe salvou a vida.

Bowman girou, e pelo menos numa coisa ele estava certo: havia ameaça no ar àquela noite. Koscis e Hoval estavam imóveis, agachados a menos de dois metros dele, ambos sorrindo, ambos empunhando longos punhais curvos, constituindo visão das mais desagradáveis à luz escassa que os clareava.

Estavam à sua espera, Bowman percebeu, ou de outra pessoa que agisse da mesma forma, e na certa o tinham sob vigilância desde quando entrara no pátio, talvez mesmo antes, apenas dando-lhe corda bastante para enforcar-se, comprovando que pretendia fazer algo que não lhes agradava e assim dando razão para que o eliminassem. As ações dos ciganos, por seu turno, claramente demonstravam que ele era algo fora de lugar nessa caravana que marchava para Saintes-Maries.

A percepção do que acontecera foi instantânea e Bowman não perdeu tempo em recriminar-se. Haveria tempo para isso depois, mas por certo o bom momento não era aquele em que Koscis e Hoval estavam ali parados, sem fazerem o menor esforço para esconder a imediação de suas intenções homicidas. Bowman atirou-se à frente, rápida e de todo inesperadamente — já que um homem armado de punhal em geral não espera que outro, desarmado, se lance a práticas assim tão suicidas — para cima de Koscis, que instintivamente recuou, erguendo a faca em defesa própria. Prudente, Bowman não completou o movimento, lançando-se para a direita e correndo os poucos metros até a escada que levava ao pátio principal.

Ouviu Koscis e Hoval pisando forte no cascalho atrás de si. Diziam coisas, para Bowman coisas ininteligíveis, mas mesmo em romani, o tom do que diziam era bem claro. Bowman alcançou o quarto degrau no primeiro salto, e parou tão bruscamente que quase perdeu o equilíbrio, girou e no mesmo movimento mandou o pé direito para trás. Foi Koscis quem teve o azar de estar na frente: gemeu de agonia, o punhal voou-lhe da mão ao mesmo tempo em que ele tombava inteiro no chão do pátio lateral.

Hoval galgou os degraus no instante em que Koscis descia, como punhal apontando para o alto no braço direito encurvado viciosamente. Bowman sentiu a pontinha do aço queimá-lo ao longo do antebraço esquerdo e então acertou Hoval com muito mais força do que o próprio Hoval o acertara antes, o que era perfeitamente compreensível, pois quando Hoval o atingira, preocupara-se apenas com a sua satisfação pessoal, enquanto agora, Bowman preocupava-se com a própria vida. Hoval deu também com os costados no chão lá embaixo, mas teve mais sorte do que Koscis, pois caiu em cima dele.

Bowman puxou para cima a manga esquerda. O rasgão no antebraço tinha uns vinte e cinco centímetros mas, embora sangrasse abundantemente, era pouco mais que um corte superficial e logo cicatrizaria. No ínterim, Bowman alimentou a esperança de que não o incapacitasse demais.

Mas esqueceu logo a preocupação quando viu outro aproximando-se. Perene vinha correndo pelo pátio em direção à escadaria. Bowman voltou-se, deu uma corridinha até a escada que levava à varanda superior e parou brevemente, para examinar a situação. Perene fez com que Koscis e Hoval se levantassem e ficou claro que em coisa de segundos os três recomeçariam a perseguição.

Três contra um e os três com punhais. Bowman não levava arma de espécie nenhuma e as possibilidades imediatas não eram convidativas. Três homens decididos, armados de facas, conseguirão sempre derrubar um homem desarmado, em especial três sujeitos que pareciam considerar o manuseio da faca como uma segunda natureza. Ainda havia luz no apartamento do Grão-Duque. Bowman puxou a máscara negra para baixo e invadiu o apartamento: achou que não havia tempo para bater. O Grão-Duque e Lila continuavam jogando xadrez, e de novo Bowman sentiu que lhe faltava tempo para demonstrar surpresa ante uma situação assim tão tranquila.

"Pelo amor de Deus, me esconda!" Achou que talvez estivesse exagerando um pouco a afobação e o medo, que, aliás, nas circunstâncias, não eram difíceis de demonstrar. "Estão atrás de

mim!" O Grão-Duque não pareceu no mínimo perturbado; nem sequer se assustou.

Simplesmente fungou o ducal aborrecimento e completou o movimento que fazia no tabuleiro.

Não vê que estamos ocupados? Virou-se para Lila, que encarava Bowman de olhos arregalados e boca meio aberta. "Cuidado, meu bem, muito cuidado.

Seu bispo está perigando." Deu então uma olhadela em Bowman, com ar de desagrado. "Quem está atrás de você?" "Os ciganos, são eles. Olhe!" Bowman arregaçou a manga: "Esfaquearam-me!" Aprofundou-se a expressão de desagrado.

"Deve ter-lhes dado alguma boa razão para isso." Bem, eu estava lá..." "Basta!" Ele ergueu a mão magistral. "Abelhudos jamais terão o meu apoio. Saia agora mesmo!" Sair agora mesmo? Mas vão me pegar...

"Bem, agora..." Bowman não pensou que o Duque estivesse falando com ele, e não estava mesmo. Batia na perna de Lila, em tom professoral.

"Perdoe-me por um instante, enquanto chamo a gerência. Não precisa se assustar, garanto-lhe." Bowman saiu de novo pela porta, olhou em torno para ver se a varanda ainda estava deserta, quando o Grão-Duque falou de dentro: "Pelo menos, podia fechar essa porta!" "Mas, Charles..." Quem falava era Lila.

"Xeque-mate", disse, o Grão-Duque firmemente, "em dois movimentos." Houve ruído de passadas, de passadas correndo, vindo pelo pátio até a base da escada da varanda. Bowman correu para o porto mais próximo, diante da borrasca.

Cecile também ainda não estava dormindo. Sentada na cama com uma revista nas mãos, vestia um ousado negligê que, em outras circunstâncias mais felizes, provocaria comentários de admiração. Abriu a boca, fosse de espanto ou o começo de um grito de socorro, mas fechou-a de novo e escutou com calma surpreendente Bowman contar sua estória, ali encostado na porta.

"Está inventando tudo isso", disse ela.

Bowman tornou a levantar a manga, coisa que já começava a incomodar um pouco, pois o sangue coagulava e grudava o

ferimento no pano.

"Inclusive isto?" perguntou Bowman.

Ela franziu o rosto. "Está feio. Mas por que iriam..." "Xiii!" Bowman ouvira vozes lá fora, vozes que aos poucos aumentavam de volume. Havia uma alteração e Bowman não teve dúvidas de que era a seu respeito. Torceu a maçaneta de leve e olhou pela fresta.

O Grão-Duque, com Lila vigiando da porta aberta, estava plantado de braços abertos, como um guarda de trânsito acima do peso, barrando a passagem de Ferenc, Koscis e Hoval. O fato de não serem os três imediatamente reconhecíveis devia-se à prudência de terem perdido algum tempo para enrolar um trapo qualquer por cima do rosto, numa máscara primitiva mas ainda assim eficiente, o que explicava o ter sido dada a Bowman uma breve folga desde a primeira briga lá fora.

"Isto aqui é propriedade reservada para uso apenas dos hóspedes", disse o Grão-Duque com severidade.

"Saia da frente!" ordenou Ferenc.

"Sair da frente!" Sou o Duque de Croytor..." "Será o falecido Duque de..." "Como tem a ousadia, senhor!" O Grão-Duque partiu em frente com rapidez e coordenação surpreendentes num homem do seu porte, e pegou o atônito e de todo despreparado Perene com um murro direto no queixo. Perene caiu para trás, nos braços dos companheiros que momentaneamente tiveram de ampará-lo para que não perdesse os sentidos. Houve um momento de hesitação, e então todos voltaram e correram para fora da varanda, Koscis e Hoval ainda amparando o desconsolado Perene.

"Charles." Lila tinha as mãos entrelaçadas no que se considera o tradicional gesto feminino de admiração. "Como é corajoso!!" "Bagatela. A aristocracia contra os rufiões... a classe sempre vence." Fez um gesto em direção à porta. "Vamos, temos ainda de acabar tanto o nosso xadrez como os canapés." "Mas... mas como pode ficar assim tão calmo? Quero dizer, não vai telefonar? Para a gerência? Ou para a polícia?" "Que adianta? Estavam mascarados e estarão longe neste instante. Faça o favor." Entraram e ele fechou a porta. E Bowman fechou a sua também.

"Você ouviu?" Ela fez que sim. "O boa-praça do Duque. Pelo menos, as coisas assim esfriam por algum tempo." Estendeu a mão para a maçaneta.

"Bem, grato pelo asilo." "Para onde vai?" Ela parecia abalada ou desapontada, ou as duas coisas.

"Por sobre as colinas, para bem longe." "No seu carro?" "Estou sem carro." "Pode levar o meu. O nosso, quero dizer." "Está falando sério?" "É claro, seu bobo." "Algum dia você vai me fazer um homem feliz. Mas pelo carro, muito obrigado, fica para outra vez. Boa-noite." Bowman fechou a porta e já estava quase em seu apartamento quando parou, pois três vultos emergiram das sombras.

"Primeiro, você, meu amigo." A voz de Ferenc não era mais que um sussurro; talvez a ideia de perturbar o Duque outra vez não lhe agradasse. "Depois, cuidaremos da senhorita." Bowman estava a três passos da sua porta e deu o primeiro antes mesmo de Ferenc terminar a frase — as pessoas em geral contam com que se espere gentilmente que acabem de falar — e deu o terceiro antes que qualquer dos três se mexesse, provavelmente porque os outros dois esperavam um sinal de Ferenc e as reações de Ferenc estavam temporariamente fora dos eixos desde o breve encontro com o Grão-duque. Seja como for, Bowman fechou a porta atrás de si antes que o ombro de Ferenc a atingisse, e passou a chave antes que Ferenc torcesse a maçaneta.

Não perdeu tempo congratulando-se nem ajeitando-se, e tratou de correr para o fundo do apartamento, abriu a janela e olhou para fora. As ramagens de uma árvore robusta estavam a menos de dois metros da janela.

Bowman fez uma pausa, escutando. Alguém sacudia violentamente a maçaneta da porta; de repente o barulho parou e foi substituído pelo de passos correndo. Bowman não esperou mais: se aprendera alguma coisa com aqueles homens, fora que a procrastinação é de todo inútil.

Como oportunidade de um pequeno ato de trapézio arbóreo, não foi lá grande coisa. Ficou de pé no peitoril, em parte inclinou-se em parte caiu para a frente, agarrou um ramo grosso, balançou-se

até o tronco principal da árvore e escorregou para o chão. Subiu às pressas a rampa ajardinada que levava a estrada que rodeava o hotel pelos fundos. Em cima, ouviu um grito baixo e excitado. Voltou-se. A lua estava de fora outra vez e viu nitidamente os três gajos subindo a rampa ajardinada; percebia-se ainda perfeitamente que os punhais que levavam nas mãos não atrapalhavam ao mínimo os seus movimentos.

Diante de Bowman estava a alternativa de subir ou descer. Para baixo era o campo aberto; para cima, era Les Baux com suas ruelas tortuosas e becos sem saída, um labirinto de ruínas destroçadas. Bowman não vacilou.

Como dizia dos adversários um famoso boxeador peso-pesado — isto, depois de induzi-los a subir no ringue — "Podem correr, mas não podem esconder-se." Em Les Baux, Bowman tanto poderia correr como esconder-se.

Voltou-se, pois, para cima.

Correu pela estradinha cheia de curvas até a velha aldeia o mais depressa que o fôlego e as condições das pernas permitiram. Há anos não se dava ao luxo desses esportes. Deu uma olhadela por cima do ombro e verificou que os ciganos também deviam estar em boa forma física, pois não haviam ganho terreno sobre ele que desse para perceber. Talvez estivessem apenas resguardando-se para a possibilidade de uma corrida muito longa; se fosse o caso, pensou Bowman, o melhor era tratar de ir parando desde já.

O acanhado pedaço de estrada até a entrada da aldeia tinha parques de estacionamento de automóveis dos dois lados, mas não havia carro nenhum e nenhum lugar para esconder-se. Então, foi mesmo pela entrada.

Depois de mais uns cem metros de uma corrida que já ficava pesada demais para o seu fôlego, Bowman deu com uma encruzilhada. À direita, a estrada fazia uma curva descendente para as muralhas da aldeia e parecia conduzir a um fundo de saco. A da esquerda, estreita e tortuosa, e muito íngreme, dobrava para o alto até desaparecer de vista, e embora ele detestasse a ideia de nova maratona morro acima, esta parecia proporcionar a melhor possibilidade de segurança. Olhou para trás de novo e viu que a

momentânea indecisão permitira que os perseguidores recuperassem bom terreno. Continuavam correndo no mesmo silêncio desalentador, as facas ainda nas mãos, reluzindo compassadamente à medida que os braços iam para a frente e voltavam, e estavam agora a menos de trinta metros.

Na maior velocidade possível, Bowman prosseguiu subindo o estreito caminho. Reduzia a marcha ocasionalmente, para rápidos exames das redondezas e das várias atraentes e escuras aberturas nos dois lados, mas principalmente à direita, e embora seus arfantes pulmões e trêmulas pernas lhe dissessem com insistência que eram das mais convidativas tais entradas, a razão lhe dizia que se tratava por certo de ilusões fatais, conducentes a fins de linha ou a outras formas de armadilhas de que não haveria escapatória.

E agora, pela primeira vez, Bowman pode ouvir a respiração estertorosa dos ciganos. Sem dúvida nenhuma estavam em pior forma do que ele, mas quando olhou por cima do ombro, percebeu que não havia motivo para grandes regozijos, já que os escutava apenas porque estavam agora muito mais perto do que antes: as bocas escancaradas pelo esforço excessivo, as faces contorcidas pelo ódio, banhados de suor, tropeçando vez por outra, quando as pernas enfraquecidas traíam no pisar inseguro sobre pedras soltas. Mas agora estavam perto, apenas quinze metros, o preço que Bowman pagara pelas frequentes paradas para examinar possíveis locais de refúgio. Todavia, a proximidade dos ciganos pelo menos obrigava a uma decisão: não adiantava perder mais tempo em procurar esconderijos aqui ou ali, pois aonde quer que se metesse, os perseguidores na certa o veriam e o seguiriam.

Para ele, a única esperança de viver estava entre as ruínas disformes da velha fortaleza de Les Baux.

Ainda subindo e bufando, chegou a um gradil de ferro que parecia fechar de todo o que já se transformara de uma estradinha estreita em nada mais que uma trilha férrea tortuosa. Terei de parar e enfrentá-los, pensou; terei de parar, e estará tudo terminado em menos de cinco segundos. Mas ainda havia um jeito, pois viu um vão apertado entre o lado direito do gradil e uma mesa num recesso do muro, que evidentemente era a bilheteria onde se

pagava o ingresso para visitar as ruínas. Mesmo nesse instante de tremendo alívio, ao localizar a passagem, dois pensamentos ocorreram a Bowman: o primeiro, incongruente, sobre a estupidez de colocar uma bilheteria numa área onde qualquer pobre de espírito perceberia a possibilidade de entrar à vontade por entre as ruínas; o segundo, que ali era o lugar para fincar pé e lutar, pois eles só poderiam penetrar pela estreita passagem um de cada vez, e ainda assim teriam de dar uma virada, o que deixaria um pontapé bem lançado em condições de igualdade com um braço armado de faca. Pareceu-lhe boa ideia pelo menos até quando, felizmente, lhe ocorreu que enquanto se ocupasse de mandar o pé na faca de um, os outros dois poderiam tranquilamente atirar-lhe suas facas de certa distância, através ou por cima das barras do gradil, a uma distância de menos de um metro, e seria improvável que errassem. Por isso continuou correndo, se é que o tropeçar, cambaleiar e tatear pudessem ser chamados de correr.

À direita, havia um pequeno cemitério. Bowman pensou na perspectiva macabra de sair para uma brincadeira letal de esconde-esconde por entre lápidas mortuárias, e num instante tirou da cabeça a ideia de entrar no cemitério. Correu mais cinquenta metros e viu diante de si o platô aberto do maciço de Les Baux, onde não havia lugar para esconder-se e do qual só escaparia saltando do penhasco que formava precipícios verticais em toda a volta do maciço; virou então pronunciadamente à esquerda, subiu correndo uma trilha estreita ao comprido do que parecia ser uma capela desmoronada, e chegou num instante ao interior das ruínas da própria fortaleza de Les Baux. Olhou morro abaixo e viu que os perseguidores haviam-se atrasado cerca de quarenta metros, o que não era de surpreender, já que a sua vida corria perigo e a deles não. Olhou para cima, viu a lua pairando alta e serena, agora num céu sem nenhuma nuvem, e praguejou intimamente, e com tal ênfase que ofenderia incontáveis poetas vivos e mortos. Em noite sem luar, poderia iludir os perseguidores com facilidade em meio ao vasto amontoado dos medonhos restos da fortaleza.

Que eram medonhos não havia dúvida. A contemplação de grandes massas de alvenaria desmoronada e destruída não se

contava entre os passatempos prediletos de Bowman, mas enquanto galgava, escorregava, caía e se levantava no meio daquela massa de alvenaria e em circunstâncias impeditivas de apreciação estética, ficou-lhe na mente a sensação da terrível grandiosidade do lugar. Era inconcebível que quaisquer ruínas, em qualquer parte, pudessem comparar-se àquela selvagem, áspera e ainda assim terrivelmente bela desolação. Havia montes altíssimos de pedras de construção; havia enormes pilares arruinados chegando a trinta metros no céu noturno, pilares que davam sobre penhas verticais de que pareciam continuações naturais e, em alguns casos, eram mesmo: eram escadarias naturais na face nua da rocha, chaminés naturais nos remanescentes daqueles outros penhascos feitos por mão humana, eram centenas de aberturas na rocha, algumas amplas o bastante para um homem esgueirar-se por entre elas, outras amplas o bastante para acomodar um caminhão. Havia caminhos; estranhos que penetravam na rocha natural, alguns feitos pelo homem, outros não, alguns íngremes, outros quase horizontais, uns largos o bastante para dar passagem a um carro, outros estreitos e ziguezagueantes a ponto de aturdir o mais animado dos cabritos monteses.

E havia trechos quebrados de paredões de alvenaria por toda a parte, alguns do tamanho de um punho de criança, outros do tamanho de casas. E era tudo branco, morto, fantasmagórico e branco: naquele resplandecente e frio luar, era a vista mais assustadora e enregelante que Bowman já encontrara e refletiu ele, o último lugar do mundo que escolheria para morar. No entanto, nessa noite, ali teria de viver ou morrer.

Ou, então, eles é que teriam de viver ou morrer, Perene, Koscis e Hoval.

Quando se tratasse de escolher entre estas duas alternativas, não havia dúvida de qual seria a escolha mais conveniente para Bowman, e a escolha não se baseava antes de tudo no instinto de conservação, embora Bowman fosse o último a negar a importância deste fator: tratavam-se, ali, de homens perversos, que tinham no momento apenas uma ambição consumidora e imediata na vida, que era matá-lo, mas não era isto o que em última análise mais

importava. Não estava em causa questão nenhuma de moralidade nem legalidade, apenas simples fator de lógica. Se o matassem ali e agora, poderiam, se ele os matasse, então não prosseguiriam. Era simples assim mesmo. Alguns homens merecem morrer, mas a lei não pode cuidar deles senão quando já é tarde demais.

Não que a lei seja obtusa, mas apenas devido às salvaguardas inclusas em todos os códigos legais com o fim de protegeres direitos do indivíduo, sem condições de prevenir-se contra aqueles cuja malignidade ou intenção homicida esteja além da dúvida racional, mas também além das provas legais. Era a velhíssima história do maior bem do maior número, e apenas por acaso, refletiu Bowman, ele estava incluído nesse maior número. Se estivera antes assustado, não estava mais; sua mente era fria e tranquila. Precisava subir. Se atingisse certa altura onde não o pudessem alcançar, ficariam empatados; se fosse ainda mais alto e ainda tentassem acompanhá-lo, o risco do maior bem para o maior número seria de fato reduzido. Olhou para cima, para as ruínas neolíticas e os monstruosos pedregulhos arrebatados, banhados pelo alvo luar, e começou a escalar.

Bowman jamais tivera pretensões a alpinista, mas escalou bem àquela noite. Se atrás de si viesse o próprio diabo, normalmente teria conseguido uma boa marcha; com três diabos, fez um tempo excelente.

Olhando para trás de vez em quando, pôde ver que ganhava distância rapidamente sobre eles, mas não a ponto de o perderem de vista por mais que alguns segundos de cada vez. E agora eram nitidamente identificáveis, já que haviam retirado as toscas máscaras que antes usavam. Deviam ter chegado à conclusão, certa, aliás, de que na selvagem desolação daquelas ruínas, e no meio da noite, já não precisavam delas, pois mesmo que fossem vistos no trajeto de regresso, não teria importância, pois o corpo de delito estaria para sempre desaparecido e contra eles não poderia ser feita qualquer acusação a não ser a de entrar na fortaleza sem pagar o ingresso estipulado de um franco por cabeça, o que, na certa, considerariam uma troca razoável pelo bem feito trabalho de uma noite.

Bowman parou de subir. Não por culpa sua, mas por desconhecer inteiramente o terreno, cometera um erro. Percebera que as paredes da estreita ravina que galgava tornavam-se rapidamente mais íngremes nas duas faces, o que não o preocupou porque já acontecera duas vezes antes, mas agora, ao dobrar uma quina, ele se encontrou em face de um paredão vertical de rocha compacta. Era um perfeito fundo de saco, do qual não havia como escapar a não ser para cima, e o paredão vertical era absolutamente inescalável. Apresentava várias fendas e aberturas, mas um rápido exame das três ou quatro que ofereciam possibilidades mostrou que o luar não aparecia na outra ponta, apenas a escuridão sem compromissos.

Correu de volta à quina, convencido de que estava apenas perdendo tempo.

Estava mesmo. Os três homens não tiveram dúvidas a respeito do rumo que tomara e estavam a não mais de quarenta metros. Viram Bowman, pararam e depois prosseguiram na ascensão; agora, porém, com bem menos pressa. O simples fato de que Bowman se detivera para reconhecer as imediações seria indicação suficiente de que estava em sérias dificuldades.

Homem nenhum morre antes da hora. Ele correu de volta; ao seu fundo de saco e examinou desesperadamente as aberturas existentes na rocha.

Apenas duas tinham tamanho bastante para permitir a entrada de um homem.

Se pudesse entrar, e voltar-se, a escuridão interna ao menos compensaria as vantagens de um homem armado de punhal... e, naturalmente, ali só entraria um de cada vez. Por nenhum motivo especial, escolheu a abertura da direita, subiu o barranco e se meteu lá dentro.

O túnel de calcário começou a afunilar-se quase de imediato, mas tinha de prosseguir, pois não estava ainda perfeitamente oculto pela treva. Na altura em que calculou estivesse de fato oculto, o túnel não tinha mais de uns sessenta centímetros de largura e o mesmo de altura. Era impossível voltar e nada mais lhe restava senão deitar-se e ser tranquilamente liquidado pelos caras.

Logo percebeu que nem isso era preciso: bastaria que o emparedassem, e depois voltassem calmamente para casa, dormir o sono dos justos. Bowman, de gatinhas, seguiu em frente.

Logo depois divisou adiante uma pálida claridade. Achou que estava imaginando coisas, sem dúvida nenhuma, mas quando de repente percebeu que o que havia à frente era uma dobra do túnel, viu que não chegou à esquina, passou com dificuldade e à sua frente abriu-se um pedaço de "céu estrelado.

O túnel transformara-se numa caverna. Caverna pequena, é certo muito menor que a altura de um homem com dois metros de fundo e a boca abrindo para o nada, mas ainda assim uma caverna. Engatinhou até a borda, olhou para baixo e logo desejou que não o tivesse feito: a planície ficava algumas centenas de metros diretamente abaixo, os renques de empoeiradas oliveiras tão impossivelmente distantes que não podiam ser descritos com exatidão nem como bosques de brinquedo.

Esticou-se mais alguns vertiginosos centímetros para fora e torceu a cabeça para olhar para cima. O topo do penhasco estava a não mais de vinte metros... vinte metros de pedra vertical lisinha, sem nenhum buraco onde se pudesse enfiar um dedo ou firmar um pé.

Olhou para a direita e isso liquidou o assunto. Era aquele caminho a que nem o mais estúpido cabrito montês se lançaria, uma estreita prateleira esburacada, estendendo-se para baixo em ângulo não demasiado agudo até atingir um ponto que passava como agora podia ver, a cerca de um metro e vinte abaixo da boca da caverna. A aba, por falta de melhor denominação, ia direto ao topo do penhasco.

Contudo, mesmo esse cabrito imbecil, o que Bowman não era, evitaria as possibilidades suicidas aceitáveis para o cabrito de sacrifício, o que Bowman sem dúvida era, já que homicídio e suicídio afinal vêm a dar na mesma. Ele não hesitou, pois sabia com certeza que, se o fizesse, estaria preferindo ficar parado e lutar ali mesmo dentro da caverninha, ao invés de enfrentar a terrível aba da montanha. Pendurou-se pela boca da caverna, arriou o corpo

lentamente até pôr os pés na beirada, e começou a avançar lentamente para cima.

Arrastava-se com o rosto colado à rocha, os braços bem abertos, as palmas em constante contacto com a superfície, não porque tivesse onde agarrar, que não havia onde, mas porque não era alpinista, não tinha estômago para as alturas e sabia muito bem que, se olhasse para baixo, inevitavelmente perderia o equilíbrio e despenharia sobre as oliveiras.

Um alpinista campeão talvez tivesse considerado a escalada apenas um leve divertimento de uma tarde dominical, mas para Bowman foi a mais aterradora experiência em toda a vida. Duas vezes seus pés escorregaram em pedras soltas, duas vezes pedaços de calcário sumiram no fundo do abismo, mas depois de uma vida inteira que durou só dois minutos, ele conseguiu passar e puxou o corpanzil por cima da borda do penhasco e para a segurança, suando como num banho turco e tremendo como folha seca à ventania de outono. Pensara que não tornaria a ter medo e se enganara, mas agora estava em terra firme outra vez e era em terra firme que melhor funcionava.

Aventurou uma espiadela por cima da borda. Não havia viva alma à vista.

Cogitou brevemente sobre o que os retardara: talvez julgassem que se ocultara nas sombras para surpreendê-los; talvez houvessem escolhido a outra passagem; talvez qualquer coisa... Não tinha tempo a perder em cogitações; tinha era de descobrir, o mais rápido possível, se havia algum modo de escapar daquele pináculo em que estava empoleirado. E tinha de descobrir isso por três muito boas e urgentes razões. Se não houvesse outra rota de fuga, ele sentia lá no fundo da alma que não haveria poder nesta terra que o fizesse regressar àquela caverna por esse mesmo caminho pelo qual viera, e que simplesmente ficaria por ali até que os urubus lhe branqueassem os ossos — duvidava que houvesse urubus naqueles ermos, mas o princípio da coisa estava perfeitamente delineado em sua mente. Se houvesse algum meio de sair, teria de prevenir-se contra a possibilidade de ser tocado pelos ciganos. Na terceira hipótese se houvesse uma saída e eles a

considerassem intransponível, talvez apenas preferissem deixá-lo lá no alto e fossem em busca de Cecile Dubois, que clara mas erroneamente, julgavam cúmplice da sua irritante interferência.

Cruzou não mais de uns dez metros do minúsculo platô de rocha calcária, deitou-se e olhou para baixo. Não precisava tanta cautela, pois existia mesmo uma via de escape, uma encosta extremamente íngreme, coberta de seixos, que abria aos poucos numa área marcada por enormes matacões de pedras, que, por sua vez, abriam sobre o próprio platô de Les Baux. A via não era convidativa, mas era exequível. I Voltou à borda do penhasco e escutou vozes, de início indistintas, depois claras.

"Isto é loucura!" Era Hoval quem falava, e pela primeira vez Bowman concordou com ele em alguma coisa.

"Você, Hoval, montanhês do Grande Tatra?" Era a voz de Ferenc. "Se ele subiu, podemos subir também. Sabe muito bem que se não matarmos esse camarada tudo estará perdido." Bowman olhou para baixo. Enxergava Hoval distintamente, e as cabeças de Ferenc e Koscis.

Koscis, aparentemente querendo protelar uma decisão, disse apenas: "Não gosto de matar, Ferenc." Ferenc respondeu: "Tarde demais para recuar. As ordens de meu pai são de que não voltemos enquanto ele não estiver morto." Hoval acenou, relutante, esticou os pés, encontrou o parapeito e começou a esgueirar-se contra a rocha. Bowman levantou-se, olhou em torno, localizou uma pedra que devia ter pelo menos uns vinte quilos, ergueu-a à altura do peito e voltou à beira do precipício.

Hoval era muito mais traquejado do que Bowman naquela espécie de caminhada, pois andava duas vezes mais depressa do que ele conseguira.

Ferenc e Koscis, cabeças e ombros nitidamente visíveis agora, olhavam ansiosos para fora, observando o progresso de Hoval e, na certa pensando na perspectiva de fazer o mesmo logo depois. Bowman esperou até que Hoval estivesse diretamente embaixo dele. Hoval já tentara assassiná-lo uma vez e vinha agora tentar a segunda. Bowman não teve piedade e abriu as mãos.

A pedra, com uma curiosa ausência de ruído, pegou em cheio na cabeça de Hoval, e toda a rápida sequência, de fato, caracterizou-se por estranho silêncio. Hoval não fez o menor som em todo o longo trajeto e talvez mesmo estivesse morto antes de começar a cair, e nenhum som do que poderia ser um tremendo impacto veio, seja de Hoval, seja da pedra que o matou, quando os dois mergulharam no bosque de oliveiras lá embaixo. Os dois simplesmente desapareceram de vista sem ruído algum, sumindo na escuridão do abismo.

Bowman olhou Ferenc e Koscis. Por alguns segundos ficaram parados, caras aturdidadas, já que a catástrofe raramente se registra instantaneamente; então, o rosto de Ferenc transformou-se ferozmente. Meteu a mão dentro da jaqueta, sacou uma pistola, apontou-a para cima e disparou. Sabia que Bowman estava por lá, embora sem ideia nenhuma do ponto exato. Não foi mais que a expressão incontrolável de um acesso de fúria cega, mas Bowman logo deu dois passos para trás, por via das dúvidas.

A pistola deu nova dimensão ao episódio. É claro que, se preferiam os punhais, é que pretendiam liquidar Bowman o mais silencioso e simplesmente possível, mas Ferenc, disse Bowman tinha certeza, não levaria a pistola a menos que pretendesse usá-la como ultimo recurso, e isso agora era evidente: iriam pegá-lo a qualquer risco. Bowman refletiu depressa que a situação era mesmo de vida ou morte, por isso virou-se e saiu correndo. Ferenc e Koscis já deviam estar voltando pelo túnel, na suposição de que houvesse alguma saída do topo; de qualquer maneira, não teria sentido ficarem onde estavam quando qualquer iniciativa que tivessem podia se facilmente anulada por Bowman de cima para baixo. Eles queriam matar não morrer...

Bowman desceu correndo a rampa íngreme de pedrinha soltas porque não tinha alternativa senão correr, dando aqui e ali saltos enormes para recuperar o equilíbrio perdido, três quartos da meta de chegada entre os matacões de pedra que o esconderiam, ultrapassou os limites do equilíbrio tombou, rolando diagonalmente morro abaixo, tentando em desespero e com total insucesso travar-se. Foi afinal travado violenta e dolorosamente, pelo primeiro dos

matacões com que entrou em contacto, e foi o seu joelho direito que recebe o maior choque do impacto.

Teve certeza de que esmagara a rótula, pois quando procurou levantar-se a perna simplesmente cedeu sob si e ele sentou de novo. Pela segunda vez tentou, agora com um pouco mais de sucesso; na terceira vez, conseguiu, e então achou que a rótula apenas ficara momentaneamente paralisada. Sentia-a agora apenas dormente, embora soubesse que o ferimento devia ser sério. Capengou em frente, à medida que os matacões tornavam-se esparsos, na melhor das hipóteses na metade da velocidade com que gostaria de avançar naquele instante, já que o joelho volta e meia cedia ao peso do corpo como se tivesse vontade própria.

Um sopro de fumaça branca saiu de um matacão perto, na altura em que estava e o estampido de um tiro soou quase que simultâneo. Perene raciocinara bem demais. Bowman não procurou abrigar-se porque, nesse caso, Perene apenas caminharia até o seu esconderijo, levaria a pistola ao olho e apontaria sem margem de erro. Por isso lançou-se encosta abaixo para um lado e outro, por entre os pedregulhos, para atrapalhar a pontaria de Perene, e nem sequer tentou localizar seus perseguidores, pois de qualquer maneira esse conhecimento lhe seria inútil. Vários tiros passaram perto, um deles levantando pequena nuvem de pó ao lado do seu pé direito, na a continuação da corrida ziguezagueante e o fato de que o próprio Perene tinha de pular de uma pedra para outra deve ter dificultado muito a boa pontaria. Além disso, atirar com precisão morro abaixo é quase sempre sabidamente difícil, mesmo em boas condições.

Entre um tiro e outro, Bowman ouvia o tropel de passadas e sentia que ganhavam terreno mas ainda assim não olhou para trás, pois se tivesse de levar um tiro na nuca preferia não saber com antecedência.

Estava agora fora da proteção dos matacões e correndo diretamente sobre terra batida para a entrada gradeada da aldeia. Perene, aproximando-se também em boa marcha, poderia conseguir facilmente o que queria mas parou de atirar e Bowman supôs apenas que acabara a munição. É bem possível que tivesse

um magazine extra, mas mesmo assim seria difícil recarregar a arma na corrida desabalada.

O joelho de Bowman doía muito agora, mas, contraditoriamente, suportava muito melhora esforço. Deu uma olhadela para trás. Os perseguidores continuavam ganhando terreno, agora com mais rapidez. Bowman passou pelo gradil de entrada da aldeia e na bifurcação onde hesitara antes pegou agora a estrada de baixo. Os dois ciganos ainda não estavam à vista mas suas passadas eram bem mais audíveis. Raciocinou que eles contariam com que continuasse pela entrada inferior da aldeia, de modo que virou à esquerda pela curta estrada que levava aos antigos baluartes da cidade.

A rua dava numa pequena praça, verdadeiro beco sem saída, mas ele não estava mais ligando para tais minúcias. Sem saber por que, registrou o fato de que existia uma velha cruz de ferro forjado no centro da praça.

À esquerda havia uma igreja igualmente antiga, e à sua frente um rochedo baixo, formando uma amurada atrás da qual parecia não haver nada e, entre este e a igreja, a face alta de um rochedo vertical com nichos abertos pela mão do homem não se sabe por que razões.

Correu para a amurada e olhou por cima. No outro lado a rocha não era baixa coisa nenhuma, pois caía a pique uns bons sessenta metros sobre o que parecia ser um pequeno bosque.

Perene fora mais esperto do que Bowman pensara. Olhava ainda sobre a amurada quando ouviu passos chegando à praça, mas apenas de um par de pés: haviam-se os dois separado para investigarem as duas rotas de fuga.

Bowman endireitou-se, correu em silêncio através da praça e ocultou-se nas sombras de um dos nichos abertos na face do rochedo.

Era Koscis. Reduziu o passo ao entrar na praça, a respiração estertorosa soando nítida no ar da noite, passou pela cruz de ferro, olhou pela porta escancarada da igreja e, então, como se guiado por algum instinto natural, veio diretamente ao nicho em que Bowman se espremia contra as sombras do fundo o mais que lhe

era possível. Havia uma peculiar vitalidade na maneira cautelosa com que se aproximava. Empunhava a faca, o dedão firme na extremidade do cabo no que parecia ser o seu porte favorito ao nível da cintura. Bowman esperou até que o cigano chegasse a uma fração do ponto em que inevitavelmente o descobriria, então lançou-se do fundo do nicho escuro, tratando de agarrar o pé, só que levava a faca mais por boa sorte do que por certeza. Caíram os dois no chão, pesadamente, disputando a posse da faca. Bowman tentou torcer o pulso de Koscis, mas parecia feito de camadas sucessivas de cabos de aço e Bowman sentiu lentamente o pulso lhe escapar da mão. Antecipou-se ao inevitável e de súbito o largou, rolou duas vezes sobre si e pôs-se de pé no mesmo instante em que Koscis o fez. Por um momento encararam-se, imóveis, então Bowman recuou devagar, suas mãos encontraram a amurada baixa atrás de si. Não tinha para onde fugir nem aonde esconder-se.

Koscis avançou. Seu rosto, de início implacável, abriu-se num sorriso que se fazia notar pela falta de calor. Koscis, o esfaqueador exímio, saboreava o instante fugaz.

Bowman atirou-se para a frente, depois para a direita mas Koscis já conhecia aquela, saltou para a frente e interceptou o segundo estágio do movimento, a faca subindo rápida altura do joelho, mas o que Koscis esqueceu foi que Bowman sabia que já vira aquela antes. Bowman abaixou-se com um raio de joelhos sobre a perna esquerda e, quando a faca passou centímetros acima de sua cabeça, seu ombro e braço direitos, valendo-se de toda a energia que pôde transferir à frouxa perna direita, pegaram o cigano na altura das coxas. Bowman levantou o corpo com um esforço convulsivo e este combinado com a velocidade e o impulso do mergulho de Koscis, ergueu o cigano nos ares num balão que o mandou para cima, a faca inútil ainda em punho, voando inerte por cima do muro baixo de rocha na escuridão além. Bowman girou e viu o homem cair, um manequim que diminuiu de tamanho rodopiando no ar em lentidão quase incrível, como em câmara lenta, num órbita marcado apenas por um grito que sumiu na noite. E então Bowman não o viu mais, e o grito cessou.

Por alguns segundos Bowman ficou ali, como paralisado mas apenas segundos. Se Perene não fora atacado de súbito e total surdez, teria ouvido o berro terrível de pavor e vir" investigar, e isto sem demora.

Bowman correu da praça para a rua principal, mas a meio caminho da estreita rua transversal que o levaria até lá enfiou-se num beco escuro, pois ouvira os passos de Perene e por breve instante o viu passar no fim do beco, pistola numa das mãos, a faca na outra. Se a pistola fora recarregada ou não, ou se Perene apenas temera disparar tão perto da aldeia, era impossível saber. Mesmo no que deve ter sido um momento de intolerável tensão, Perene ainda possuía instinto de conservação bastante para caminhar exatamente pelo meio da rua, onde não poderia ser tocado por um homem desarmado. Seus lábios repuxavam-se num ricto inconsciente de ódio, espanto e medo, e seu rosto era o rosto de um alucinado.

4

Não é toda mulher que, despertada em meio à noite é capaz de sentar logo na cama, as cobertas puxadas até o pescoço, cabelos despenteados e olhos baços de sono, e ainda assim ser atraente como se estivesse saindo para um baile, mas Cecile Dubois devia ser uma das poucas. Piscou, talvez um pouco mais do que faria se fosse dançar, depois dirigiu a Bowman o que pareceu um olhar crítico e penetrante, talvez porque, em resultado de toda aquela virada entre as ruínas com escaladas e tombos encosta abaixo, o terno escuro que ele usava perdera em parte o aspecto de novo; na realidade agora que podia ver-se claramente pela primeira vez, estava um trapo imundo, cheio de manchas e rasgões, sem qualquer possibilidade de reparo. Esperou a reação dela, sarcástico cínica, ou talvez apenas simplesmente aborrecida, mas evidente que ela não era uma mulher comum.

Disse apenas: "Pensei que a esta altura já estivesse longe daqui".

"Quase fui é para o outro mundo." Ele tirou a mão do interruptor de luz e empurrou a porta até quase fechá-la "Mas voltei. Vim buscar o carro... e você."

"Eu?"

"Especialmente, você. Vista-se logo. Sua vida não valerá um caracol se ficar aqui." "Minha vida? Mas, por que iria eu..." "Vamos, trate de vestir-se e arrumar a mala. Já, já." Caminhou até o leito e encarou-a, e embora sua aparência não fosse das mais animadoras deve ter sido convincente, pois ela apertou os lábios de leve e depois fez que sim. Bowman voltou à porta e olhou pela fresta que deixara. Por muito atraente que fosse a Senhorita Dubois com seus cabelos escuros, refletiu Bowman, isto não significava que fosse obrigada a seguir o modelo das morenas bonitas, já que ela tomou sua decisão, aceitou rapidamente o que julgava ser inevitável, e aquela rotina do "se pensa que vou me vestir com você aí em pé

me olhando" parece que nem ao menos lhe passou na mente. Não que ele fosse capaz de objetar seriamente, mas é que, no momento, a iminente volta de Perene tinha absoluta prioridade em suas atenções. Imaginou por breve instante o que estaria retardando Perene, que a essa altura já devia ter contado ao pai que o seu grupo encontrara certas dificuldades inesperadas na execução da missão recebida. E, naturalmente, era possível que Perene ainda andasse batendo esperançado e furtivo as velas de Les Baux, levando na direita a pistola, na esquerda o punhal e no coração a morte.

"Estou pronta", disse Cecile.

Bowman virou o rosto absolutamente espantado. E ela estava mesmo, tendo chegado mesmo a pentear os cabelos. A mala estava feita em cima da cama.

"E de mala pronta?" perguntou Bowman.

"Desde a noite passada." Ela hesitou. "Olhe, não posso sair simplesmente assim sem..."

"Lila? Deixe um bilhete. Diga que farão contacto pela posta-restante em Saintes-Maries. Voltarei num minuto; tenho de pegar minhas coisas." Deixou-a ali, foi depressa até o seu apartamento e parou um segundo na porta. O vento sul passava através das árvores e ele podia ouvir o borrifar do chafariz na piscina, mas era só o que se ouvia. Entrou no apartamento, meteu as roupas de qualquer jeito na mala e voltou ao apartamento de Cecile no prometido minuto. Ela ainda escrevia prolixamente.

"Posta-Restante, Saintes-Maries, é só o que tem de escrever", falou Bowman, áspero. "Sua biografia, ela provavelmente já sabe." Ela o olhou enviesado, rápida e inexpressivamente, por cima dos óculos que ele viu apenas com um pouquinho de surpresa; reduziu-o à condição de inseto e continuou a escrever. Depois de outros vinte segundos, ela assinou o nome, no que a Bowman pareceu um desnecessário floreio, em face da urgência do momento, colocou os óculos no estojo e acenou com a cabeça, indicando que estava pronta. Ele pegou a mala e saíram, apagando a luz e fechando a porta com cuidado. Bowman pegou então a sua mala e esperou que a moça empurrasse o bilhete por baixo da porta de Lila; então

caminharam rápido e em silêncio pela varanda e subiram pela calçada até a estrada que rodeava o hotel, pelos fundos. A moça caminhava pertinho de Bowman, um pouco atrás e calada, e ele ia justamente congratular-se pela rapidez e perfeição com que ela estava reagindo aos seus métodos de treinamento quando ela segurou seu braço esquerdo com firmeza e fez parar. Bowman fitou-a de cara feia, mas sem nenhum efeito. É míope, refletiu com piedade.

"Estamos seguros aqui?" ela perguntou.

"Por ora, estamos."

"Ponha essas malas no chão." Ele fez o que ela mandou. Teria de repassar seus métodos de treinamento.

"Até agora, e só até agora", declarou ela com muita ênfase, "banquei a boazinha e fiz tudo o que mandou porque pensei que houvesse ao menos uma possibilidade em cem de que não fosse doido. Os outros noventa e nove por cento do meu modo de pensar obrigam-me a exigir uma explicação Agora mesmo." A mãe dela não se esforçava muito em matéria de treiná-la tampouco, pensou Bowman. Não, pelo menos nas amenidades das conversinhas de salão.

Mas alguém fizera bom trabalho em outros sentidos, pois se ela estava assustada ou amedrontada de alguma forma, isto por certo não aparecia em seu comportamento.

"Você está em dificuldade" explicou Bowman. "Eu é que meti você nessas dificuldades. Portanto, é responsabilidade minha livrá-la." "Eu estou em dificuldade?" "Nós dois estamos. Três caras aí dessa caravana cigana disseram que vão acabar comigo. E depois com você. Mais primeiro eu. Por isso perseguiram-me até Les Baux e lá pela aldeia e as ruínas." Ela o encarou especulativamente, mas nem preocupada nem zangada, como seria de esperar. "Mas se o perseguiram..." "Eu me livreí deles. O filho do chefe cigano, um rapazinho encantador chamado Perene, talvez ainda esteja por lá procurando. Leva uma pistola na mão... e na outra uma faca Quando por fim desconfiar que não vai me encontrar, voltará e contará ao papai, e então um batalhão deles invadirá nossos apartamentos. O seu e o meu." "Mas que diabo fiz eu?" ela exigiu.

"Passou a noite toda comigo e foi vista dando-me asilo, foi isso o que fez." "Mas... mas isso é ridículo. Quero dizer, saírem em nossos calcanhares desse jeito." Ela sacudiu a cabeça. "Estava errada naquele possível um por cento. Você é doido mesmo." "É provável." Bowman achou que o ponto de vista era justificável.

"Quero dizer, basta você pegar o telefone." "E o quê?" "A polícia, idiota." "Nada de polícia... isto porque não sou idiota, Cecile. Seria preso por homicídio." Ela olhou para ele e sacudiu vagarosamente a cabeça, em descrença, incompreensão, ou as duas coisas.

"Não foi tão fácil assim me livrar deles esta noite", Bowman prosseguiu.

"Houve um acidente. Aliás, dois acidentes."

"Fantasias." Ela tornou a sacudir a cabeça quando repetiu a palavra: "Fantasias." "Naturalmente." Estendeu o braço e pegou-lhe a mão. "Venha, vou-lhe mostrar os cadáveres." Sabia que jamais localizaria Hoval na escuridão, mas encontrar os restos mortais de Koscis não seria difícil, e para comprovar a veracidade do que dizia, um cadáver serviria tanto quanto dois. E de repente percebeu que não precisaria provar coisa nenhuma, nunca mais, pois no rosto dela, muito pálido agora mas perfeitamente calmo, algo mudara. Não percebeu o que, apenas registrou o fato da mudança. Aí ela se aproximou e lhe pegou a mão livre entre as suas. Não começou a dar tremeliques, não se encolheu horrorizada ante o assassino confesso; apenas chegou mais para perto e pegou a outra mão dele.

"Para onde quer ir?" Sua voz era baixa mas de absoluta firmeza. "Riviera? Suíça?"

Podia tê-la abraçado ali mesmo, mas decidiu esperar momento propício.

Disse apenas: "Saintes-Maries."

"Saintes-Maries!"

"É para onde vão todos os ciganos. Quer dizer que é para onde também devo ir."

Houve um silêncio, então ela falou sem qualquer inflexão na voz: "Morrer em Saintes-Maries."

"Viver em Saintes-Maries, Cecile. Justificar a vida, se prefere assim. Nós, vagabundos ociosos, precisamos fazer isso, você bem sabe."

Ela o encarou com firmeza, mas ficou calada; nessa altura era de esperar, pois Bowman já sabia que ela era uma dessas pessoas que sabem ficar caladas quando é preciso. À claridade suave do luar, aquele rosto lindo parecia sério a ponto de ser triste.

"Preciso descobrir por que está faltando um jovem cigano", prosseguiu Bowman. "Preciso descobrir por que uma cigana velha e três ciganas jovens estão aterrorizadas acima de qualquer explicação. Quero descobrir por que três outros ciganos se arrebutaram para me matar esta noite. E quero saber por que se dispõem até a querer matá-la. Não gostaria de descobrir tudo isso também, Cecile?"

Ela acenou que sim e largou suas mãos. Ele pegou as malas e cruzaram cautelosamente a entrada principal do hotel. Não havia ninguém por ali, sinal nenhum de que houvesse gente nas imediações, nenhuma voz, nem passadas, nada se não a macia tranquilidade dos Campos Elíseos ou, talvez, de algum cemitério ou necrotério bem dirigidos. Desceram a íngreme estrada curva até a junção com a estrada transversal que corria em sentido norte-sul pelo Vale do Inferno, e a viraram num ângulo de noventa graus. Mais trinta metros Bowman depositou satisfeito as malas no chão relvado.

"Onde está seu carro?" — perguntou.

"No fim do estacionamento, na parte interna."

"Muito à vista. Quer dizer que terá de ser guiado pelo meio do estacionamento e ainda através do pátio lateral. Que marca é?"

"Peugeot 504. Azul."

Ele estendeu a mão. "As chaves."

"Por quê? Pensa que não sou capaz de guiar meu próprio carro para fora do..."

"Para fora, não, querida. Por cima. Por cima de quem se meter no caminho. Porque eles vão fazer isso."

"Mas, devem estar dormindo..."

"Inocência, inocência. Devem estar sentadinhos bebendo slivovitz e esperando felizes as boas-novas da minha morte. As chaves."

Ela lhe mandou um olhar composto de irritação e divertimento, procurou na bolsa e entregou as chaves. Ele as pegou e, quando começava a andar, ela fez como se fosse acompanhá-lo. Ele balançou a cabeça.

"Na próxima vez."

"Sei." Ela fez cara feia. "Tenho a impressão de que nós dois não vamos nos dar lá muito bem, não."

"Será melhor que sim", respondeu ele. "Para o seu bem, para o meu bem, seria melhor que nos entendêssemos. E seria formidável se chegasse ileso ao altar. Fique por aqui."

Dois minutos depois, enfiado nas sombras, ele estava ao lado da entrada do pátio lateral. Três reboques, os três que antes examinara, ainda tinham luzes, mas apenas um — o de Czerda — mostrava sinais de atividade. Não foi surpresa para ele descobrir que o seu palpite sobre o que estariam fazendo Czerda e os capangas fora absolutamente certo, salvo pelo fato de não ter como verificar se o álcool que ingeriam em quantidades tão copiosas era slivovitz ou não. Álcool, certamente era.

Os dois homens, sentados com Czerda nos degraus do enorme reboque, eram talhados no mesmo molde que o líder cigano, de grande robustez, esguios, morenos, iniludivelmente centro-europeus e com um ar pouco simpático.

Bowman jamais vira qualquer dos dois e, pelo que lhe importava, não se interessava muito se voltaria a vê-los depois. Pela conversa, entendeu que eram Maca e Masaine, porém, qualquer que fossem os nomes, estava bem claro que o destino não os incluía no rol dos anjos.

Quase diretamente entre eles e o esconderijo de Bowman estava o jipe de Czerda, parado de frente para a entrada do pátio, aliás, o único veículo nessa posição. Numa emergência, e claro, seria o primeiro carro a entrar em serviço e Bowman achou prudente tomar alguma providência a respeito.

Agachando-se, movendo-se devagar e em silêncio, e sempre diretamente atrás do jipe, alcançou a sua frente, achegou-se a roda mais próxima, destorceu a válvula do pneu e meteu uma cabeça de fósforo no pino, abafando o silvo da saída de ar com o lenço embolado. Aos poucos o aro da roda pousou no chão e se afundou no cascalho. Bowman esperou com todo o coração que Czerda e os rapazes não estivessem olhando para o jipe, pois se o estivessem não poderiam deixar de reparar com certo espanto que uma parte dele arriara quase dez centímetros para o chão. Mas Czerda e os amigos, providencialmente, tinham outras e mais imediatas preocupações.

Dizia Czerda em tom positivo: "Algo está errado. Muito errado. Erradíssimo. Vocês sabem que sempre percebo bem essas coisas."

"Perene, Koscis e Hoval são capazes de se cuidar", disse o homem que Bowman julgava chamar-se Maca, e seu tom era confiante. "Se esse tal de Bowman fugiu, pode ter ido longe." "Não." Bowman arriscou uma olhadela pelo lado do jipe e Czerda agora estava em pé. "Já demoraram demais, muito além do normal. Vamos. Temos de procurá-los." Os outros dois ciganos levantaram-se, relutantes, mas não se moveram, assim como Czerda, as cabeças inclinadas para um lado, virando-se lentamente. Bowman ouviu o ruído juntinho com eles, o ruído de passadas vindo da piscina. Perenc apareceu no alto da escadaria, desceu de três em três degraus e atravessou correndo o pátio lateral em direção ao] reboque. Era a corrida arrastada e errada de alguém à beira da exaustão, e pela respiração ofegante, o rosto suado e o fato de não fazer o mínimo esforço para esconder a pistola! que empunhava, era claro que Perene estava num estado de enorme agitação.

"Estão mortos, Pai!" A voz de Perene era um rosar rouco e arquejante.

"Hoval e Koscis. Estão mortos!"

"Em nome de Deus, o que está dizendo?", exigiu Czerda.

"Mortos! Mortos, estou dizendo! Encontrei Koscis. Pescoço quebrado... acho que todos os ossos do corpo dele estão quebrados. Deus sabe onde estará Hoval."

Czerda agarrou o filho pela gola e o sacudi violentamente.
"Fale direito! Mortos?" Sua voz foi quase um berro.

"Esse Bowman. Matou-os."

"Matou-os... matou-os... e Bowman?"

"Escapou."

"Escapou! Escapou! Seu menino idiota, se esse camarada escapar, Gaiuse Strome acabará com todos nós. Rápido! Até o quarto de Bowman!"

"E da moça." O arfar de Perene suavizava-se um pouco. "E da pequena."

"Da moça? A morena?", perguntou Czerda.

Perene acenou violentamente. "Ela lhe deu cobertura."

"E da moça... Correndo", concordou Czerda com ferocidade.

Os quatro homens correram para a escada do pátio. Bowman moveu-se para o outro pneu dianteiro, e como desta vez não precisava incomodar-se com o barulho da saída do ar, apenas desatarraxou a válvula e a atirou longe.

Ergueu-se e, ainda abaixado, correu pelo pátio e pelo arco na sebe, para o estacionamento adiante.

Ali encontrou uma dificuldade inesperada. Um Peugeot azul, dissera Cecile. Ótimo. Um Peugeot azul ele reconheceria a qualquer momento... à luz do dia. Mas agora não era dia, era noite, e embora a lua brilhasse forte, a cobertura entrelaçada do parque de estacionamento lançava uma sombra quase impenetrável sobre os carros. Tal como à noite todos os gatos são pardos, assim também à noite todos os automóveis parecem irritantemente iguais. Muito fácil, talvez, diferenciar entre um Rolls e um Mini, mas em nossa era de tranquila uniformidade, a grande maioria dos automóveis é perturbadoramente idêntica em tamanho e linhas. Ou pelo menos, para seu desânimo, Bowman achou que era naquela noite. Passou depressa de um carro para outro, forçado a olhar de bem perto cada um por um tempo que lhe parecia irritantemente longo, mas apenas para descobrir que cada um jamais era o automóvel que buscava.

Ouviu vozes abafadas, mas vozes zangadas e ansiosas, e tratou de correr para a arcada. Pertinho do reboque de Czerda, os

quatro ciganos, que na certa haviam descoberto que o pássaro voara, discutiam gesticulando com raiva, fazendo o seu conselhozinho de guerra e evidentemente imaginando qual deveria ser o próximo passo, decisão que Bowman não invejava quem devesse tomá-la, pois no lugar deles também não teria a mínima ideia do que fazer.

Abruptamente, o centro de suas atenções mudou. Pelo canto do olho viu algo que, mesmo ao pálido luar, constituía definitivamente uma mancha de cor. Essa aparição brilhantemente matizada, posta na varanda de cima, consistia num vastíssimo pijama espalhafatosamente listrado cor de heliotrópio, e dentro do pijama um homem que outro não era senão o Grão-Duque, debruçado na balaustrada e admirando o pátio em baixo com uma expressão que tanto poderia ser de relativo interesse como de bondosa indiferença, ou, realmente, de uma enorme variedade de outras coisas, uma vez que grande parte do que se podia ver do seu rosto consistia em dois maxilares que se abriam e fechavam regularmente, enquanto a maior parte do restante se escondia atrás de uma tremenda maçã vermelha. Contudo, via-se claramente que não estava tomado de qualquer emoção violenta.

Bowman deixou o Grão-Duque mastigando e continuou na busca. Na parte interna do parque de estacionamento, ela dissera. Mas o raio do Peugeot azul não estava no fim do parque. Verificara duas vezes. Voltou-se para o poente e o quarto carro era ele. Pelo menos parecia... De qualquer maneira, era um Peugeot. Entrou e a chave encaixou na ignição. Mulheres, pensou com amargura, mas não prosseguia no tema, pois havia coisas mais importantes a fazer.

Fechou a porta do carro o mais suavemente que pôde, parecia improvável que o leve estalido fosse ouvido no pátio mesmo que os ciganos não estivessem no seu esquentado conselho de guerra. Soltou o freio de mão, engatou a primeira e soltou a embreagem, e então ligou a ignição e os faróis ao mesmo tempo. Motor e luzes entraram em atividade exata mente no mesmo instante e o Peugeot, lançando cascalho das rodas traseiras, saltou para a frente, Bowman torcendo o volante para a esquerda rumo à arcada aberta na sebe. Vil logo os quatro ciganos destacarem-se de trás do

reboque de Czerda e correrem para fechar o que corretamente supuseram ser a rota entre a arcada e a saída do pátio lateral. Czerda parecia estar gritando, e embora a voz não fosse ouvida acima do motor em aceleração, a gesticulação violenta indicava que ordenava aos outros que detivessem o Peugeot, embora, de que maneira pretendessem fazê-lo, Bowman não pudesse imaginar. Quando atravessou a arcada pôde ver no foco dos faróis que Perene era o único munido de arma, e como a apontava diretamente a Bowman, não lhe deixava muita opção senão apontar o carro diretamente a ele. O pânico que de repente apareceu na expressão de Perene mostrou que perdera todo o interesse em usar a arma e estava agora acima de tudo interessado em salvar a pele. Mergulhou ansiosamente para a esquerda e quase escapou, mas quase era pouco. O para-lama do Peugeot pegou-o pela coxa e de repente ele já não estava mais ali e tudo o que Bowman pôde vislumbrar foi o reluzir metálico da pistola girando loucamente no ar. À esquerda Czerda e os outros dois ciganos conseguiram também sair da frente. Bowman virou a direção de novo, saiu do pátio lateral e desceu para a estrada do vale. Imaginou o que < Grão-Duque pensara de tudo aquilo, e achou que não perder um só pormenor de toda a cena.

Os pneus cantaram quando o Peugeot virou à direita ao pé da estrada.

Bowman freou ao lado de Cecile, saiu do carro mas deixou o motor ligado. Ela correu para ele e lhe jogou uma das malas.

"Vamos! Depressa!" Quase furiosa, jogou a outra mala em cima dele. "Não está ouvindo que se aproximam?" "Estou ouvindo, sim", respondeu Bowman tranquilamente. "Mas creio que temos tempos." E tinham mesmo. Ouviram o ronco do motor em marcha forçada, ronco que decrescia de intensidade à medida que o jipe rumava pesado para a curva.

De súbito ficou à vista deles e sem dúvida fez a curva à direita em uma forma das mais estranhas. Czerda torcia loucamente o volante mas as rodas dianteiras -ou os pneus, pelo menos, pareciam atuar por conta própria. Bowman observou com interesse enquanto o jipe seguiu diretamente à frente, derrapou por cima da

vala de outro lado da estrada, arrancou um arbusto e bateu com um estrondo.

"Quieta, quieta.", sussurrou Bowman para Cecile. "Onde já se viu alguém guiar com tal descuido?" Atravessou a estrada e olhou para o campo. O jipe, as rodas ainda girando, estava tombado de lado, enquanto os três ciganos, que evidentemente haviam abandonado o veículo antes de ele virar, jaziam embolados no chão, a uns quatro metros do jipe. Bowman ficou olhando enquanto os ciganos se desvencilhavam uns das pernas dos outros e conseguiam a custo pôr-se em pé. Perene, como era de esperar, não fazia parte do grupo. Bowman então percebeu que Cecile estava a seu lado.

Voltou-se para ele, acusadora: "Você fez isso. Sabotou o jipe."

"Não foi nada, apenas tirei um pouco de ar dos pneus."

"Mas... mas podia ter matado esses homens! O jipe podia ter virado em cima deles e tê-los esmagado mortalmente."

"Nem sempre as coisas saem como seriam de desejar", disse Bowman em tom de lamento.

Cecile dirigiu-lhe um olhar entre magoado e furibundo que fez Bowman mudar de tom. "Você não tem cara de tola Cecile, mas fala como se fosse. Se pensa que os nossos amigos aí embaixo iam sair apenas para apreciar as delícias de uma noite na Provença, por que não vai até lá e pergunta como estão passando?"

Ela se voltou e caminhou para o Peugeot sem dizer palavra. Ele seguiu e os dois partiram no carro em meio a um silêncio magoado unilateral. Um minuto depois ele reduziu a marcha e encostou o carro numa clareira à direita da estrada. Pelo para-brisa, avistavam os penhascos verticais de calcário com as enormes aberturas artificiais que davam entrada à impenetrável escuridão das invisíveis cavernas.

"Não vai me dizer que vai parar aqui?" Havia incredulidade na voz.

Ele desligou a máquina e puxou o freio de mão.

"Já parei." Mas assim vão nos encontrar!" Parecia um tanto desesperada. "Nem se discute. A qualquer momento, agora."

"Não. Se forem capazes sequer de raciocinar depois daquela esfrega, pensarão que estamos já a meio caminho de Avignon. Além disso, creio que levará algum tempo até que recuperem o anterior entusiasmo de fazer passeios de jipe ao luar.

Saíram do carro e olharam para a entrada das cavernas. Agourentas não era bem o termo para descrevê-las, nem sinistras; precisava algo mais forte, muito mais forte. Literalmente, o lugar era aterrador, e Bowman não teve dificuldade em compreender e aceitar o ponto de vista do policial lá no hotel. Mas nem por um instante pensou que fosse preciso ter nascido em Les Baux, e crescido em meio a todas aquelas velhas superstições, para criar uma fobia noturna a propósito das cavernas;! com a maior singeleza, era um lugar em que nenhum homem em juízo perfeito se aventuraria a penetrar depois do pôr do sol. Esperava que estivesse no perfeito juízo e não queria entrar. Mas tinha que entrar.

Tirou uma lanterna da mala e disse a Cecile: "Espere aqui."

"Não! Não vai me deixar sozinha aqui, não." O tom era da maior veemência.

"Lá dentro, na certa será muito pior."

"Pouco me importa."

"Você é quem sabe." Caminharam juntos e foram pela abertura maior à esquerda: se alguém colocasse sobre rodas uma casa de três pavimentos, entraria tranquilamente por essa abertura. Bowman percorreu as paredes com a lanterna, paredes cobertas de inscrições de gerações sem conta, e optou por uma arcada à direita que levava a uma caverna ainda maior. Percebeu que Cecile, embora usasse sandálias sem salto, tropeçava frequentemente, mais do que indicaria a leve ondulação do solo calcário;! ficou perfeitamente certo então de que a visão dela era bem pior do que pensava, e talvez por isso, antes de mais nada, houvesse concordado em acompanhá-lo. A caverna seguinte nada apresentou de interesse para Bowman. É verdade que os altos paredões perdiam-se na treva, mas como só um morcego chegaria lá, não havia interesse. Outra arcada abria-se à frente.

"Que lugar horrível!" sussurrou Cecile.

"Bem, eu não gostaria de morar aqui permanentemente." Mais alguns passos e ela disse: "Sr. Bowman."

"Neil."

"Posso segurar seu braço?" Ele achou que isso era coisa um pouco fora de moda.

"Como quiser", respondeu agradavelmente. "Você não é a única pessoa necessitada de coragem por aqui."

"Não é isso. Realmente, não estou com medo. O caso é que você joga essa luz para toda parte e não vejo onde estou pisando."

"Ah!" Assim ela se amparou no braço dele e não tropeçou mais, apenas estremeceu violentamente como se num acesso de malária. Então perguntou: "O que está procurando?"

"Sabe muito bem o que estou procurando."

"É possível... bem, podem tê-lo escondido."

"Realmente podem tê-lo escondido. Não podem tê-lo enterrado, a menos que trouxessem algum tipo de dinamite, mas podem tê-lo escondido. Embaixo de um monte de pedras. Há muitos por aqui."

"Mas já passamos por dúzias de pilhas de pedras e nem sequer lhes deu atenção."

"Quando a pilha é recente, percebe-se a diferença", respondeu ele positivamente. Ela tornou a tremer violentamente e ele continuou: "Por que insistiu em me acompanhar, Cecile? Disse a verdade quando afirmou que não está assustada... está é apavorada."

"Prefiro estar apavorada aqui em sua companhia do que apavorada sozinha lá fora." A qualquer instante os dentes dela começariam a bater.

"Acho que tem razão", ele admitiu. Cruzaram mais uma arcada, agora subindo um pouco, e penetraram em outra caverna imensa; depois de alguns passos, Bowman parou bruscamente.

"Que foi?" ela sussurrou. "Alguma coisa?"

"Não sei." Fez uma pausa. "Sim, agora sei."

Pela primeira vez, ele estremeceu também.

"Você também?" De novo o sussurro.

"Eu também. Mas não é isso. Algum personagem estranho acaba de caminhar sobre a minha cova."

"Por favor."

"É isso mesmo. É aqui. Quando se é velho e pecador como eu, sente-se o cheiro."

"Da morte?" então a voz dela ficou trêmula. "Ninguém pode sentir cheiro de morte."

"Eu posso." Aí pegou a lanterna.

"Acenda-a, acenda-a!" A voz dela era esganiçada, próxima da histeria.

"Pelo amor de Deus, acenda essa luz. Por favor."

Ele tirou a mão dela do braço, passou-o em torno dela e puxou-a para si.

Com um pouco de sorte, conseguiriam sincronizares tremores, não tanto, talvez, como os dançarinos campeões na TV, mas o bastante para se consolarem um pouco. Quando as vibrações abrandaram ele falou: "Percebe alguma coisa diferente nesta caverna?"

"Há luz! Vem luz de algum lugar."

"Há luz mesmo." Andaram devagar em frente até atingirem um montão de entulho no chão. A pilha de pedras subia para o alto, para o alto, até que bem lá em cima viram um quadrado de céu estrelado. Vindo pelo centro da rampa desmoronada, desde cima até o fundo, havia como que uma trilha marcada no material, trilha que parecia recente. Bowman acendeu a lanterna e não havia dúvida: as marcas eram novas. Varreu a base do desmoronamento com o foco e então a luz, quase por conta própria, deteve-se firme num monte de pedras soltas, aí com uns dois metros e quarenta de comprimento por noventa de altura.

"Quando o monte de pedras é recente, é fácil perceber a diferença", disse ele.

"É fácil ver a diferença", ela fez eco.

"Por favor. Afaste-se um pouco."

"Não. É engraçado, mas agora estou bem."

Ele acreditou, mas não achou que fosse engraçado. A espécie humana ainda está perto o bastante da selva primeva para ter

medo, acima de tudo, do desconhecido, mas ali não, ali eles sabiam.

Bowman abaixou-se e começou a tirar pedras e a jogá-las para o lado. Não haviam se preocupado em cobrir o infeliz Alexandre muito bem, pois num instante Bowman chegou aos restos rasgados de uma camisa branca saturados de sangue. No meio do sangue coagulado, presa a uma corrente, havia um crucifixo de prata. Ele abriu o fecho e tirou a corrente e o crucifixo.

5

Bowman estacionou o Peugeot no mesmo ponto da estrada do vale em que pegara Cecile e as malas. Saiu.

Virou-se para Cecile: "Fique aqui. Desta vez estou falando sério." Ela não exatamente acenou com a cabeça concordando, mas também não discutiu: talvez seus métodos de treinamento começassem a dar resultado. Ele observou sem surpresa que o jipe estava ainda no mesmo lugar, emborcado; só sairia dali a guincho.

A entrada do pátio lateral parecia deserta, mas ele já desenvolvera aquela mesma espécie de confiança afetuosa em Czerda e seus alegres camaradas que teria por uma colônia de cobras ou de aranhas viúvas-negras, de modo que se enfiou nas sombras e progrediu lentamente pelo terreno. Seu pé bateu em algo sólido e houve um leve estalido metálico. Ficou muito quieto, mas não houve qualquer reação visível ou audível.

Abaixou-se e pegou a pistola que inadvertidamente chutara contra a base da bomba de gasolina. A pistola do jovem Perene, sem dúvida. Pelo que vira de Ferenc naquele último encontro, não era provável que estivesse sentindo falta da arma ou pretendesse usá-la por certo tempo; mas de qualquer maneira, decidiu devolvê-la ao dono. Sabia que não iria perturbar o sono de ninguém porque as luzes continuavam acesas no reboque de Czerda, saindo pela janela e a porta entreaberta. Todos os outros reboques e caminhões ciganos estavam apagados. Dirigiu-se ao de Czerda, galgou em silêncio os degraus e olhou para dentro.

Czerda, com um curativo na mão esquerda, a bochecha ferida e larga tira de esparadrapo na testa, não parecia mais aquele sujeito cheio de confiança, mas estava em boa condição em comparação com Ferenc, de cujos ferimentos cuidava. Ferenc estava estirado no beliche, gemendo e quase inconsciente, soltando exclamações de dor enquanto o pai retirava de sua testa um curativo ensopado de sangue. Quando afinal o curativo desprende-

se, acompanhado de um derradeiro gemido mais alto, o aumento da dor teve o efeito de repor Ferenc quase em estado de plena lucidez, e Bowman viu que ele tinha um corte bem feio cruzando a testa, corte que, no entanto, era nada comparado com o enorme ferimento que pegava testa e rosto; se tivesse pelo corpo outros ferimentos comparáveis àquele, Ferenc devia estar sofrendo terrivelmente e sem nenhuma condição de reagir. Mas Bowman não pensou assim por nenhuma espécie de consideração, pois se Ferenc houvesse feito o que pretendia, ele, Bowman, é que estaria em condições de nunca mais sentir coisa nenhuma.

Perene sentou-se trêmulo no beliche, enquanto o pai pegava outro curativo; depois inclinou-se para a frente, pôs os cotovelos nos joelhos, o rosto entre as mãos e gemeu.

"Pelo amor de Deus, que aconteceu? Minha cabeça..." "Vai ficar bom", disse Czerda, consolador. "Um talho e uma ferida. É só." "Mas, que aconteceu? Por que minha cabeça..." "O carro. Lembra-se?" "O carro. É claro... O diabo do Bowman!" Bowman pensou que, vindo de Perene, até que era muito bom. "Ele... ele..." "Raios o partam, sim. Consegui dar o fora... e esbandalhou nosso jipe.

Está vendo isto?" Czerda apontava a mão e a testa. Perene olhou desinteressado e desviou os olhos. Tinha mais em que pensar.

"Minha pistola, Pai! Onde está?" "Aqui", disse Bowman. Apontou a pistola para Perene e entrou no reboque com a corrente e o crucifixo manchados de sangue pendentes da mão esquerda. Perene encarou-o: parecia alguém que estivesse com a cabeça no cepo e o carrasco começasse a desferir a machadada, pois carrasco Perene seria se estivesse em lugar de Bowman. Czerda, que estava de costas para a porta, rodou e permaneceu imóvel, tal como o filho. Não parecia mais contente que o outro em ver Bowman. Este deu dois passos à frente e colocou o crucifixo na mesinha.

"A mãe dele talvez gostasse de ter isso. Mas seria bom limpar primeiro o sangue..." Esperou alguma resposta, que não veio, de modo que prosseguiu: "Vou matá-lo, Czerda. Sou obrigado a fazer isso — não sou? — pois ninguém jamais" provará que você matou o jovem Alexandre. Mas eu não preciso de provas, só preciso da

certeza. Mas ainda não. Ainda não posso fazer isso, posso? Não posso causar a morte de pessoas inocentes, posso? Mas depois, mais tarde, vou matá-lo. Depois matarei Caiuse Strome.

Diga-lhe isso, certo?" "Que sabe de Caiuse Strome?" ele murmurou.

"O suficiente para enforcá-lo. E a você." Czerda de repente sorriu, mas quando falou, foi ainda no mesmo sussurro.

"Acaba de dizer que não pode me matar ainda." E deu um passo à frente.

Bowman não respondeu. Alterou a pontaria da pistola uma fração de centímetros, diretamente a um ponto bem entre os olhos de Perene. Czerda não começou o segundo passo. Bowman encarou-o e indicou um tamborete perto da mesinha.

"Sente ali e fique de cara para o seu filho." Czerda obedeceu. Bowman deu um passo à frente e ficou claro que as reações de Perene ainda não estavam em condições de uso, pois a súbita expressão horrorizada que apareceu no pouco que lhe restava de rosto ainda em condições de registrar emoções e a boca abrindo para gritar um aviso vieram tarde demais para ser de alguma valia a Czerda, que desabou pesado no chão quando o cano da pistola de Bowman o apanhou por trás da orelha.

Perene mostrou os dentes e xingou com ódio. Pelo menos foi o que Bowman pensou que estivesse fazendo, já que Perene revertera ao nativo romani; contudo, nem bem dissera o que sentia quando Bowman deu outra passada à frente sem dizer palavra e a arma de novo riscou o ar. As reações de Perene foram ainda mais lentas do que Bowman imaginara; caiu de cabeça por cima do pai e ficou imóvel.

"Que diabo..." A voz veio de trás de Bowman. Ele pulou para o lado, jogou-se ao chão e girou de arma erguida; então, mais devagar, levantou-se. Cecile estava parada à porta, os olhos verdes arregalados, a face paralisada de susto.

"Sua tola", disse Bowman selvagememente. "Quase morre nessa. Não está vendo?" Ela acenou que sim, ainda em choque.

"Entre logo. Feche essa porta. Você é uma tola. Por que raios não fez o que mandei e ficou lá no carro?" Quase como que em

transe, ela entrou e fechou a porta. Fitou os dois homens caídos, depois de novo Bowman. "Pelo amor de Deus, por que bateu nesses dois homens assim? Dois homens feridos?" "Porque, por ora, seria inconveniente matá-los", Bowman respondeu com frieza. Deu as costas a Cecile e começou a revistar o lugar, metódica e exaustivamente. Para revistar um lugar metódica e exaustivamente, seja um carroção cigano ou mansão baronial, é preciso destruí-lo completamente. Assim, de um modo ordeiro e sistemático, Bowman começou a reduzir o reboque de Czerda a total ruína. Desfez os colchões em pedacinhos, com a ajuda da faca que tomou emprestada ao repousado Czerda, desmanchando a paina toda para certificar-se de que nada ficasse oculto; espatifou as camas, arrombou os armários que estavam trancados, de novo servindo-se do punhal de Czerda. Passou ao canto que servia de cozinha e quebrou toda a louça capaz de esconder alguma coisa, esvaziou o conteúdo das peças inquebráveis na pia bem como das latas e panelas, e quebrou os vidros de conservas e uma porção de garrafas de vinho pelo método simples de bater uma na outra, e por fim espalhou pelo chão os talheres guardados nas gavetas, para ter certeza de que nada ficasse sem exame ou escondido sob os forros. Não havia nada.

Cecile, que assistia ao espetáculo com aquela mesma espécie de transe hipnótico, de repente perguntou: "Quem Caiuse Strome?"

"Desde quando esteve ouvindo?"

"O tempo todo. Quem é Caiuse Strome?"

"Não sei", retrucou Bowman, com sinceridade. "Nunca ouvi o nome até esta noite." Voltou a atenção para as arcas de roupa, cujo conteúdo despejou no chão uma a uma, chutando tudo para um lado e outro. Nada havia ali que lhe interessasse, apenas roupas. A propriedade alheia não significa grande coisa.

Nessa altura o estado de transe de Cecile alterara-se para a boquiaberta incompreensão de alguém que enfim cai na realidade.

"Deve estar tudo no seguro", explicou Bowman para confortá-la. E começou o assalto à última peça ainda intacta, uma escrivaninha de mogno magnificamente lavrada que valia uma pequena fortuna em dinheiro. Continuou arrebatando as

fechaduras com a ponta da já imprescindível faca de Czerda. Jogou o que havia nas duas primeiras gavetas no chão e ia abrir a terceira quando deu com o olho em algo. Parou e apanhou um par de meias de lã muito bem enroladinhas. Dentro, preso por um elástico, havia um maço de notas de banco novinhas em folha, com números de série consecutivos. Levou meio minuto a contá-las.

"Oitenta mil francos suíços em notas de mil francos" comentou Bowman.

"Imagino onde o nosso amigo Czerda arranhou oitenta mil francos suíços em notas de mil! Ah, muito bem." Meteu as notas no bolso de trás da calça e continuou a busca.

"Mas... mas isto é roubo!, seria demasiado, talvez, dizer que Cecile estava horrorizada, mas o fato é que não havia muito de admiração naqueles grandes olhos verdes; contudo, Bowman não estava a fim de receber lições de moral.

"Oh, cale essa boca!" exclamou.

"Mas você tem dinheiro!"

"Talvez seja assim que o obtenho." Arrombou outra gaveta e percorreu um a um dos artigos que continha com a ponta do pé, e então voltou-se ao ouvir um ruído à sua esquerda. Perene levantava-se vacilante, de modo que Bowman pegou-o pelo braço, ajudou-o a ficar em pé, acertou-o em cheio pelo lado do queixo e o arriou outra vez no chão. O choque regressou ao semblante de Cecile, um choque misturado com um começo de repulsa. Na certa era moça criada com delicadeza, crente de que a ópera, o balé e o teatro constituem o ideal para uma noite de divertimento. Bowman foi à outra gaveta.

"Não diga nada", foi avisando. "Apenas um vagabundo, fazendo coisas de vagabundo. Não é engraçado?"

"Não é não." Ela apertou os lábios como menina de escola.

"Meu tempo é escasso. Ah!"

"O que foi?" Mesmo a mais puritana das repugnâncias femininas não resiste à curiosidade.

"Isto." Mostrou-lhe uma caixa de pau-rosa, delicadamente laqueada e incrustada em ébano e madrepérola. Estava trancada e era tão bem feita que seria impossível introduzir mesmo a ponta da

afiadíssima faca de Czerda na linha delgadíssima entre a tampa e a própria caixa. Cecile pareceu sentir certa satisfação maliciosa com o momentâneo problema, pois gesticulou como a indicar a indescritível destruição que agora se espalhava quase por todos os cantos do assoalho do reboque.

"Quer que procure a chave?" perguntou em voz suave.

"Não é preciso." Ele pôs a caixa no chão e saltou em cima com os dois pés, reduzindo-a imediatamente a pequenos fragmentos estilhaçados.

Apanhou um envelope lacrado no meio dos destroços, abriu-o e extraiu uma folha de papel.

Nela havia um amontoado aparentemente sem sentido de letras e números datilografados em caixa alta. Algumas palavras apareciam em linguagem clara, mas seu sentido no contexto era de todo obscuro. Cecile olhou por cima do ombro dele com olhos espremidos, e ele sabia que ela não podia ver direito.

"O que é?", ela perguntou.

"Código, parece. Uma ou duas palavras claras. Há "Segunda-feira", uma data... "24 de maio"... e o nome de um lugar... "Grau-du-Roi".

"Grau-du-Roi?"

Era um porto de pesca e cidade balneária no litoral. "Agora, por que iria um cigano carregar uma mensagem em código?" Meditou nisso por um instante, mas não adiantou nada; estava ainda em pé e acordado, mas sua mente já se recolhera para a noite. "Pergunta estúpida. Vamos tratar de dar o fora."

"O quê? Vai deixar ainda aquelas duas gavetinhas fechadas e inteirinhas?"

"Que fiquem para os vândalos." Pegou-a pelo braço, para que não tropeçasse demais no caminho da porta, e ela o olhou como quem pergunta.

"Vai me dizer que sabe decifrar códigos?" Bowman olhou em volta. "Quebrar móveis, sei; espatifar louças, sei; decifrar códigos, não. Vamos para o nosso hotel."

Saíram. Antes de fechar a porta, Bowman deu uma última olhadela aos dois homens inconscientes e feridos, estirados no meio

daquela barafunda de madeira, louça e pano, restos irrecuperáveis do que fora um dia o interior de um reboque cigano muito bem equipado. E quase teve pena, pelo reboque.

6

Quando Bowman acordou os pássaros cantavam, o céu era de um azul diáfano sem nuvens, e os raios do sol matinal entravam pela janela. Não uma janela de hotel, mas a do Peugeot azul, estacionado fora da estrada desde as primeiras horas da madrugada, ao abrigo de um bosque espesso que, na escuridão, parecia oferecer quase total esconderijo da estrada.

Agora, à luz do dia, não era nada disso e o carro era perfeitamente visível a quem transitasse por ali e olhasse naquela direção; e, tendo em vista que não muito atrás deviam vir aqueles cujos olhares de maneira alguma interessavam ao par, Bowman achou que já era mais que tempo de ir seguindo.

Relutou em despertar Cecile, que dava a impressão de ter passado uma noite relativamente confortável — ou, pelo menos, o que restara de noite — com a bela cabeça de cabelos escuros repousada no seu ombro, fato de que ele se ressentia vagamente por ter passado uma noite das mais desconfortáveis, em parte por não querer mexer-se, afim de não perturbá-la, mas principalmente porque os exercícios desusadamente violentos que fizera na noite anterior deixaram-no cheio de dores numa diversidade de músculos que há muito não eram submetidos a tão intensos esforços. Desceu a janela do seu lado, aspirou o ar puro da manhã e acendeu um cigarro. O arranhar do isqueiro bastou para que ela se espreguiçasse, retesando-se e olhando em volta com ar de dúvida, até perceber exatamente onde estava.

Olhou-o e falou: "Bem, em matéria de hotel, este foi bem barato."

"Assim é que eu gosto. Espírito pioneiro..."

"Estou com cara de pioneira?"

"Francamente, não."

"Quero tomar um banho."

"Vai tomar, e não demorará muito. No melhor hotel de Arles. Palavra de honra."

"É um otimista. Todos os quartos de hotel devem estar reservados há muito tempo, para a festa cigana."

"É mesmo. Inclusive o que eu reservei. Faz dois meses que pedi reserva."

"Sei." Ela apontou o dedo com muita intenção para o seu lado do banco, coisa que Bowman intimamente considerou uma profunda ingratidão, tendo em vista que ela não desdenhara de usar seu ombro como travesseiro durante boa parte da noite.

"Reservou o seu quarto há dois meses, Sr. Bowman..."

"Neil."

"Já fui muito paciente, não fui, Sr. Bowman? Nem ao menos fiz perguntas."

"De fato, não fez." Olhou para ela com admiração. "Daria uma esposa excelente. Quando eu voltasse para casa tarde, do escritório..."

"Por favor. Que negócio é esse, afinal? Quem é você?"

"Um vagabundo dando umas voltinhas."

"Dando umas voltinhas? Seguindo os ciganos e..." •

"Sou um vagabundo vingativo."

"Eu o ajudei..."

"É, ajudou."

"Emprestei-lhe meu carro. Você me pôs em perigo..."

"Sei. Sinto muito nesse particular, pois não tinha o direito de fazer isso. Vou pô-la num táxi para o aeroporto de Marignane, para que tome o primeiro avião para a Inglaterra. Estará mais segura lá. Ou então leve o seu carro. Pegarei uma carona até Arles."

"Chantagem!"

"Chantagem? Não entendo. Estou-lhe oferecendo uma possibilidade de ficar em segurança. Está querendo dizer que se dispõe a me acompanhar?"

Ela fez que sim e ele a encarou com atenção. "Por que tanta confiança num homem que há tão pouco tempo andou com as mãos tão manchadas de sangue?"

Ela tornou a acenar com a cabeça.

"Continuo não entendendo." Ele olhou para fora, pelo para-brisa. "Será que a equilibrada Senhorita Dubois está em vias de se apaixonar?"

"Vamos com calma", respondeu ela com tranquilidade. "A equilibrada Senhorita Dubois não está com ideias tão românticas."

"Então, por que vir comigo? Quem sabe se não nos esperam de tocaia... um assassino no beco escuro, um garçom com vidrinho de veneno, um sujeito sorridente com o punhal oculto sob o manto... na verdade, qualquer um dos chapinhas de Czerda. E então?"

"Palavra de honra que não sei por quê."

Ele ligou o Peugeot. "Garanto-lhe que também não sei." Mas ele sabia. E ela sabia, também. Mas o que ela não sabia era que ele sabia que ela sabia. Bowman pensou que era tudo muito confuso, assim, às oito da manhã...

Logo que retomaram a estrada principal, ela falou: "Sr. Bowman, talvez seja mais esperto do que parece."

"Seria muito difícil, isso?"

"Fiz-lhe uma pergunta, há um minuto ou dois. De um jeito ou de outro, consegui contorná-la e não respondeu."

"Pergunta? Que pergunta?"

"Deixe pra lá", foi a resposta resignada. "Eu mesmo esqueci o que foi."

O Grão-Duque, o pijama listrado cor de heliotrópio felizmente quase todo oculto pelo guardanapo enorme tomava café na cama. Sua bandeja de café era mais ou menos do tamanho da própria cama, e tinha de ser mesmo, para suportar a tremenda refeição que continha. Ele acabava de fugar um suculento pedaço de peixe quando a porta abriu e Lila entrou sem se preocupar em bater. A cabeleira loura estava despenteada; com uma das mãos segurava o xale em que se envolvia, com a outra mostrava uma folha de papel. Era evidente a sua perturbação.

"Cecile foi embora!" Sacudiu um pouco mais o papel. "Deixou isto." "Foi embora?" O Grão-Duque transferiu a garfada de peixe para a boca e saboreou o instante que passava. "Céus, este salmonete está esplêndido... Para onde foi?" "Não sei. Levou toda a

bagagem." "Vejam..." Estendeu a mão e pegou o papel da mão de Lila! "Entre em contacto comigo pela Posta-Restante em Saintes-Maries". Muito pouco informativo, convenhamos. Aquele sujeito com cara de bandido que estava com ela à noite passada..." "Bowman? Neil Bowman?" "É esse mesmo o nome do cara de bandido. Verifique se ainda está aqui. E o seu carro." "Nem pensei nisso." "É preciso acostumar-se a tratar dessas coisas", explicou o Grão-Duque, amavelmente. Tornou a empunhar garfo e faca, esperou até que Lila saísse toda apressada do quarto e, então, largou garfo e faca, abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e pegou o caderno de notas em que Lila escrevera na noite passada, enquanto funcionava como sua secretária não remunerada durante as entrevistas com os ciganos. Comparou as caligrafias do caderno de notas e da folha de papel que Lila acabara de trazer: sem a menor sombra de dúvida era a mesma letra. O Grão-Duque suspirou, guardou o caderninho, largou descuidadamente o papel no chão e voltou a atacar o salmonete. Liquidara-o e destampava deleitado um prato de rins com toucinho quando Lila voltou. Trocara o xale pelo minivestido azul da noite anterior e penteara o cabelo; mas o estado de agitação continuava o mesmo.

"Ele também foi; e o carro. Oh, Charles, estou tão preocupada..."

"Com o Grão-Duque a seu lado, preocupar-se é desperdício de emoção. Saintes-Maries é o lugar, evidentemente."

"Deve ser." Ela estava em dúvida, hesitava. "Mas como vou chegar lá? Meu carro... nosso carro..."

"Irá em minha companhia, querida. O Grão-Duque sempre tem alguma espécie de condução..." Fez uma pausa e ficou escutando um vozerio. "Quietinha! Quietinha! Esses ciganos fazem uma barulhada... Pegue aqui esta bandeja, meu bem." Não sem dificuldade, Lila tirou a bandeja de cima dele. O Grão-Duque girou e saiu da cama, enrolou-se num roupão chinês violentamente colorido e foi para a porta. Como era claro que a barulhada vinha da direção do pátio lateral, o Duque marchou para a balaustrada da varanda e olhou para baixo. Grande quantidade de ciganos amontoava-se em

volta do reboque de Czerda, principalmente na parte traseira, que era a mais visível da posição em que estava o Grão-Duque.

Alguns gesticulavam, outros berravam; todos, evidentemente, estavam furiosos com alguma coisa.

"Ah!" O Grão-Duque bateu palmas. "Que circunstância feliz. É raro estar-se realmente no centro dos acontecimentos. É disso que se faz o folclore. Venha."

Virou-se e marchou decididamente para a escada que levava para fora da varanda. Lila pegou-o pelo braço.

"Mas não pode descer de pijama!"

"Não seja ridícula." O Grão-Duque prosseguiu, desceu os degraus para o pátio, desprezou — ou melhor, talvez nem tenha mesmo visto — os olhares dos que tomavam café nas mesas, e parou no topo da escadaria que levava ao segundo pátio, para reconhecer o terreno. Observou que o parque de estacionamento já estava quase vazio de carros da caravana cigana, e dois ou três dos que haviam estacionado ali no pátio lateral haviam também desaparecido, enquanto os restantes se preparavam para partir.

Mas pelo menos duas dúzias de ciganos continuavam agrupados em torno do carro de Czerda.

Como um Calígula psicodélico, e seguido por uma Lila apreensiva e tremendamente encabulada, o Grão-Duque fez o seu imperial trajeto escada abaixo, através do grupo de ciganos, e rodeou o reboque. Parou e examinou o espetáculo à sua frente. Arrebetados, amassados, cortados e cheios de ataduras, Czerda e o filho sentavam-se nos degraus do carro, os dois com a cabeça entre as mãos; seja física seja mentalmente, pareciam ambos em péssimas condições. Por trás deles, várias ciganas empenhavam-se na gigantesca tarefa de arrumar o interior do carro, que, à luz do dia, parecia uma barafunda ainda maior que à noite. Um anarquista perito em lançar bombas orgulhar-se-ia em chamar a si aquele trabalho.

"Ora, ora, ora!" O Grão-Duque balançou a cabeça, num misto de desapontamento e desagrado. "Uma briguinha de família. Muito esquentadas, algumas dessas famílias romanis, sabe? Nada de valia para o verdadeiro folclorista. Venha, meu bem, estou vendo que a

maior parte dos ciganos já está em marcha. É melhor fazermos o mesmo." Conduziu-a de graus acima e chamou um empregado que passava.

"Meu carro, e já."

"Seu carro não está aqui?" perguntou Lila.

"É claro que não está aqui. Bom Deus, filha, não está imaginando que meus empregados durmam no mesmo hotel que eu? Esteja aqui em dez minutos."

"Dez minutos! Tenho de tomar banho, tomar café, fazer a mala, pagar a conta..."

"Dez minutos." Ela ficou pronta em dez minutos. E também o Grão-Duque, que apareceu trajando um jaquetão de flanela cinzenta, com camisa marrom e um chapéu panamá com fita marrom, mas uma vez ao menos a atenção de Lila desviou-se para outra coisa. Fitava, meio aturdida, algo no pátio lateral.

"O Grão-Duque sempre tem alguma espécie de condução", repetiu mecanicamente.

A condução no caso, era um magnífico e enorme Rolls-Royce conversível de encomenda, em dois tons de verde. E segurando aberta a porta traseira estava uma chauffeuse com um uniforme verde-lima, exatamente no mesmo tom do carro, com vieses em verde-escuro, também no tom exato do automóvel. Era jovem, feitosa, de cabelos castanhos avermelhados e muito bonita. Sorriu ao dar entrada ao Grão-Duque e a Lila ao banco traseiro, sentou-se ao volante e saiu com o carro de uma forma que, do seu interior, parecia em total silêncio.

Lila fitou o Grão-Duque, que acendia um vasto havana com um isqueiro saído de um impressionante painel cheio de botões, à sua direita.

Ela então exigiu: "Vai me dizer que não permite que uma criatura assim tão linda durma no mesmo hotel que você?"

"Claro que não permito. Não que não me preocupe com o bem-estar dos meus empregados." Selecionou um botão no painel e a repartição de vidro correu silenciosa para dentro do encosto do banco da frente. "Onde passou a noite, minha querida Carita?"

"Bem, Senhor Duque, os hotéis estavam lotados..."

"Onde passou a noite?"

"No carro mesmo."

"Silêncio, não diga nada!"

O vidro deslizou suavemente para o lugar e ele se voltou para Lila. "Mas como pode ver, o carro é muito confortável." Quando o Peugeot azul chegou a Arles, criara-se um estado de frieza entre Bowman e Cecile. Andaram discutindo sobre assuntos de vestuário e não concordaram muito. Bowman parou o carro numa ruazinha transversal relativamente quieta, em frente a um empório de roupas, muito grande e muito feio; desligou o motor e olhou para Cecile. Ela não olhou para ele.

"Então?" ele perguntou.

"Sinto muito." Ela examinava um ponto qualquer na distância. "Não dá jeito. Acho que está doido varrido."

"Bem possível", ele acenou com a cabeça. Beijou-a no rosto, saiu, tirou a mala do banco traseiro e atravessou a rua, parando para examinar alguns trajes exóticos na vitrina. Via claramente o reflexo do carro e, quase com a mesma nitidez, o de Cecile. Os lábios dela estavam comprimidos e ela estava visivelmente zangada. Pareceu hesitar, mas depois saiu do carro e atravessou a rua onde ele estava parado.

"Devia dar-lhe um murro", anunciou.

"Eu não gostaria disso", respondeu ele. "Você me parece uma garota muito robusta."

"Oh, pelo amor de Deus, cale a boca e ponha essa mala no carro outra vez."

De modo que ele calou a boca e pôs a mala outra vez no carro, pegou-a pelo braço e levou-a relutante para dentro da escura loja.

Vinte minutos mais tarde ele se olhou num espelho de corpo inteiro e estremeceu. Vestia um terno preto, abotoado bem alto e muito justo, que lhe dava uma boa ideia de como uma prima-dona peso-pesado heroicamente espartilhada devia sentir-se ao soltar um dó de peito; uma camisa branca fofa gravata de laço preta e chapéu preto de aba larga. Foi um alívio quando Cecile saiu da

cabina em companhia de uma velhota gorducha e simpática, vestida de preto, que Bowman supôs fosse a gerente da casa.

Contudo, observou-a apenas por cortesia de sua visão periférica, pois qualquer homem que não dirigisse toda a sua voltagem ocular diretamente para Cecile ou seria um caso psiquiátrico ou então possuidor de uma acuidade visual comparável à de uma coruja particularmente míope. Jamais pensara nela como capaz de machucar os olhos, mas agora, pela primeira vez e de uma vez por todas, percebeu que ela era uma mulher espantosamente linda. E isto, não pelo vestido exótico que usava — um traje cigano belíssimo, que lhe caía muito bem, diferente de tudo o que já vira e, é claro, de preço muito elevado, além de abranger várias das cores do arco-íris — nem pelo negócio branco que usava na cabeça como um véu amplo e provocante, embora tivesse ouvido dizer que a consciência de vestir coisas bonitas dá às mulheres um fulgor interior que transparece.

Tudo o que ele percebeu foi que o seu coração deu uma série de solavancos e só depois que viu o sorriso doce e levemente divertido de Cecile é que chamou o coração à ordem e reassumiu o que pretendia fosse sua expressão normalmente inescrutável. A gerente exprimiu exatamente o que pensava.

Suspirou: "Madame está linda." E ele repetiu: "Madame é linda." Depois voltou a ser ele mesmo. "Quanto é? Em francos suíços. Aceita francos suíços?"

"Naturalmente." A gerente chamou uma auxiliar, que se pôs a fazer contas enquanto a velhinha embrulhava roupas.

"Ela está embrulhando minhas roupas." Cecile pareceu desanimada. "Não posso sair assim..."

"Claro que pode." Bowman procurou falar de modo a animá-la, mas as palavras soaram mecanicamente, pois ainda não conseguira tirar os olhos de cima dela. "É tempo de festa."

"O cavalheiro tem razão", disse a gerente. "Centenas de moças arlesianas vestem-se assim nesta época do ano. É uma mudança agradável e que, além de tudo, fica-lhes muito bem."

"O que não é mau para o negócio, tampouco."

Bowman olhava a conta que a mocinha lhe entregara. "Dois mil e quatrocentos francos suíços." Separou três notas de mil do maço de Czerda e as entregou à gerente. "Guarde o troco."

"Mas quanta bondade, cavalheiro..." Pelo ar espantado da mulher, ele entendeu que os arlesianos não eram muito de dar gorjetas.

"O que vem com facilidade, vai com facilidade", disse ele filosoficamente, e levou Cecile para fora da loja. Entraram no Peugeot e andaram um minuto ou dois até pararem num parque de estacionamento quase deserto. Cecile olhou-o interrogativamente.

"Meu estojo de cosméticos", explicou ele. Meteu a mão na mala, no banco traseiro, e puxou uma maleta de couro negro e fecho de correr. "Nunca viajo sem ela."

Cecile encarou-o de um jeito todo especial. "Homens não costumam usar estojos de maquilagem."

"Este aqui usa. Verá por quê."

Vinte minutos depois, quando chegaram à recepção do maior hotel de Arles, ela entendeu por quê. Vestiam as mesmas roupas com que saíram da loja, mas não fosse por isso, ninguém os reconheceria. O rosto de Cecile estava alguns tons mais escuro, tal como o pescoço, as mãos e os pulsos; usava um batom escarlate vivo e excesso de pintura, além de sombras azuis nos olhos. O rosto de Bowman era agora da cor do mogno bem maduro, e o bigode recém-adquirido tinha uma certa ousadia. O recepcionista devolveu-lhe o passaporte.

"Seu apartamento está pronto, Sr. Parker. É a sua esposa?" perguntou o recepcionista.

"Não seja tolo", respondeu Bowman, pegando o braço subitamente enrijecido de Cecile e empurrando-a para o elevador, atrás do rapaz que levava as malas. Quando a porta do apartamento fechou atrás deles, ela dirigiu a Bowman um olhar que não mostrava a mínima parcela de entusiasmo.

"Precisava dizer aquilo ao rapaz?"

"Olhe para suas mãos."

"Que há de errado nas minhas mãos... além do fato de terem ficado nojentas com essa droga que você passou?"

"Onde está a aliança?"

"Oh!"

"Ainda bem que percebe. O recepcionista é traquejado nessa espécie de coisa... percebe-as automaticamente... por isso perguntou. E é possível que lhe façam perguntas, também... algum casal suspeito entrou hoje, coisas assim. No que diz respeito a possibilidades criminais, um sujeito rebocando uma mulher para a cama fica automaticamente livre de suspeição... supõe-se que tenha outras coisas em mente."

"Não há necessidade de falar nisso..."

"Mais tarde lhe contarei alguns pormenores. Por enquanto, o que interessa é que o cara não desconfie de mim. Vou sair um pouco. Tome o seu banho. Mas não tire esse negócio do rosto, nem das mãos e do pescoço. Já saiu demais."

Ela se olhou no espelho, levantou as mãos e as estudou, como também o rosto. "Mas como, em nome de Deus, vou tomar banho sem tirar isso..."

"Posso dar uma ajudazinha, se preferir", ofereceu-se Bowman. Ela marchou para o banheiro, entrou e passou a chave na porta. Bowman desceu e deu uma paradinha em frente à cabina telefônica no saguão, coçando o queixo, um homem imerso em profundas reflexões. O telefone não tinha disco, o que significava que as ligações passavam forçosamente pela mesa. Saiu então para a luz forte da rua.

7

Mesmo naquela hora matutina, o Bulevar des Lices estava cheio de gente.

Não turistas, não gente a passeio, mas mercadores locais montando literalmente centenas de barraquinhas nas largas calçadas do Bulevar. A rua, propriamente, estava tão repleta quanto as calçadas, com dezenas de veículos, e de caminhões pesados a carrinhos de mão, descarregavam uma variedade de artigos que cobriam a grama desde maquinaria agrícola pesada, tudo o que é tipo imaginável de gêneros alimentícios, mobiliário e vestuário, até as mais insignificantes quinquilharias de lembranças e braçadas e mais braçadas de flores.

Bowman entrou na agência postal, localizou uma cabine telefônica desocupada, pegou o fone e pediu ligação para um número de Whitehall, em Londres. Enquanto esperava fosse completada a ligação, puxou do bolso a amarrotada mensagem encontrada no reboque de Czerda e alisou o papel sobre a pequena prateleira.

Pelo menos uma centena de ciganos ajoelhavam-se no relvado enquanto um padre de batina preta dava-lhes a bênção. Depois que ele baixou o braço, voltou-se e caminhou para uma pequena tenda negra armada perto, os ciganos levantaram-se e começaram a dispersar-se, alguns perambulando sem destino, outros voltando aos carros estacionados à beira da rodovia, alguns quilômetros a nordeste de Arles. Por trás dos carros que formavam a caravana cigana erguia majestosa a silhueta antiquíssima da Abadia de Montmajor. Entre os veículos estacionados, três eram imediatamente identificáveis: o reboque branco e verde em que viviam a mãe de Alexandre e as três jovens ciganas; o de Czerda, puxado por um caminhão alegremente pintado de amarelo e o imponente Rolls-Royce verde do Grão-Duque. A capota conversível estava arriada, pois o céu era sem jaça e a manhã já quente.

A linda motorista, a cabeleira avermelhada a descoberto mostrando que estava momentaneamente de folga, estava ao lado de Lila perto do automóvel; o Grão-Duque, reclinado no banco traseiro, refrescava-se com um líquido indeterminado, tirado do bar aberto diante dele, observava a cena com interesse. "" Lila disse: "Jamais associei isto com ciganos." "É compreensível, é compreensível", concedeu o Grão-Duque graciosamente.

"Você, minha querida, não sabe nada a respeito de ciganos, enquanto eu sou uma autoridade europeia no assunto." Fez uma pausa, meditou e corrigiu-se. "É melhor, sou a autoridade europeia. E isto quer dizer, naturalmente, do mundo. O elemento religioso pode ser muito formidável. E sua sinceridade e devoção nunca são tão aparentes como quando viajam em adoração às relíquias de Sara, sua santa padroeira. Diariamente, na derradeira fase da peregrinação, um padre os acompanha para abençoar Sara e o seu... mas já chega! Não devo cansá-la com minha erudição."

"Cansar-me, Charles? É tudo tão fascinante. Mas afinal, para que serve aquela barraquinha preta?"

"Um confessionário móvel... muito pouco usado, receio. Os ciganos têm seu próprio código de certo e errado. Santo Deus! Lá vai Czerda confessar."

Deu uma olhada no relógio. "Nove e quinze. Na certa só sairá lá pela hora do almoço..."

"Não gosta dele?" perguntou Lila curiosa. "Acha que ele..."

"Nada sei sobre o tipo", disse o Grão-Duque. "Diria apenas que um semblante como o dele não terá sido moldado por uma vida inteira de boas obras e pensamentos puros." Certamente pouco havia que indicasse qualquer das duas coisas quando Czerda, a cara amarrotada ao mesmo tempo preocupada e sombria, fechou atrás de si a tapagem da barraca, que era pequena e circular, não passando de uns três metros de diâmetro. Seu único móvel era um cubículo coberto- por uma cortina, que servia de confessionário.

"Seja bem-vindo, meu filho." A voz era profunda, comedida e autoritária.

"Nada disso comigo, Searl", disse Czerda com brutalidade. Houve um movimento na cortina de linho escuro e surgiu um padre

sentado, óculos sem aro e um fino rosto de asceta, a epítome do homem de Deus cuja devoção se marca pelo fanatismo. Ele encarou rápida e impassivelmente o rosto ferido de Czerda.

"Alguém pode ouvir", disse o padre friamente. "Sou o Senhor Cura", ou o "Padre".

"Você é Searl para mim e sempre será", respondeu Czerda, belicoso. "Simon Searl, o ex-padre. Parece até título de canção."

"Não estou aqui para brincadeiras", disse Searl em tom sombrio. "Vim de parte de Gaiuse Strome."

A belicosidade aos poucos desvaneceu-se da expressão de Czerda, permanecendo apenas a preocupação, aprofundando-se a cada vez que voltava a fitar o rosto inexpressivo do padre.

Searl então falou suavemente: "Creio que o momento é propício a uma explicação sobre a sua conduta incrivelmente incompetente. E espero que a explicação seja muito boa."

"Preciso sair! Preciso sair!" Tina, a jovem ciganinha de cabelos curtos olhava pela janela do grande carro para a tenda confessional, depois se voltou para as outras três ciganas. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, o rosto muito pálido. "Preciso andar! Preciso respirar um pouco de ar! Eu... eu não posso suportar isto aqui."

Marie le Hobenaut, sua mãe, e Sara olharam-se indecisas. Nenhuma delas parecia muito mais contente do que Tina. Seus rostos continuavam tristonhos e amargurados como quando foram vistos por Bowman durante a noite, a derrota e o desespero pesando ainda no ar.

"Mas tome cuidado, Tina!" Era a voz ansiosa da mãe de Marie. "Seu pai... deve pensar em seu pai."

"Está bem, Mãe", disse Marie.

"Tina sabe. Agora ela sabe." Fez um gesto para a mocinha, que correu para a porta e depois prosseguiu em voz suave: "Estava tão apaixonada por Alexandre... Você sabe."

"Eu sei", respondeu a mãe, a voz arrastada. "Pena que Alexandre não estivesse também tão apaixonado por ela." Tina atravessou a parte traseira do carro. Sentado na escadinha, estava um cigano aí de uns quarenta anos. Diferente da maior parte dos

ciganos, Pierre Lacabro era atarracado quase a ponto de ser deformado, e extremamente largo, e também diferente da maioria dos ciganos, que em seu jeito aquilino são tão aristocraticamente elegantes como qualquer povo europeu, tinha um rosto muito largo e brutal, com uma boca fina cruel, olhos porcinos e uma cicatriz, que obviamente jamais fora costurada, descendo da sobrancelha direita até o queixo. Não havia como duvidar de que fosse um homem fortíssimo. Levantou os olhos quando Tina passou e sorriu-lhe com os dentes quebrados.

"E aonde pretende ir você, minha bela rapariga?" Sua voz era profunda e rouquenha, absolutamente desagradável.

"Dar um passeio." Ela não fez o menor esforço para ocultar o nojo que lhe apareceu no rosto. "Preciso de ar."

"Temos guardas espalhados por aí... e Maca e Masairu estão de olho. Sabe disso?"

"Pensa que vou fugir?" Ele tornou a sorrir. "Está com medo demais para fugir."

Com um momentâneo impulso de humor ela disse: "Não tenho medo de Pierre Lacabro."

"E por que raios havia de ter?" Ele ergueu as mãos com as palmas voltadas para cima. "Meninas bonitas como você... ora, sou como um pai para vocês."

Tina estremeceu e desceu a escada do reboque.

A explicação de Czerda a Simon Searl não correu lá muito bem. Searl não fazia o menor esforço para ocultar o desprazer e a irritação, de modo que Czerda acabou inteiramente na defensiva.

"E que me diz de mim?" perguntou. "Fui eu quem saí perdendo, não você, nem Gaiuse Strome. Olhe, ele destruiu tudo o que havia do meu reboque... e roubou meus oitenta mil francos."

"Que você ainda nem ganhara. Era dinheiro de Gaiuse Strome, Czerda. E ele vai querê-lo de volta; se não o obtiver, sua vida é que o indenizará."

"Em nome de Deus... Bowman sumiu! Não sei..."

"Você o encontrará, e então usará isto nele." Searl meteu a mão embaixo da batina e tirou uma pistola com silenciador. "Se

falhar, sugiro que nos poupe um pouco de trabalho, usando-a em você mesmo."

Czerda fitou-o por longo tempo. "Quem é esse Gaiuse Strome?"

"Eu não sei."

"Fomos amigos antes, Simon Searl..."

"Juro por Deus que não o conheço. Suas instruções chegam por carta ou telefone, e ainda assim por intermediários."

"Então, sabe quem é aquele homem?" Czerda pegou Searl pelo braço e quase o arrastou para a porta da barraca, de que ergueu uma ponta.

Claramente à vista estava o Grão-Duque, que obviamente reenchera o copo.

Olhava diretamente para eles com expressão de funda meditação. Czerda arriou depressa a cobertura da tenda.

"Então?"

"Esse eu jamais vi antes", disse Searl. "Algum nobre rico, creio."

"Um nobre rico chamado Gaiuse Strome?"

"Não sei. E não quero saber."

"É a terceira vez que vejo esse homem na peregrinação. E é também o terceiro ano em que trabalho para Gaiuse Strome. Ele fez perguntas à noite passada. Esta manhã veio olhar os danos feitos ao meu carro. E agora está olhando direto para nós. Creio..."

"Guarda seus pensamentos para Bowman", aconselha Searl. "Fora disso, guarde suas ideias para si mesmo. Nosso patrão deseja permanecer anônimo. Não está interessado em que se devesse a sua intimidade. Compreende?"

Czerda fez que sim, relutante, meteu a pistola dentro da camisa, e saiu.

Nesse instante, o Grão-Duque fitou-o pensativamente por cima da borda do copo.

"Santo Deus", disse em tom brando. "Já se absolveu."

Lila perguntou, como quem pede desculpa: "O que é que disse, Charles?"

"Nada, meu bem, nada." Ele ergueu o olhar e avistou Tina, que perambulava desconsolada e aparentemente sem rumo pelo relvado. "Ora vejam só, que coisa mais linda aquele brotinho. Deprimida, parece; e, decididamente deprimida Mas linda."

Lila disse: "Charles, começo a pensar que é um conhecedor de garotas bonitas."

"A aristocracia sempre o foi. Carita, minha querida, para Arles, e a toda velocidade. Sinto-me desmaiar."

"Charles!" Lila estava toda preocupada. "Não se sente bem? É o sol. Se baixarmos a capota..."

"Estou com fome", disse o Grão-Duque com simplicidade.

Tina observou a partida suave do Rolls-Royce e depois olhou casualmente em volta.

Lacabro desaparecera da escada do reboque verde e branco. De Maca e Masaine, não havia sinal. Do modo mais fortuito, pelo menos ela assim pensou, aproximou-se da entrada do confessionário negro. Não ousando olhar para os lados, para uma verificação final de se fora observada ou não, levantou a tapagem e penetrou na tenda. Deu dois hesitantes passos para o cubículo.

"Padre! Padre!" Sua voz era um sussurro tremulo. "Preciso falar com o senhor."

A voz grave de Searl veio de dentro do cubículo: "Estou aqui para isso mesmo, minha filha."

"Não! Não!" Ainda sussurrando. "Não me entendeu. Tenho coisas terríveis a revelar."

"Nada será terrível demais para um representante de Deus ouvir. Seus segredos morrem comigo, minha filha."

"Mas não quero que morram com o senhor! Quero que fale com a polícia."

A cortina caiu e Searl apareceu. Seu fino rosto ascético estava coberto de compaixão e compreensão. Passou o braço pelos ombros dela.

"Quaisquer que sejam seus males, filha, seus sofrimentos findaram. Como se chama, minha cara?"

"Tina. Tina Daymel."

"Confie em Deus, Tina, e conte-me tudo."

No reboque verde e branco, Marie, sua mãe e Sara sentavam em sombrio silêncio. Vez por outra a "mãe soluçava e passava o lenço nos olhos.

"Onde está Tina?" acabou dizendo. "Onde pode estar? Saiu há tanto tempo..."

"Não se preocupe, Madame Zigair", disse Sara, consoladora. "Tina é moça sensata. Não vai fazer tolices."

"Sara tem razão, mãe. Depois da noite passada..."

"Eu sei. Sei que estou parecendo tola. Mas Alexandre..."

"Por favor, mãe." Madame Zigair concordou e calou a boca. De súbito, a porta do reboque abriu-se e Tina foi lançada para dentro, caindo de bruços, pesadamente, no chão. A silhueta de Lacabro e Czerda ficaram na porta, o primeiro sorrindo e o outro mal dominando a fúria. Tina ficou onde caiu, imóvel, sem dúvida inconsciente. Sua roupa fora rasgada nas costas, que estavam ensanguentadas e quase inteiramente cobertas por uma massa de vergões avermelhados: fora perversa e impiedosamente açoitada.

Czerda então falou em voz baixa: "Agora... agora todas vocês fiquem sabendo!"

A porta fechou-se. As três mulheres fitaram horrorizadas a menina cruelmente ferida, depois se ajoelharam para ajudá-la.

8

O telefonema de Bowman para a Inglaterra foi rapidamente completado e ele estava de volta ao hotel quinze minutos depois de ter saído. O corredor que levava ao seu apartamento era muito bem atapetado e as passadas não faziam ruído. Ele estendia a mão para a maçaneta da porta quando escutou vozes lá dentro. Não vozes, percebeu depois, mas uma só de Cecile, e apenas intermitente; o tom de sua voz era claramente identificável, mas o efeito abafador da porta era intenso demais para que distinguisse as palavras. Ia encostar o ouvido na porta quando entrou no corredor uma camareira com os braços cheios de roupas de cama. Bowman andou despreocupado numa direção e, pouco depois, ainda despreocupado, voltou pelo mesmo caminho. No apartamento havia apenas silêncio. Bateu e entrou.

Cecile estava ao lado da janela; voltou-se e sorriu quando ele fechava a porta. Sua reluzente cabeleira escura fora penteada, ou escovada, ou coisa que o valha, e parecia agora mais arrebatadora que nunca.

"Magnífica", disse ele. "Como conseguiu, sem a minha ajuda? Palavra de honra, se nossos filhos saírem tão..."

"Outra coisa", interrompeu-o, e ele percebeu que o sorriso era sem calor. "Esse negócio de Sr. Parke quando se registrou. Mostrou seu passaporte, não mostrou, Sr. Bowman?"

"Foi um amigo que me emprestou."

"É claro. E que mais? Esse seu amigo deve ser pessoa muito importante."

"Essa não entendi."

"Qual é o seu ofício, Sr. Bowman?"

"Já lhe disse..."

"Claro. Havia-me esquecido. Malandro profissional."

Ela suspirou. "E agora... vamos ao café?"

"Primeiro, para mim, uma barba. Vai estragar minha cútis, mas posso ajeitar isso. Depois, ao café." Pegou na mala o estojo de barbear, entrou no banheiro, fechou a porta e tratou de fazer a barba. Olhou em torno. Ela entrara ali, despira-se totalmente, tomara um banho muito cuidadoso para não estragar a maquilagem, tornara a vestir-se, reaplicara nas mãos um pouco dos cosméticos que ele deixara, e tudo isto em apenas quinze minutos. Sem mencionar a cabeleira penteada, ou escovada, ou lá o que fosse. Não podia acreditar, ainda mais porque ela tinha todo o jeito chateado de quem passara a maior parte daqueles quinze minutos apenas escovando os dentes. Examinou a banheira e estava realmente molhada, de modo que devia ter pelo menos aberto a torneira. Pegou a toalha embolada, e estava tão seca quanto as areias do Deserto do Sinai. Ela apenas escovara os cabelos e nada mais. Além de dar um telefonema.

Bowman fez a barba, reaplicou um pouco de sua camuflagem de guerra e levou Cecile para baixo, a uma mesa posta num canto do pátio, todo ornamentado e repleto de estátuas. Apesar de ser relativamente cedo, o local já estava bem cheio de gente. Os frequentadores eram, sem dúvida, em maioria, turistas, mas havia entre eles borrifos de gente-bem arlesiana, vestindo alguns as tradicionais fantasias festivas do lugar, outros as de ciganos.

Quando sentaram, sua atenção foi tomada por um enorme Rolls-Royce verde, em dois tons, estacionado rente à calçada; ao lado do carro estava a motorista, uniformizada em cores que combinavam com as do automóvel.

Cecile fitou o reluzente carro com franca admiração.

"Deslumbrante", disse ela. "Absolutamente deslumbrante."

"É mesmo", concordou Bowman. "É difícil imaginar que consiga dirigir um carrão como aquele." Não tomou conhecimento do olhar fora de moda de Cecile e negligentemente correu o olhar pelo pátio. "Três palpites sobre quem será o desprivilegiado dono do carro." Cecile acompanhou a linha do olhar dele. A terceira mesa, de onde estavam, era ocupada pelo Grão-Duque e Lila. Um garçom apareceu com uma bandeja muito pesada e a depositou diante do

Grão-Duque, que de saída esvaziou um jarro de suco de laranja quase antes de o garçom ter tempo de endireitar as doloridas costas.

"Pensei que esse rapaz nunca mais chegasse." O Grão Duque falou alto e azedo.

Lila sacudiu a cabeça. "Charles. Você acaba de tomar um café como eu nunca vi."

"E agora vou tomar outro. Passe esse pão, ma chérie."

"Santo Deus!" Cecile pôs a mão no braço de Bowman.

"O Duque... e Lila."

"Por que tanta surpresa?" Bowman observava o Grão Duque tirar trabalhosamente a marmelada de uma jarra enorme, enquanto Lila servia o café. "É claro que ele viria até cá... onde há ciganos, aí estará o afamado folclorista de ciganos. E, naturalmente, no melhor hotel. Eis o início de uma bela amizade. Será que ela sabe cozinhar?"

"Se sabe! Por engraçado que pareça, sabe, e muito bem. É uma excelente cozinheira. Cordon Bleu.

"Deus do céu! Ele vai raptá-la."

"Mas, o que estará fazendo aqui com ele?"

"Fácil. Você lhe disse que viria a Saintes-Maries. Portanto ela quereria vir também. Mas não tem carro, já que pegamos o de vocês emprestado. Sem dúvida nenhuma, ele há de querer ir até lá também. E tem um carro... aposto e ganho fácil como é aquele Rolls. E os dois parecem estar em muitos bons termos, embora só Deus saiba o que ela pode ver em nosso imenso amigo. Veja só as mãos dele... funcionam como uma esteira transportadora. Queira Deus que eu jamais caia num salva-vidas com ele, tendo de dividir as últimas rações."

"Acho-o muito bacana. Lá no estilo dele."

"O orangotango também..."

"Você não gosta dele, não é?" Ela parecia divertida, "É porque disse que você..."

"Não confio nele. Para mim é um tapeador. Aposto que não é folclorista coisa nenhuma, que jamais escreveu coisa alguma sobre ciganos, e que nunca escreverá. Se é tão famoso e importante como diz, por que nenhum de nós jamais ouviu falar nele? E por

que vem aqui três anos seguidos para estudar os costumes ciganos? Uma vez bastaria, mesmo para um ignorante em folclore como eu."

"Talvez goste dos ciganos."

"Talvez. E talvez goste deles só pelas razões erradas."

Cecile disse em voz mais baixa: "Pensa que ele seja Gaiuse Strome?"

"Não disse nada disso. E não diga esse nome por aqui... pretende continuar vivendo, não pretende?"

"Não sei..."

"Como é que pode ter certeza de que não haja ciganos verdadeiros no meio de toda esta gente fantasiada aqui em volta de nós?"

"Desculpe. Foi tolice minha."

"Foi."

Ele fitava a mesa do Grão-Duque. Lila erguera-se e falava. O Grão-Duque gesticulou senhorialmente e ela se encaminhou para a entrada do hotel. Pensativamente, Bowman acompanhou-a com o olhar enquanto ela atravessou o pátio, subiu a escada, atravessou o vestíbulo e desapareceu.

"Ela é bonita, não é?", murmurou Cecile.

"Que foi?"

Bowman fitou-a. "É, e sim. Infelizmente, não posso casar com as duas... há uma lei contra isso." Ainda pensativo, tornou a fitar o Grão-Duque, depois de novo Cecile. "Vá falar com o nosso corpulento amigo. Leia a mão dele. Leia a sorte dele."

"O quê?"

"Ali, do Grão-Duque. Vá..."

"Não acho graça nenhuma."

"Nem eu tampouco. Jamais me ocorreria enquanto a sua amiguinha estivesse ali... ela a reconheceria. Mas o Duque não reconhecerá... mal a conhece. E ainda mais com esse disfarce que está usando. Não que haja a menor possibilidade de ele levantar os olhos do prato..."

"Não!"

"Por favor, Cecile."

"Não!"

"Lembre-se das caravanas. Não tenho uma pista sequer."

"Oh, céus, pare com isso!"

"Bem, deixe pra lá."

"Mas, que posso eu fazer?"

"Comece com a velha conversa de todas as ledoras de buena-dicha. Depois, diga que vê planos importantes no futuro próximo e que se ele for bem sucedido... então pare aí. Recuse-se a continuar e volte para cá. Dê-lhe a impressão de que não tem futuro. Observe suas reações."

"Então você de fato suspeita..."

"Não suspeito de coisa alguma."

Relutante, ela empurrou a cadeira para trás e levantou. "Reze a Sara por mim."

"Sara?"

"É a santa padroeira dos ciganos, não é?"

Bowman ficou olhando enquanto ela seguia e chegava para o lado delicadamente para não esbarrar em outra pessoa que acabara de entrar, um padre com cara de asceta que parecia vindo do outro mundo: era impossível imaginar Simon Searl como outra coisa que não um homem de Deus em cuja mãos qualquer um tranquilamente depositaria a vida. Trocaram pedidos de desculpas e Cecile seguiu adiante e parou na mesa do Grão-Duque, que abaixou a xícara de café e fitou-a com uma irritação convenientemente ducal.

"Bem, de que se trata?"

"Bom-dia, senhor."

"Ora, ora, bom dia."

Tornou a segurar a xícara de café "O que quer?"

"Ler sua sorte, senhor."

"Não está vendo que estou ocupado? Vá embora."

"Somente dez francos, senhor."

"Não tenho dez francos." Baixou outra vez a xícara de café e encarou-a atentamente pela primeira vez.

"Mas Deus, se ao menos tivesse cabelos louros..."

Cecile sorriu, aproveitou-se da admiração momentânea e pegou sua mão esquerda.

"Tem uma linda vida longa", ela anunciou.

"Estou em perfeita forma física."

"E vem de origem nobre."

"Qualquer idiota pode ver isso."

"É de temperamento muito bondoso..."

"Não quando estou com fome." Arrancou a mão, aproveitando o movimento para pegar outro pãozinho; então levantou os olhos quando Lila chegou de volta à mesa. Apontou com o pão para Cecile.

"Tire essa pestinha daqui. Está perturbando."

"Não parece perturbado, Charles."

"Como pode saber o que está ocorrendo com minha gestão?"

Lila voltou-se para Cecile com um sorriso meio amigável e meio de desculpas, sorriso que momentaneamente se apagou quando ela percebeu de quem se tratava. Mas Lila pôs o sorriso de novo no lugar e perguntou: "Quem sabe não quer ler minha mão?"

O tom perfeito, conciliatório mas sem compromisso, uma reprimenda suavemente dirigida à grosseria do Duque, que, no entanto, permaneceu impávido.

"Longe daqui, por favor", disse com firmeza. "Longe daqui."

As duas se afastaram e o Grão-Duque viu-as afastarem-se com a expressão mais meditativa possível para quem tinha as mandíbulas funcionando com regularidade metronômica. Tirou os olhos das moças e lançou-os através da mesa na direção em que Lila estivera sentada. Bowman fitava-o diretamente, mas quase no mesmo instante olhou para outra parte. O Grão-Duque tentou acompanhar-lhe o olhar e pareceu-lhe que Bowman examinava fixamente um padre magro, que estava sentado diante de uma xícara de café e era o mesmo padre, percebeu o Grã-Duque, que vira abençoando os ciganos perto da Abadia de Montmajor. E não havia como duvidar de qual era o objeto do interesse de Simon Searl: olhava, terrivelmente interessado, para o próprio Grão-Duque.

Bowman observou Cecile e Lila conversarem a certa distância do Duque; no momento, Cecile segurava a mão de Lila e parecia falar persuasivamente, enquanto Lila sorria com algum embaraço.

Viu Lila meter alguma coisa na mão de Cecile, e de repente perdeu todo o interesse nas duas. Pelo canto dos olhos, vira alguma coisa de muito maior importância imediata... ou pelo menos pensou ter visto.

9

Além do pátio, havia uma festa alegre e barulhenta no Bulevar des Lices.

Os vendedores ainda montavam barraquinhas de última hora, mas agora eram superados pela enorme quantidade de turistas e compradores. Todos juntos, formavam um espetáculo colorido e exótico. As raras pessoas vestidas em trajes sérios de trabalho contrastavam vivamente com a cena.

Os inúmeros turistas, com suas máquinas fotográficas, em maioria vestiam com aquele doloroso descuido que parece afligir quase todos eles assim que passam suas próprias fronteiras, mas mesmo esses formavam um fundo relativamente inócuo ante os três diferentes tipos de gente que chamavam a atenção naquele esplêndido mostruário de fantasias: as moças arlesianas, com seus esquisitos trajes festivos tradicionais; as centenas de ciganas, de uma dúzia de países diferentes; e os guardadores de bois bravos da Camargue. Bowman inclinou-se para a frente na cadeira, olhos atentos. E viu mais uma vez o que lhe atraía a atenção na primeira vez: um lampejo apenas de cabelos castanho-alaranjados, mas inconfundível. Era Marie le Hobenaut, e ela caminhava depressa. Bowman olhou para o outro lado quando Cecile de novo se sentou à sua frente.

"Desculpe. Vamos sair. Um trabalhinho. Tenho de ir para a rua..."

"Mas não quer ouvir... e o meu café..."

"Podem esperar. A moça cigana de cabelos alaranjados e vestido verde e preto. Siga-a. Veja para onde vai... e vai para algum lugar, sem dúvida. Está com uma pressa hoje. Vá!"

"Sim, senhor." Ela o encarou duvidosa, ergueu-se e saiu. E ele não ficou olhando enquanto ela saía. Em vez disso, passou o olhar casualmente em volta do pátio. Simon Searl, o padre foi o primeiro a sair, e o fez quase de imediato, largando algumas moedas para

pagar o café. Segundos depois, Bowman estava em pé, seguindo o padre. O Grão-Duque, o rosto em grande parte obscurecido por imensa xícara de café, observou a partida dos dois.

No meio da multidão colorida, a simples insipidez do traje negro de Searl tornava-o fácil de acompanhar. E o que o tornava um alvo ainda mais fácil era o fato de que, como convinha a um representante de Deus, não parecia desconfiado de seus semelhantes, pois nem uma vez olhou para trás. Bowman aproximou-se até chegar a três metros dele. Agora podia ver Cecile, mais ou menos à mesma distância à frente Searl e, ocasionalmente, conseguia divisar Marie lê Hobenat e seus cabelos castanho-alaranjados. Bowman chegou ainda mais perto de Searl e esperou a oportunidade.

Essa veio logo depois. Perto de uma série de barraquinha de peixe, cerca de meia dúzia de ciganos mal encarados tentavam vender alguns cavalos que sem dúvida nenhuma já haviam visto melhores dias. Quando Bowman, agora não mais de um metro e meio atrás de Searl, se aproximou dos cavalos, esbarrou num rapaz muito moreno, de belo rosto e bigode firme como uma linha, usando sombrero preto e traje escuro, muito justo e vistoso. Ambos murmuraram pedidos de desculpas, chegaram para o lado e passaram, mas o jovem moreno deu apenas dois passos, virou-se e ficou observando Bowman, agora quase desaparecido, abrindo caminho entre os cavalos.

À frente dele, Searl parou quando um cavalo mais relinchou, balançou a cabeça e bloqueou sua passagem, o cavalo recuou, Searl deu um passo prudente para trás e, ao fazê-lo, Bowman deu-lhe um pontapé atrás do joelho. Searl gemeu de agonia e caiu, agarrando a perna atingida. E Bowman, protegido pelos cavalos nos dois flancos, abaixou-se pressurosamente sobre ele e esfregou-lhe as juntas dos dedos da mão direita pela nuca. Searl desmaiou.

"Cuidado com esses cavalos!" berrou Bowman, e logo os ciganos procuraram acalmar os animais inquietos puxando-os para um lado, a fim de abrir espaço em torno do padre caído.

Um deles perguntou: "Que aconteceu? Que aconteceu?" "Quer vender esse bruto perverso?" perguntou Bowman. "Devia era abatê-

lo. Deu um coice bem no estômago do homem. Não fique aí parado: arranje um médico." Um dos ciganos saiu correndo e os outros abaixaram-se sobre o homem prostrado; enquanto isso, Bowman tratou de dar o fora discretamente. Mas não foi tão discreto a ponto de não ser observado pelo mesmo rapaz moreno com quem esbarrara pouco antes e que estava agora imóvel, examinando as próprias unhas.

Bowman terminava o café quando Cecile voltou.

"Estou com calor", anunciou ela, e parecia estar mesmo. "E estou com fome." Bowman fez sinal com um dedo a um garçom que passava.

"Então?"

"Ela entrou numa farmácia e comprou gaze... montes de gazes... e uma quantidade enorme de pomada e voltou direto para os carros... Estão numa praça pertinho daqui..."

"O carro verde e branco?"

"É. Havia duas mulheres esperando por ela na porta do carro, e então as três entraram."

"Duas mulheres?"

"Uma de meia-idade e outra moça, de cabelos avermelhados."

"A mãe de Marie e Sara. Pobre Tina."

"Que quer dizer?"

"Apenas um palpite."

Deu uma olhadela pelo pátio. "Os nossos passarinhos amorosos lá estão." Cecile acompanhou-lhe o olhar para onde o Grão-Duque, agora refestelado na cadeira com a expressão aliviada de quem acaba de escapar de morrer de fome, sorria complacente para Lila, que, segurando a mão dele, falava animadamente.

Bowman perguntou: "Sua amiguinha é retardada mental, ou coisa que o valha?"

O olhar dela foi demorado e frio. "Não mais do que eu."

"Hum... Ela a reconheceu, sem dúvida. Que disse a ela?"

"Nada... a não ser que você teve de fugir para salvar a pele."

"Ela não quis saber por que você também veio?"

"Porque quis vir, expliquei."

"Disse-lhe que desconfio do Duque?"

"Bem..."

"Não faz mal. Ela contou alguma coisa?"

"Não muito. Apenas que pararam para assistir a uma missa cigana hoje de manhã."

"Missa?"

"Sabe como é... uma cerimônia religiosa."

"Com padre e tudo?"

"Lila disse que sim."

"Acabe logo esse café" Ele empurrou a cadeira para trás. "Não demorarei."

"Mas pensei... pensei que quisesse saber o que o Duque falou, suas reações. Afinal, foi por isso que me mandou até lá."

"Foi mesmo?" Bowman parecia distraído. "Depois." Levantou-se e entrou no prédio do hotel, e Cecile ficou a olhá-lo com ar de espanto.

"Alto, diz você, e parrudo; muito ágil." Czerda passou a mão no rosto coberto de ataduras em dolorosa recordação, e olhou para os quatro homens sentados em volta da mesa, em seu carro. Um deles era El Brocador, o rapaz moreno escuro em quem Bowman esbarrara na rua. Os outros eram Perene, Pierre Lacabro, e um Simon Searl ainda pálido e abalado, que esfregava a traseira do pescoço e do joelho simultaneamente.

"A cara dele era mais morena do que você diz", falou El Brocador. "E tinha bigode."

"Rostos morenos e bigodes podem ser adquiridos em qualquer loja. O que ele não pode esconder é o seu capital... a violência."

"Espero esse camarada logo", disse Pierre Lacabro.

"Eu não tenho pressa", disse Czerda secamente. "Você não chegou a vê-lo, Searl?"

"Nada vi. Apenas senti os dois golpes por trás... não, o segundo acho que nem senti."

"Mas por que, afinal, tinha que se meter naquele hotel?"

"Queria dar uma olhada de perto no tal Duque de Croytor. Foi você, Czerda, que me fez ficar curioso a respeito dele. Quis ouvir sua voz, ver com quem falava, se tinha contactos, quem... Ele está com uma moça inglesa. É inofensiva."

"Homens espertos fazem dessas coisas", disse Searl.

"Homens espertos não fazem as coisas que você faz", disse Czerda mal-humorado. "Agora Bowman sabe quem você é; e é quase certo que já saiba que alguém do carro de madame Zigair está bem ferido. Se o Duque de Croytor é quem você imagina que seja, então já deve saber que você suspeita de que ele seja Gaiuse Strome... e se for mesmo, não vai gostar de nenhuma destas três coisas."

A expressão de Searl não deixava dúvida de que tinha essa mesma ideia a respeito da situação. Mas Czerda prosseguiu: "Bowman. É a única solução. Esse homem tem de ser silenciado. Hoje. Mas com todo o cuidado. Sem barulho. Por acidente. Quem sabe que espécie de amigos um homem assim pode ter?"

"Já lhe disse como pode ser feito", disse El Brocador.

"E é um bom modo. Rodaremos esta tarde. Lacabro, você é o único de nós todos que ele não conhece. Vá ao hotel e o mantenha sob vigilância. Não podemos perdê-lo, agora."

"Será um prazer."

"Nada de violência", preveniu Czerda.

"Claro que não." De repente, ele pareceu desanimado. "Mas não sei como é a cara dele. Moreno e corpulento... há centenas de sujeitos morenos e corpulentos..."

"Se ele é o homem que El Brocador descreveu e o homem que me lembro de ter visto no pátio do hotel", explicou Searl, "estará em companhia de uma mulher vestida de cigana. Jovem, morena, bonita, vestida de verde e ouro, com quatro pulseiras de ouro no braço esquerdo."

Cecile levantou os olhos do que restava do seu café quando Bowman voltou à mesa.

"Demorou", comentou.

"Não fiquei vagabundando. Precisei sair. Fui às compras."

"Não o vi sair."

"Há uma saída nos fundos."

"E agora?"

"Agora tenho um negócio urgente a fazer."

"Assim desse jeito, aqui sentado?"

"Antes de cuidar do que é urgente, tenho de fazer outra coisa ainda mais urgente. E que inclui ficar sentado aqui. Sabe que há chineses muito abelhudos aqui nesta cidade de Arles!"

"De que diabo está falando?"

"O casal sentado além do Romeu e da Julieta ali. Não olhe agora. O homem é grande demais para chinês, de uns quarenta anos, embora sempre seja difícil saber exatamente a idade deles. A mulher que está com ele é mais moça, eurasiática e muito bonita. Os dois usam aquele tipo de óculos escuros com refletor embutido, de modo que não se pode distinguir os olhos deles."

Cecile levantou a xícara de café e olhou distraidamente em torno. "Agora os vi."

"Jamais confie em gente que usa óculos escuros refletores. Ele parece muitíssimo interessado no nosso Grão-Duque."

"É o tamanho dele."

"Pode ser." Bowman olhava pensativo o casal chinês; depois fitou o Grão-Duque e Lila; depois de novo os chineses. Então falou: "Agora podemos ir."

"Esse seu negócio urgente... aquele mais urgente que tinha de fazer primeiro..."

"Está feito. Vou trazer o carro aqui para a frente." O Grão-Duque percebeu a saída dele e disse a Lila: "Em cerca de uma hora, estaremos misturados com o nosso assunto."

"Assunto, Charles?"

"Os ciganos, querida menina. Mas primeiro, preciso compor mais um capítulo do meu livro."

"Quer que traga lápis e papel?"

"Não é preciso, meu bem."

"Vai me dizer... vai dizer que faz tudo de cabeça? Não é possível, Charles."

Ele acariciou a mãozinha dela e sorriu complacente. "O que pode fazer por mim é arranjar um litro de cerveja. Está ficando incomumente quente. Descubra um garçom, sim?"

Lila saiu, obediente e o Grão-Duque ficou a admirá-la. E nada havia de complacente em sua expressão quando a viu falar rapidamente, e sorrindo, com a cigana que pouco antes lera a sorte

dela; nada havia de complacente nele quando examinou o casal chinês na mesa ao lado; e ainda menos quando viu Cecile entrar num automóvel branco a cujo volante estava Bowman; e ainda menos complacência havia em sua expressão quando viu outro automóvel sair, segundos depois, seguindo o de Bowman.

Cecile olhava perplexa o interior do Simca branco. "Que diabo é isso, afinal de conta?"

"Existe uma coisa que se chama tapear", explicou ele.

"Arranjei-o enquanto você tomava café. Para dizer a verdade, arranjei dois."

"Dois o quê?"

"Dois carros alugados. Nunca se sabe quando se vai ter falta de carros."

"Mas... mas assim tão rápido..."

"A garagem é logo ali em baixo na rua... é fácil." Tirou do bolso o maço já bem magro de francos suíços de Czerda, estalou as notas no ar e tornou a guardá-lo. "Depende só do depósito."

"Você é mesmo completamente amoral, não é?" O tom era quase de admiração.

"Por que isso agora?"

"O jeito como joga fora o dinheiro alheio."

"A vida é para viver, o dinheiro é para gastar", respondeu Bowman pontificalmente. "Mortalha não tem bolsos."

"Você não tem jeito, não. Não adianta mesmo. Mas, por que este carro, afinal? Por que esse disfarce que está usando? Ora... oh, já sei. Evidentemente, o Peugeot é conhecido. Não havia pensado nisso." Ela o olhou com curiosidade quando ele virou o Simca na direção de uma seta que indicava Nîmes. "Para onde acha que está indo?"

"Não estou bem certo. Procuro um lugar onde possa conversar sem ser perturbado. Mas não fique preocupada, não, pois com você tenho todo o resto da vida para conversar... Quando estávamos no pátio do hotel, um cigano com ar de velho guerreiro, num Renault também com ar de velho guerreiro, esteve nos manjando o tempo todo. Ambos estão agora bem aqui atrás de nós... uns cem metros, se tanto. Quero conversar é com esse velho guerreiro cigano."

"Oh!"

"Devia dizer 'oh!' é para a maneira como esse Gaiuse Strome é capaz de mandar seus esbirros atrás da gente assim tão depressa." Olhou enviesado para ela. "Está me olhando de um jeito muito estranho, se me permite."

"Estou pensando."

"Em quê?"

"Se estão atrás de você, por que perde tempo em trocar de carro?" Bowman falou, paciente: "Quando aluguei este Simca, não sabia que estavam atrás de mim."

"E agora vai me pôr em perigo outra vez? Ou estou enganada?"

"Espero que não. Se estiver, sinto muito. Mas se estão atrás de mim, estarão também atrás da bela cigana que anda comigo... não se esqueça de que o padre a seguia quando teve o azar de levar a patada do cavalo. Acha que devo deixá-la, para enfrentá-los sozinha?"

"Você não oferece muito em matéria de alternativas", ela se queixou.

"Tenho muito pouco a oferecer." Bowman olhou para o espelho. O velho Renault estava a menos de cem metros atrás. Cecile olhou por cima do ombro.

"Por que não para aqui mesmo e fala com ele? Ele não ousaria fazer coisa alguma. Há gente demais em torno."

"Gente demais, sem dúvida", concordou Bowman. "Quando falar com ele, não quero ninguém num raio de um quilômetro."

Ela o olhou rapidamente, estremeceu e ficou calada. Bowman atravessou o canal do Ródano a Sete para Trinquetaille, virou à esquerda pela estrada de Albaron e depois outra vez à esquerda, pela estrada que corria para o sul na margem direita do rio. Então reduziu a marcha e acabou parando. Observou que o sujeito do Renault fizera o mesmo, a discreta distância. Bowman tornou a tocar o Simca, e o Renault o seguiu.

Dois quilômetros adiante, no descampado amplo e monótono da Ilha de Camargue, Bowman parou de novo. O Renault também. Bowman saiu, foi até a traseira do carro, olhou rapidamente para o

Renault, parado cerca de cem metros atrás, abriu a mala do carro, tirou uma ferramenta, meteu-a no bolso e voltou a seu lugar. Colocou a ferramenta no chão, a seu lado.

"Que é isso?" A voz de Cecile demonstrava grande apreensão.

"Uma chave de roda."

"Algo errado com as rodas?"

"Chaves de rodas podem ter outras serventias." E tocou para a frente. Minutos depois a estrada começou a subir ligeiramente, fez uma curva inesperada e forte à esquerda e de repente, quase diretamente abaixo deles, e a menos de dez metros, estavam as águas escuras e reluzentes do Ródano. Bowman freou com força, saiu do carro antes mesmo que parasse e caminhou depressa de volta pela estrada.

O Renault fez a curva e seu motorista, apanhado completamente desprevenido, freou o carro, derrapando a menos de dez metros de Bowman.

Bowman, com uma das mãos escondida nas costas, aproximou-se do Renault e abriu com violência a porta do motorista. Lacabro olhou-o com expressão feroz na cara toda marcada de cicatrizes.

"Estou começando a pensar que está me seguindo", disse Bowman suavemente.

Lacabro não respondeu. Com uma das mãos no volante e a outra na moldura da porta, para firmar-se, jogou-se para fora do carro com rapidez surpreendente num homem de sua corpulência. Bowman não esperava outra coisa. Deu um passo rápido para o lado e quando Lacabro passou por ele em mergulho, arriou a chave de roda no braço esquerdo de Lacabro. O som do golpe, o estalo alto do osso fraturado e o grito de dor de Lacabro foram quase simultâneos.

"Quem o mandou?" perguntou Bowman.

Lacabro, tremendo no chão e amparando o braço quebrado, rosnou qualquer coisa incompreensível em romani.

"Olhe, ouça com atenção", disse Bowman. "Estou lidando com assassinos. Sei que estou lidando com assassinos. O mais importante é que sei lidar com assassinos. Já lhe quebrei um osso..."

foi só o antebraço. Estou pronto para ir quebrando outros ossos, um por um, como você quiser — desde que não perca os sentidos — até descobrir por que aquelas quatro mulheres do carro verde e branco estão apavoradas daquele jeito. Se desmaiar ficarei sentado por aqui fumando um cigarro à espera de que recupere os sentidos para quebrar mais alguns dos seus ossinhos."

Cecile saíra do Simca e estava agora bem perto, o rosto pálido, encarando Bowman horrorizada.

"Sr. Bowman, pretende..."

"Cale a boca!" A atenção dele retornou a Lacabro. "Vamos lá... trate de ir falando a respeito daquelas senhoras."

Lacabro balbuciou o que só podia ser outra palavrada, rolou depressa e quando se firmou no cotovelo direito Cecile gritou. Lacabro tinha uma pistola na mão, mas o choque, ou a dor, ou ambos, haviam retardado seus reflexos. Deu um berro e a pistola saiu voando em uma direção, enquanto a chave de roda voava em outra. Ele levou as duas mãos ao rosto quando o sangue esguichou por entre seus dedos.

"Agora o seu nariz foi pro brejo..." disse Bowman. "Aquela mocinha morena, Tina, também está ferida, não está? Mas até que ponto estará ferida? E por que está ferida? Quem a feriu?"

Lacabro tirou as mãos da cara ensanguentada. O nariz não estava fraturado, embora não constituísse uma visão agradável e devesse continuar assim ainda por muito tempo. Cuspiu sangue e um dente quebrado, tornou a rosnar em romani e fitou Bowman como um animal selvagem. "Você a feriu", disse Bowman. "É, foi você mesmo. É um dos carrascos de Czerda, não é? Talvez o carrasco. Fico imaginando, meu amigo, fico imaginando se não foi você quem matou Alexandre lá nas cavernas..."

Lacabro, seu rosto o de um homem enlouquecido, pôs-se em pé de qualquer maneira, como um bêbado, e ali ficou oscilante. Parecia a ponto de tombar no chão, os olhos girando descontrolados nas órbitas. Bowman aproximou-se e, ao fazê-lo, Lacabro, demonstrando inacreditável imunidade à dor, numa esperteza quase animal e num igualmente animalesco poder de recuperação, de súbito deu um passo à frente e mandou o punho

direito num tremendo soco que, na certa mais por sorte que por cálculo, pegou Bowman no lado do queixo. Bowman tropeçou para trás, perdeu o equilíbrio e caiu no trecho de terra bem na beira do precipício sobre o Ródano. Lacabro não fez qualquer gesto para atacá-lo. Atormentado pela dor, e com a mente turva como devia estar, não tentou seguir Bowman. Lacabro tinha as suas prioridades. Virou-se e correu para a pistola,, que caíra pertinho de Cecile e em cuja imobilidade refletia-se o choque que lhe transparecia no rosto.

Bowman ergueu-se estonteado num braço e viu tudo acontecer como se em câmara lenta: a moça com a pistola aos pés, Lacabro atirando-se para a arma, a moça absolutamente imóvel. Talvez ela nem estivesse vendo coisa nenhuma, pensou ele desesperado, mas os olhos dela não podiam ser tão maus assim, pois se não era capaz de ver uma pistola a menos de um metro de distância, então não devia ter o direito de sair sem uma bengala branca. Mas os olhos dela não eram de fato tão maus assim. De repente, ela se abaixou, pegou a pistola e atirou no rio; depois, com boa previsão, lançou-se ao chão quando Lacabro, o rosto mascarado de ódio e sangue, avançou para derrubá-la. Mesmo nesse momento, que deve ter sido de intensa frustração, no qual seu instinto dominante deve ter sido o de maltratar selvagememente a mulher que o privara da arma, Lacabro ainda tinha suas prioridades. Desprezou a moça e partiu para Bowman, numa corrida baixa, cambaleante e louca.

Mas Cecile dera a Bowman todo o tempo de que precisava. Na altura em que Lacabro o alcançou, ele já estava de novo em pé, ainda meio tonto e abalado, mas ainda assim em condições de reagir. Evitou o primeiro ataque de Lacabro e apanhou o cigano na passagem, e por sorte o apanhou justamente no braço esquerdo. Lacabro berrou de dor, mas conseguiu livrar o braço, Deus sabe com que força, e atacou de novo. Desta vez Bowman não fez o menor esforço para evitá-lo, e avançou contra ele na mesma velocidade. Seu punho direito não teve dificuldade em acertá-lo em cheio no queixo, pois agora Lacabro não tinha guarda na esquerda. O cigano deu para trás algumas passadas involuntárias, cambaleou

brevemente na borda do barranco e caiu de costas no Ródano. O barulho feito pela queda do corpo na água escura pareceu extraordinariamente alto.

Bowman olhou para baixo, na beira do barranco, e não viu sinal de Lacabro. Se estivesse inconsciente quando caiu na água, teria ido para o fundo e estaria tudo terminado. Não havia mesmo possibilidade de localizá-lo naquelas águas turvas. Não que Bowman apreciasse a ideia de tentar salvar o cigano, pois se ele não estivesse inconsciente, na certa manifestaria a sua gratidão fazendo o máximo para afogar seu salvador. Bowman não se sentia afeiçoado a Lacabro o suficiente para correr esse risco.

Foi para o Renault, revistou-o rapidamente, encontrou o que esperava encontrar — nada —, ligou o motor, engrenou em primeira, dirigiu o carro para o barranco e saltou. O carrinho sacolejou até a beirada, empinou sobre o barranco e caiu no rio com um barulho surdo que lançou água a dez metros de altura. Parte dessa água caiu em cima de Lacabro, que estava, entre sentado e deitado, numa estreita orla de areia e seixos sob o barranco saliente.

Suas roupas estavam encharcadas e a mão direita amparava o braço esquerdo. No rosto aturdido, destituído de compreensão havia uma mistura de dor, espanto e descrença. Sem sombra de dúvida, era o rosto de quem já tivera o bastante por aquele dia.

Cecile ainda estava sentada no chão quando Bowman se aproximou. "Está estragando esse lindo traje cigano, sentada aí no chão."

"É, creio que estou mesmo." A voz dela tinha um tom prático, extraordinariamente calmo. Aceitou a mão que ele ofereceu, levantou-se e olhou em torno.

"Onde está ele?"

"Digamos que não consegui encontrá-lo."

"Não foi... não foi uma briga igual."

"Era essa a ideia por trás da coisa, queridinha. Idealmente, é claro, ele teria me enchido de bala."

"Mas... mas será que ele sabe nadar?"

"Como é que eu vou saber disso?" Conduziu-a de volta ao Simca e, depois de andarem quase dois quilômetros sem dizer palavra, ele a encarou com curiosidade. As mãos dela tremiam, o rosto estava absolutamente branco, e quando falava, a voz era um sussurro emudecido cortado de tremores. Evidentemente, sofria de alguma forma de choque retardado. "Afim, quem é você?"

"Deixe isso pra lá..."

"Eu... eu salvei sua vida hoje"

"É verdade, muito obrigado. Mas devia ter usado a pistola para atirar nele, ou para rendê-lo." Houve prolongada pausa; depois ela soluçou alto e disse quase num gemido: "Nunca atirei com um revólver em toda a minha vida. Nem sou capaz de ver alguém atirar."

"Sei. Sinto muito sobre isso. Sinto muito a respeito de tudo, Cecile. Mas sinto mais ainda por ter envolvido você em toda esta terrível confusão. Deus, devia ter visto isso antes."

"Por que se culpar assim?" A voz ainda era um quase soluço. "Tinha de se esconder de qualquer jeito à noite passada, e o meu apartamento..." Interrompeu-se, encarou-o e murmurou: "Está pensando em outra coisa, não está?"

"Voltemos a Arles", disse ele. Ela tornou a encará-lo, depois virou o rosto e tentou acender um cigarro, mas sua mão tremia tanto que ele o fez para ela. E a mão dela ainda tremia quando chegaram de volta ao hotel. Bowman parou em frente à porta do hotel. A menos de cinco metros, Lila estava sentada só numa mesa bem perto da entrada do pátio. Era difícil saber se estava zangada ou apenas desconsolada... mas o certo é que não parecia contente.

"O namorado abandonou-a", anunciou Bowman. "Encontre-me em quinze minutos. No beco dos fundos do hotel. Fique escondida até avistar um Citroen azul. Estarei dentro. Não vá ao pátio. Ficará mais segura no vestíbulo."

Cecile acenou para Lila. "Posso falar com ela?"

"Claro. Aqui dentro."

"Mas se formos vistas..."

"Não terá importância. Vai-lhe dizer que sujeito terrível eu sou?"

"Não." Um sorriso sem convicção.

"Ah... Então vai anunciar nossas próximas núpcias."

"Também não." Outro sorriso.

"Quer que eu a obrigue a decidir-se?"

Ela pôs a mão no braço dele. "Acho que você é capaz até de ser um bom sujeito."

"Duvido que aquele camarada no rio participe de seus sentimentos", disse Bowman secamente.

O sorriso desapareceu. Ela se voltou e Bowman saiu. Ela o viu desaparecer, de testa franzida, e então entrou no pátio. Olhou para Lila e fez sinal para o vestibulo. As duas entraram juntas.

10

"Tem certeza?", perguntou Cecile. "Charles reconheceu Neil Bowman?"

Lila fez que sim. "Como? Por que?"

"Não sei. Ele é muito vivo, sabe?"

"Alguma coisa mais que apenas um afamado vinicultor ou folclorista, não é?"

"Acho que é."

"E não confia em Bowman?"

"Isso é dizer com muita suavidade..."

"Então é empate. Você sabe o que Bowman pensa do Duque. Receio que aposte no meu homem, Lila. Ele hoje liquidou mais um dos bandidos..."

"Fez o quê?"

"Jogou-o no Ródano. Eu vi tudo. Ele diz..."

"Então foi por isso que você entrou agorinha aqui com aquela cara de quem viu fantasma."

"Sentia-me um pouco como um fantasma, sabe? Ele diz que matou mais dois, antes. Acredito. E eu o vi derrubar outros dois. Cor local é cor local, mas isso seria ridículo, pois não se pode imitar um homem morto. Ele está do lado dos anjos, Lila. Não, veja bem, não que eu ache que os anjos possam gostar muito dele..."

"Não sou nenhum anjo e não gosto de nada disso", disse Lila. "Estou fora do meu gênero e não sei como sair dessa. Que vamos fazer?"

"Você não está mais no ar que eu, está? Vamos fazer o que nos mandaram, é melhor. Onde está Charles?"

"Saiu." Seu desconsolo aumentou. "Simplesmente saiu com aquela sua pequena chauffeuse — é assim que a chama! — e me disse que o esperasse aqui."

"Lila!" Cecile olhava a amiga de olhos arregalados. "Não é possível..."

"Por quê? Por que não é possível? Que há de errado em Charles?"

"Nada, naturalmente; não há nada." Cecile ergueu-se. "Dois minutos para um compromisso. O nosso Sr. Bowman não gosta de esperar."

"Quando penso nele com aquela pequenina piranha..."

"Para mim parece uma garota muito encantadora."

"Era o que eu também pensava", Lila admitiu. "Mas isso foi uma hora atrás."

Na realidade, o Grão-Duque não estava com a pequenina piranha, sequer em algum lugar perto dela. Na praça onde as caravanas romena e húngara paravam não havia sinais nem de Carita nem do enorme Rolls-Royce verde, e não se pode dizer que qualquer dos dois passasse despercebido. Ao contrário, o Grão-Duque estava até muito em evidência: não longe do reboque branco e verde, e armado de caderno de notas, ele conversava animadamente com Simon Searl. Czerda, como convinha a um líder cigano já de amizade firmada com o folclorista, estava perto mas não tomava parte na palestra: Searl, pelos raríssimos sinais de emoção que ocasionalmente transpareciam do rosto ascético, parecia também não desejar tomar parte nela.

"Muitíssimo agradecido, senhor Cura, muitíssimo agradecido." O Grão-Duque estava no melhor de sua real graciosidade. "Nunca lhe poderei expressar o quanto me impressionou a missa que rezou esta manhã nos terrenos da Abadia. Comovente, absolutamente comovente. Por Deus, estou acrescentando ao meu cabedal de conhecimentos a cada minuto." Olhou mais de perto para Searl. "Machucou a perna, meu prezado amigo?"

"Uma ligeira entorse, nada mais." A única entorse óbvia estava em seu rosto e na voz.

"Ah, mas é preciso cuidar dessas pequenas entorses... podem resultar em sérias complicações. Muito sérias mesmo." Tirou o monóculo e ficou a rodá-lo na extremidade da larga fita preta, observando melhor o padre.

"Será que já não nos vimos antes... não me refiro à Abadia. Sim, sim, é claro... na calçada do hotel, esta manhã. Estranho, não

me lembro de que estivesse mancando, então. Mas receio que minha vista..." Tornou a pôr o monóculo. "Meus agradecimentos, mais uma vez. E cuidado com essa entorse. Exercite a perna com todo o cuidado, senhor Cura. Para seu próprio bem."

O Grão-Duque meteu o caderninho de notas num bolso interno e marchou, majestoso. Czerda olhou para Searl sem que nas partes visíveis do seu rosto fora das ataduras aparecesse qualquer sinal de expressão. Searl, de sua parte, lambeu os lábios ressecados, não disse uma palavra, voltou-se e foi andando.

Mesmo para um observador que o conhecesse, o homem ao volante do Citroen azul, estacionado no beco atrás do hotel, devia ser inteiramente irreconhecível como Bowman. Usava sombrero branco, óculos escuros, uma torturante camisa azul e branca de bolinhas, colete preto bordado, desabotoado, calça de sarja e botas altas. À cútis era mais pálida, o bigode maior. A seu lado, no assento, havia uma sacola fechada a cordões. A porta dianteira do carro abriu-se e Cecile olhou para dentro, piscando incerta.

"Não mordo", disse Bowman para encorajá-la.

"Santo Deus!" Ela escorregou para dentro. "O que... o que é isso?"

"Sou um *gardian*, um vaqueiro da Camargue em sua melhor roupa de domingo, um dos muitos que andam por aqui. Já lhe disse que andei fazendo compras. É sua vez, agora."

"Que há nessa bolsa?"

"Meu poncho, é claro." Ela o fitou com aquele olhar especulativo que já se lhe tornara quase habitual quando ele a levou até a loja em que estiveram de manhã. Depois de algum tempo, a mesma gerente veio saracoteando em volta de Cecile, falando tanto com as mãos como com a boca. Cecile vestia agora uma fantasia de arlesiana, com saia escura bordada, comprida e larga, corpete branco de renda franzida e chapéu toucado do mesmo material. O chapéu pousava sobre uma peruca vermelha.

"Madame está... fantástica!", disse a gerente em êxtase.

"Madame vale o preço", disse Bowman, resignado. Tirou mais algumas notas e levou Cecile para o Citroen, onde ela sentou alisando o pano macio da saia com ar de aprovação.

"Muito lindo, que é, é. Gosta tanto assim de vestir mulheres?"

"Só quando sou financiado por criminosos. Mas não é esse o ponto. Certa cigarinha morena tem sido vista comigo. E não há uma só companhia de seguros em toda Europa que se disponha a segurar essa cigarinha morena."

"Estou entendendo." Ela sorriu amarelo. "Toda esta solicitude é só para a futura esposa?"

"É claro. Por que mais haveria de ser?"

"Para falar com franqueza, seria porque não pode se dar ao luxo de perder sua assistente por enquanto?"

"Nunca me ocorreu tal ideia." Ele levou o Citroen até bem perto do ponto em que as caravanas romena e húngara estavam paradas. Parou o carro, pegou a bolsa, saiu, ajeitou-se e marchou. Quando o fez, esbarrou num enorme transeunte que passava vagarosamente.

O transeunte parou e o encarou pelo monóculo de fita negra: o Grão-Duque não estava habituado a levar trombadas no meio da rua.

"Perdão, senhor", disse Bowman.

O Grão-Duque dirigiu-lhe um olhar de profundo desgosto.

"Concedido." Bownam sorriu, desculpando-se, pegou o braço de Cecile e seguiu. Ela então falou em voz baixa e acusadora:

"Fez de propósito."

"E daí? Se ele não nos reconhece, quem mais reconhecerá?"

Deu alguns passos e parou. "Ora, ora, o que há de ser isso agora?" Houve um movimento súbito de interesse quando um furgão preto entrou na praça. O motorista desembarcou, pareceu fazer perguntas ao cigano mais próximo, que apontou para o outro lado da praça, tornou a entrar no furgão e o conduziu até as proximidades do carro de Czerda, que estava na escadinha falando com Perene, sendo de notar que nenhum dos dois parecia muito melhor dos ferimentos.

O motorista e o ajudante desceram, foram até a traseira do furgão, abriram as portas e, com muita dificuldade e, com ajuda de vários circunstantes, puxaram de dentro uma padiola na qual, o braço esquerdo numa tipoia e o rosto coberto de grossas ataduras,

jazia o corpanzil torto de Pierre Lacabro. O brilho malévolo do olho direito — o esquerdo estava todo coberto — mostrava claramente que o homem estava perfeitamente vivo. Czerda e Perene, a consternação visível na face, correram para perto da padiola. Inevitavelmente, o Grão-Duque foi dos primeiros a chegar perto, também. Inclinou-se rápido sobre o maltratado homem, depois endireitou o corpo.

"Ora vejam só!" Sacudiu a cabeça com tristeza. "Ninguém está seguro nas ruas hoje em dia." Virou-se para Czerda. "Não é o meu pobre amigo Sr. Koscis?"

"Não." Czerda respondeu com enorme constrangimento.

"Ah! Fico satisfeito em ouvir isso. Sinto muito por esse pobre homem, é claro. A propósito, imagino se não me faria o obséquo de dizer ao Sr. Koscis que eu gostaria de conversar de novo com ele, quando chegar? Quando melhor lhe convier, é claro."

"Verei se posso encontrá-lo." Czerda ajudou a levar a padiola em direção ao seu próprio reboque e o Grão-Duque voltou-se para sair, quase esbarrando no casal chinês que já vira antes no pátio do hotel. Tirou o chapéu numa cortesia à dama eurasiática.

Bowman não perdeu um pormenor de toda a cena. Olhou primeiro para Czerda, cuja expressão registrava uma mistura de fúria e preocupação, depois para o Grão-Duque, e por fim para o casal chinês. Virou-se então para Cecile e sussurrou: "Está vendo? Eu sabia que ele podia nadar. Mas não vamos mostrar muito interesse no que se passa."

E levou-a um pouco para longe. "Sabe o que pretendo fazer...? Não haverá perigo, garanto." Ficou olhando enquanto ela perambulava em torno do reboque de Czerda e parava para consertar o sapato, nas vizinhanças do reboque verde e branco. A janela lateral estava ligeiramente aberta, embora com a cortina baixada.

Satisfeito, Bowman atravessou a praça, para onde havia um grupo de cavalos amarrados embaixo de algumas árvores, perto de outros reboques ciganos. Olhou em volta ao acaso, para verificar se estava sendo observado, viu fechar-se a porta do carro de Czerda quando a padiola entrou, então meteu a mão na sacola e tirou um

punhado de objetos de papel marrom enrolado, cada qual equipado com um comprido fio azul: eram, nada mais nada menos, que algumas bombinhas daquelas antigas...

No reboque de Czerda, o próprio, e mais Perene, Simon Searl e El Brocador, reuniam-se em volta da forma ainda imóvel de Pierre Lacabro. A expressão que havia no pouco que era visível do seu rosto mostrava um grau de infelicidade não de todo atribuível apenas ao sofrimento físico: havia nele o ar magoado de alguém cujos ferimentos não estão recebendo o cuidado e a solidariedade devidos.

"Lacabro, seu idiota!", a voz de Czerda foi quase um grito. "Seu idiota louco! Nada de violência, eu disse. Nada de violência."

"Talvez devesse ter dito isso a Bowman e não a ele", sugeriu El Brocador. "Bowman sabia. Bowman estava vigiando. Bowman estava na espreita. Quem vai dizer a Gaiuse Strome?"

"Quem há de ser senão aqui o nosso padre destituído?", disse Czerda com selvageria. "Não o invejo, Searl."

Pelo olhar de Searl, ficou claro que nem ele mesmo se invejava. E disse com ar infeliz: "Talvez nem seja necessário. Se Gaiuse Strome é quem todos nós supomos que seja, agora já sabe."

"Sabe?" berrou Czerda. "O que ele pode saber? Ele não sabe que Lacabro é um dos meus homens, e como tal um dos homens dele. Não sabe que Bowman é o responsável. Não sabe que mais uma vez conseguimos perder o rastro... enquanto ele parece conhecer todos os nossos passos. Se pensa que não tem nada a explicar, Searl, está muito enganado." Virou-se para Ferenc. "Chame o pessoal. Já. Partimos dentro de meia hora. Diga-lhes que esta noite acamparemos em Vaccarès. Que foi isso?"

Ouvira-se, clara e fortemente, o som de uma série de estampidos fortes.

Homens gritaram, cavalos relincharam de medo, um guarda apitou, e continuou a série de explosões intermitentes. Czerda, seguido pelos outros três, correu para a porta do carro e a escancarou. Não estavam sós na ansiedade e na curiosidade em descobrir a origem da barulhada. Não seria exagero dizer que em trinta segundos todos os pares de olhos naquela praça estavam

voltados para o setor nordeste, onde um grupo de ciganos e *gardians*, Bowman em ativo destaque entre eles, procurava conter um grupo de cavalos relinchantes e escoiceantes, já agora absolutamente dominados pelo pavor.

Apenas um par de olhos cuidava de outra coisa, e este era o de Cecile.

Estava grudada na lateral do carro verde e branco, ponta dos pés, olhando por uma fresta que acabara de abrir na cortina.

Lá dentro estava escuro, mas não escuridão total, e mesmo os olhos de Cecile num instante se acostumaram à penumbra; e quando isto aconteceu, ela não conseguiu dominar a involuntária exclamação de horror. Uma mocinha de cabelos cortados bem curtos estava deitada de bruços num beliche — obviamente, era a única maneira em que podia se deitar. Suas costas nuas e selvagemmente feridas não estavam cobertas por ataduras mas apenas untadas com alguma pomada. Pelos frequentes movimentos de inquietação e ocasionais gemidos, era claro que não dormia.

Cecile soltou a cortina e saiu dali. Madame Zigair, Sara e Marie le Hobenaut estavam na escadinha do reboque, olhando para a praça, e Cecile passou perto delas com a maior despreocupação que pôde aparentar, o que não foi fácil, já que tinha as pernas trêmulas e sentia náuseas. Atravessou a praça ao encontro de Bowman, que acabara de acalmar um dos cavalos apavorados. Ele soltou o animal, pegou-a pelo braço e foram para onde ficara o Citroen. Ele então olhou para ela, mas não precisou olhar muito.

"Não gostou do que viu, não é?"

"Ensine-me a usar um revólver e o usarei. Mesmo sem ver direito. Chegarei bem perto."

"Tão ruim assim?"

"Ruim mesmo. Ela não passa de uma criança, uma criaturinha miúda e magra, e eles praticamente lhe arrancaram a pele das costas. Foi horrível. A pobrezinha deve estar numa agonia..."

"Quer dizer que não precisa ter pena do cara que atirei no rio."

"Eu mesma faria isso, se o encontrasse e tivesse uma arma na mão."

"Nada de armas. Eu ando sempre desarmado. Mas entendo o que quer dizer."

"Pareceu ouvir a minha novidade com muita calma."

"Estou tão furioso quanto você, Cecile, só que já estou furioso com eles há tanto tempo que não posso ficar sempre mostrando. Quanto à sova que a garota levou, tinha que ser alguma coisa assim mesmo. Como Alexandre, a pobre menina se desesperou e tentou mandar alguma mensagem, alguma informação; por isso a apanharam e lhe deram o que pretenderam que seja uma lição definitiva, para ela e as outras mulheres. E provavelmente será."

"Que informação?"

"Se eu soubesse qual é, tiraria aquelas mulheres daquele carro e as poria em segurança em dez minutos."

"Se não quer dizer, não diga."

"Olhe, Cecile..."

"Está bem. Não tem importância." Fez uma pausa. "Sabe que tive vontade de fugir hoje de manhã? Quando voltávamos do Rhône?"

"Não me surpreenderia."

"Mas agora não. Não quero mais. Agora estou amarrada em você" "Não gostaria de ter ninguém mais grudado em mim." Ela o fitou quase com surpresa. "Agora você falou sem sorrir."

"Falei sem sorrir mesmo", ele confirmou.

Chegaram ao Citroen e voltaram-se para olhar de novo a praça. A ciganada corria de um lado para outro em grande atividade. Perene ia de carro em carro, falando urgentemente com cada chefe, e assim que saía, cada qual começava a fazer preparativos para o engate dos reboques às unidades motoras.

"Vão partir?" Cecile fitou Bowman surpresa. "Por quê? Por causa de algumas bombinhas?"

"Por causa do nosso amigo que caiu no rio. E por minha causa."

"Por sua causa?"

"Agora já têm certeza, depois que o outro voltou do banho, de que estou atrás deles. Não sabem até que ponto estou por dentro dos seus negócios. Não sabem o que procuro nem como estou

vestido agora, mas sabem que devo estar diferente. Sabem que não me pegarão aqui em Arles, porque não fazem ideia de onde estou nem de por onde ando. Sabem que para me pegar terão de isolar-me e de atrair-me para o campo aberto. Esta noite acamparão no meio de qualquer lugar, num ponto bem lá no fundo da Camargue. Têm esperanças de me pegar lá porque sabem agora que, aonde quer que estejam, lá estarei eu."

"Você é bom em discursos, não é?" Não havia malícia nos olhos verdes.

"É apenas prática."

"E você exatamente não se subestima, não é?"

"Não." Olhou-a especulativamente. "Acha que eles me subestimam?"

"Desculpe." Ela tocou nas costas da mão dele, num gesto de desculpa.

"Fico assim quando estou com medo."

"Eu também. E isso é quase o tempo todo. Partiremos logo que apanhar suas coisas no hotel e, no melhor estilo pinkertoniano, vamos segui-los indo na frente. Porque se os acompanharmos vão espalhar observadores a intervalos regulares para verificarem todos os carros que os seguirem. E não haverá muitos carros indo para o Sul... esta noite é a grande festa em Arles e a maior parte do pessoal só começará a se movimentar para Saintes-Maries daqui a umas quarenta e oito horas."

"Eles nos reconheceriam com todo este disfarce? Na certa não podem..."

"Não nos reconhecerão. Ainda não devem saber como estamos. Ao menos por enquanto. Tenho certeza. Mas nem precisam. Vão procurar um carro que leve um casal. Procurarão um carro com placa de Arles, porque terá de ser carro alugado. Procurarão um casal disfarçado, porque ambos terão de estar disfarçados, e por aqui, isso só pode significar fantasia de cigano ou de vaqueiro. Procurarão um casal com determinadas características que, nesta altura, já são bem conhecidas como a sua esbeltez, suas maçãs do rosto altas e os olhos verdes, enquanto eu estou bem longe de ser esbelto e tenho certas cicatrizes no rosto que só a

tinta pode ocultar. Quantos automóveis e quantos casais rumando para o Sul para Vaccarès, esta tarde, conferirão com todas essas características? Um só."

Ela estremeceu. "Não lhe escapa muita coisa não é?"

"Nem a eles. Por isso vamos na frente deles. Se não nos alcançarem, sempre poderemos voltar para ver onde pararam. Não suspeitarão de carros vindos do Sul. Pelo menos, espero em Deus que não suspeitem. Mas de qualquer maneira, nunca tire os óculos escuros... esses olhos verdes são morte certa."

Bowman voltou ao hotel e parou a cerca de cinquenta metros do pátio, na vaga mais próxima que encontrou. Disse a Cecile: "Faça a mala. Sairemos em quinze minutos. Encontrarei você dentro do hotel em dez minutos."

"Você, naturalmente, tem algum negócio urgente para tratar primeiro?"

"Tenho."

"Pode me dizer o que é?"

"Não."

"Engraçado. Pensei que já confiasse em mim."

"Naturalmente. Qualquer moça com quem eu vá me casar..."

"Não mereço isso."

"Não merece mesmo. Confio em você, Cecile."

"Sei." Ela acenou com a cabeça, como se satisfeita. "Estou vendo que é verdade. Não confia é na minha capacidade de não falar sob coação."

Bowman fitou-a por alguns momentos, depois disse "Será que durante as vigílias da noite eu sugeri que você não fosse... hum... tão inteligente quanto pode ser?"

"Chamou-me de tola várias vezes, se é a isso que se refere."

"Será que não pode me perdoar?"

"Tentarei." Ela sorriu, desceu do carro e seguiu. Bowman esperou que ela entrasse no pátio, então saiu do carro e caminhou de volta até o correio, onde pegou um telegrama que o aguardava, levou-o de volta ao carro e o abriu. O texto era em inglês e em linguagem clara. Dizia:

SENTIDO OBSCURO PONTO ASPAS ESSENCIAL CONTEÚDO SEJA ENTREGUE ALGUES MORTES OU GRAU DU RÓI ATÉ SEGUNDA-FEIRA 28 MAIO INTACTO E REPETIMOS E INCÓGNITO PONTO SE FOR POSSÍVEL APENAS UMA DAS COISAS NÃO ENTREGUE O CONTEÚDO PONTO SE POSSÍVEL O GASTO RELATIVO NÃO IMPORTA PONTO SEM ASSINATURA.

Bowman releu duas vezes a mensagem e balançou a cabeça. Para ele o sentido estava longe de obscuro; pensou que agora estava tudo perfeitamente claro. Puxou um fósforo e queimou o telegrama, cada pedacinho de uma vez, no cinzeiro do carro, desmanchando o papel queimado em diminutos fragmentos. Olhava em torno frequentemente, para ver se havia alguém indevidamente interessado em sua ocupação tão fora do comum, mas não viu ninguém. Pelo espelho retrovisor pôde ver o Rolls-Royce do Grão-Duque parado no sinal luminoso, cerca de trezentos metros atrás. Refletiu que mesmo um Rolls tem de parar nos sinais vermelhos. O Grão-Duque devia achar essas ninharias uma constante fonte de total irritação. Olhou pelo para-brisa e viu o chinês com a sua dama eurasiática caminhando descuidadamente em direção ao pátio, aproximando-se dele a oeste.

Bowman desceu o vidro da janela, rasgou o envelope do telegrama em pedacinhos e os atirou na sarjeta; esperava que os cidadãos de Arles lhe perdoassem o atirar assim lixo nas ruas. Saiu do carro e entrou no pátio do hotel, cruzando no caminho com o casal chinês. Fitaram Bowman impassivelmente por trás dos seus óculos refletores, mas Bowman nem sequer olhou para os dois.

O Grão-Duque, parado no sinal luminoso, por incrível que pareça não mostrava a mínima irritação. Estava absorvido em tomar notas num caderninho que, curiosamente, não era o mesmo que em geral usava para acrescentar ao seu crescente cabedal de folclore cigano. Aparentemente satisfeito com o que escrevera, guardou o caderno, acendeu um vastíssimo havana e apertou o botão que controlava a vidraça divisória. Carita encarou-o interrogativamente pelo espelho retrovisor.

O Grão-Duque disse: "Acho que não preciso perguntar, minha querida, se cumpriu minhas instruções?"

"À risca, senhor Duque."

"E a resposta?"

"Em noventa minutos, com sorte. Sem ela, duas horas e meia."

"Onde?"

"Respostas em quadruplicata, senhor Duque. Posta-Restante em Arles, Saintes-Maries, Aigues-Mortes e Grau-du-Roi. Espero que seja satisfatório?"

"Eminentemente." O Grão-Duque sorriu de satisfação. "Há ocasiões, minha prezada Carita, em que eu não sei bem o que faria sem você."

A repartição correu silenciosa, o Rolls escorregou para a frente ao sinal verde e o Grão-Duque, charuto na mão, recostou-se e passou os olhos no mundo com o seu ar costumeiramente patriarcal. Abruptamente, depois de um olhar intrigado pelo para-brisa, inclinou-se uns cinco centímetros inteiros, ação que, no Grão Duque, indicava um grau de interesse extraordinariamente alto. Comprimiu o botão da vidraça divisória.

"Há uma vaga atrás do Citroen azul. Pare ali." O Rolls diminuiu a marcha até parar e o Duque efetuou a façanha quase inédita de abrir a porta e saltar por esforço próprio. Andou descuidadamente para a frente, parou e olhou os pedacinhos de papel de telegrama amarelo espalhados na sarjeta, e depois para o chinês que se erguia lentamente com um dos pedacinhos na mão.

"Parece que perdeu alguma coisa", disse o Grão-Duque delicadamente.

"Posso ajudar de algum modo?"

"Bondade sua." O inglês do homem era impecável, bridge na mais apurada forma. "Não foi nada. Minha esposa apenas perdeu um brinco. Mas não está por aqui."

"É uma pena."

E o Grão-Duque continuou andando, entrou no pátio do hotel, passou pela esposa do chinês, sentada a uma mesa, e curvou a cabeça muito de leve em graciosa homenagem. Observou que ela era sem dúvida eurasiática e muito bela. Não era loura, naturalmente, mas bela assim mesmo. E usava dois brincos. O

Grão-Duque atravessou o pátio em passadas medidas e reuniu-se a Lila, que estava sozinha a uma mesa. O Grão-Duque observou-a com ar sério.

"Está infeliz, meu bem."

"Não, não."

"Oh, está sim, sem dúvida. Tenho um infalível instinto para essas coisas. Por alguma razão extraordinária, você tem certas reservas a meu respeito. A meu respeito. Para comigo, se é que posso dizer assim, o Duque de Croytor!" Pegou-lhe a mão.

"Telefone para o seu pai, o meu amigo Conde Delafont, e telefone-lhe agora. Ele irá tranquilizá-la, dou-lhe a minha palavra quanto a isso. A mim! O Duque de Croytor!"

"Por favor, Charles. Por favor."

"Assim é melhor. Prepare-se para partir imediatamente. Caso de urgência. Os ciganos estão partindo... ao menos, os que nos interessam estão partindo... e aonde eles vão devemos segui-los." Lila fez que ia se levantar mas ele usou a mão para retardá-la.

"Urgência é um termo relativo. Digamos, daqui a uma hora... temos de fazer uma ligeira boquinha antes de seguirmos para as vastidões inóspitas da Camargue."

11

Ao recém-chegado, Camargue de fato não dá a impressão de ser um ermo inóspito, uma terra vazia, uma desolação de céus enormes e horizontes ilimitados, um nada plano árido, terra há muito abandonada pela vida e deixada a fenecer, a murchar, a morrer durante todo o verão sob um sol impiedoso suspenso de uma límpida abóbada azul metálico. Mas se o recém-chegado permanecer o bastante, verificará que as primeiras impressões, como acontece invariavelmente, dão uma ideia falsa e enganadora. É verdade que se trata de uma terra difícil e desolada, mas que nem é hostil nem está morta, terra que nada possui da terrível e uniforme ausência de vida do deserto tropical ou da tundra siberiana.

Ali existe água e terra nenhuma que tenha água está morta: há lagos grande e lagos pequenos, e lagos que não são lagos mas apenas alagados, às vezes não mais profundos que os boletos de um cavalo, outros fundos o bastante para afundar um prédio. Há cores ali, os sempre mutáveis azuis e cinzentos das águas, encrespadas pelo vento, os pálidos amarelos das abas brejosas que contornam as lagoas, os quase pretos dos suaves ciprestes, os verdes escuros dos pinheiros que quebram o vento, o verde espantosamente luzidio das pastagens ocasionalmente viçosas, acentuadamente vivos contra a aridez parda e opaca da vegetação escassa e das bacias de sal rijamente batidas de sol que ocupam tão grande parte da região. E, acima de tudo, há vida ali: pássaros em grande número, grupos esporádicos de gado negro e, ainda mais raramente, de cavalos brancos; há fazendas, também, de agricultura e de pecuária, mas estas ficam tão lá no fundo, fora das estradas, tão escondidas por cercas de pinheiros que o viajante pouco as vê.

Mas permanece um fato indiscutível a respeito da Camargue, uma primeira impressão que nunca muda, que justifica inteiramente

sua costumeira descrição de planura sem fim: a Camargue é tão lisa, tão chata, tão descaracterizada como um mar de verão batido pelo sol.

Para Cecile, enquanto o Citroen azul rumava para o Sul entre Arles e Saintes-Maries, a Camargue nada mais era que uma desolação cada vez mais descaracterizada, e o seu estado de espírito ficava cada vez mais deprimido, em correspondência com o lugar. Uma vez ou outra ela fitava Bowman mas não recebia ajuda: ele parecia descontraído, quase alegre, e se a lembrança do sangue há pouco derramado em suas mãos pesava-lhe de algum modo, ele ocultava os sentimentos com muita habilidade. Com certeza já esquecera tudo, pensou Cecile, e a ideia fê-la ainda mais deprimida. E ficou olhando a paisagem árida em torno até que se virou para Bowman.

"Vive gente aqui?"

"Gente vive aqui, ama aqui, morre aqui. Esperemos que nós não. Morramos aqui, quero dizer."

"Oh, cale essa boca. Onde estão os tais vaqueiros? Ouvei falar em... *gardians*, não é como os chamam?"

"Devem estar nos bares, imagino. Hoje é dia de festa, não se esqueça...é feriado." Sorriu para ela.

"Espero que seja para nós também."

"Mas sua vida é um comprido feriado. Você mesmo disse."

"Para nós", disse eu."

"Gracioso cumprimento", e ela o fitou com atenção. "Pode me dizer, só de passagem, quando foi o seu último feriado?"

"De passagem, não."

Cecile balançou a cabeça e tornou a olhar em frente. Quase um quilômetro adiante, à esquerda da estrada, havia um grupo de prédios, alguns bem grandes.

"Vida, enfim", disse ela. "O que é aquilo?"

"Um mas. Uma fazenda, principalmente de criação. Uma espécie de hotel também, com quartos, restaurante, escola de equitação etc. Mas de Lavignolle, é como a chamam."

"Já estive aqui antes, não?"

"Em todos os meus feriados."

"E tem mais!" Ela voltara a atenção de novo para a paisagem à frente e de repente se inclinava no banco.

"É verdade, é verdade. Mas primeiro temos que encontrar a lebre."

"Ele virá", Czerda afirmou confiante. Apontou na direção da longa fila de carros. "Uma vez que estejam aqui, ele virá também. Nesta altura, nós todos estamos certos disso. Basta que se preocupe com a sua parte, El Brocador."

"Com isso não me preocupo." A confiança de El Brocador equivalia à do próprio Czerda. "Todo mundo sabe de que são capazes os malucos dos ingleses. Apenas mais um imbecil que resolveu se mostrar diante da multidão. E dezenas de testemunhas o verão escapar de nós, apesar de todo o nosso esforço para contê-lo."

"O touro terá chifres especialmente aguçados, como combinamos?"

"Cuidei disso eu mesmo." El Brocador olhou para o relógio. "Será que não podemos andar mais depressa? Sabe que tenho compromisso daqui a vinte minutos."

"Não se preocupe", tranquilizou-o Czerda. "Estaremos no Mas de Lavignolle em dez minutos."

A discreta distância atrás da poeirada que voltava a pousar! no solo, o Rolls-Royce verde deslizava no majestoso silêncio de sempre. A capota estava arriada e o Grão-Duque sentava como um rei sob o guarda-sol com que Lila o protegia.

"Você dormiu bem?" perguntou ela, solícita.

"Dormir? jamais durmo à tarde. Apenas fecho os olhos. Tenho a mente por demais cheia de coisas, muito cheia mesmo, e assim medito muito melhor." "Ah! Não entendo." A primeira qualidade de que se necessitava para tratar com o Grão-Duque, Lila aprendera, era a diplomacia. Por isso mudou logo de assunto. "Por que estamos seguindo tão poucos carros, quando a maior parte ficou em Arles?"

"Já lhe disse; são esses os que nos interessam."

"Mas por quê...?"

"Os ciganos romenos e húngaros são a minha especialidade."

Havia tal firmeza na maneira como falou que efetivamente encerrava aquele determinado rumo da conversa.

"E Cecile? Estou preocupada..."

"Sua amiga senhorita Dubois já partiu, e a menos que eu esteja enganado" — o tom não deixava dúvida de que essa possibilidade não existia — "deve estar também na estrada e muito à frente de nós. Estava vestida, devo confessar", acrescentou reflexivamente, "com uma fantasia de Arlesiana das mais encantadoras."

"De cigana, Charles."

"De Arlesiana", disse o Grão-Duque com firmeza. "Pouca coisa me escapa, meu bem. Estava de cigana quando você a viu, talvez. Mas de Arlesiana quando partiu."

"Mas por que haveria..."

"Como vou saber?"

"Você a viu partir?"

"Não."

"Então como..."

"A nossa Carita aqui também deixa passar muito pouco. Tudo indica que tenha partido em companhia de um tipo escuso vestido de vaqueiro. Fica-se a imaginar o que terá acontecido com aquele outro vagabundo... Bowman, não era o nome dele? Sua amiga parece ter um talento todo especial para pegar indesejáveis."

"E eu?" Lila de repente apertou os lábios.

"Touché! Mereci isso. Desculpe-me, não quis ofender sua amiga." Gesticulou com a mão à frente e à esquerda, onde uma comprida e estreita tira de água brilhava como aço polido ao primeiro sol vespertino. "E o que é isso, meu bem?"

Lila olhou rapidamente e respondeu, mal-humorada: "Não sei."

"O Grão-Duque jamais se desculpa duas vezes."

"O mar?"

"Fim de linha, meu bem. Fim da viagem para todos os ciganos que vêm de centenas, até de milhares de quilômetros de todos os recantos da Europa. O Étang de Vaccarès."

"Étang?"

"Lagoa. Lagoa de Vaccarès. O mais famoso abrigo de animais silvestres da Europa Ocidental."

"Você sabe um bocado de coisas, hein, Charles?"

"Sim, sei mesmo", concedeu o Grão-Duque.

Bowman juntou os restos do almoço numa cesta de vime, bebeu o restinho do champanha e fechou o capô do carro.

"Foi uma delícia", disse Cecile. "E como teve essa ideia...?"

"Não me agradeça, agradeça a Czerda. Ele é que pagou."

Bowman olhou para o norte, em direção ao trecho reto da estrada. Estava perfeitamente limpo de tráfego. "Bem, de volta ao Mas de Lavignolle. Os carros devem ter parado na feira. Olé para as touradas."

"Mas odeio touradas."

"Não vai odiar essa." Manobrou o Citroen e guiou de volta ao Mas de Lavignolle. Parecia haver muito menos gente ali do que quando passaram antes, embora o número de carros ciganos e de automóveis houvesse quase duplicado, uma discrepância fácil e imediatamente explicável, pois assim que o Citroen parou eles ouviram a barulhada de gritos e aplausos vindos da praça de touros. De início Bowman não tomou conhecimento da praça de touros: permaneceu sentado no carro, examinando cautelosamente as cercanias. Não precisou procurar muito.

Anunciou: "Para surpresa de ninguém, Czerda e seus amigos missionários vieram em formação cerrada. Pelo menos, seus carros vieram, de modo que é lícito presumir que Czerda e seus chapas também tenham vindo." Tamborilou com os dedos no volante, pensativo. "Para surpresa de ninguém, quer dizer, exceto minha. Curioso. Fico a imaginar por quê?"

"Por que o quê?" perguntou Cecile.

"Por que estão aqui."

"Que quer dizer? Esperava encontrá-los aqui. Por isso voltou, não foi?"

"Voltei devido ao fator tempo, a demora deles em nos alcançar, que me convenceu de que deviam ter parado em algum lugar, e este aqui era tão provável quanto qualquer outro. O ponto é que eu não esperava que parassem de jeito nenhum enquanto

não encontrassem algum lugar isolado onde pudessem acampar numa dessas lagoas do sul e ficassem com toda a ampla Camargue só para si. Em vez disso, preferiram parar aqui." Ficou calado e ela perguntou: "E daí?"

"Lembra que expliquei com certo pormenor que lá em Arles exatamente por que achei que os ciganos estivessem partindo com tanta pressa?"

"Lembro-me de alguma coisa, sim. Mas foi um pouco confuso."

"Talvez eu mesmo estivesse confuso. Há um lapso qualquer no meu raciocínio. No meu raciocínio. Mas onde?"

"Sinto muito. Não entendo nada."

"Não creio que eu esteja exagerando a minha própria importância", Bowman falou vagarosamente. "Não, pelo menos do ponto de vista deles. Estou convencido de que estão sob pressão, sob fortíssima pressão, para me matar o mais rapidamente possível. Quando se está empenhado num trabalho de grande urgência, não se perde toda uma tarde de verão para assistir touradas. Vai-se em frente, e a toda velocidade. Atrai-se Bowman a um lugar ermo, lá no fundo do buraco, onde, por ser ele a única pessoa não pertencente ao grupo, pode ser localizado com facilidade e liquidado sem maiores problemas. Não se para numa feira, com touradas e tudo, onde ele seria apenas mais um entre milhares de outros, impossibilitando sua localização." Bowman parou de falar. "Não, isto é, a menos que se saiba alguma coisa que ele não saiba, e se tenha certeza de que se poderá isolá-lo entre mil. Fiz-me entender agora?"

"Desta vez não me confundi." A voz dela baixou quase a um sussurro. "Falou com a maior clareza. Você tem certeza absoluta de que aqui eles o apanharão. De modo que só há uma coisa a fazer."

"Uma coisa só", Bowman concordou, e esticou a mão para a maçaneta da porta. "Tenho de verificar eu mesmo."

"Não." Ela agarrou o pulso dele com força surpreendente.

"Bem, até que enfim. Não podia ficar me chamando de Sr. Bowman na frente das crianças, podia? Sua antiquada!"

"Não." Havia súplica nos olhos verdes, algo próximo do desespero, e de repente ele se envergonhou das brincadeiras. "Não

vá. Por favor, por favor, não vá. Algo horrível vai acontecer aqui. Eu sei." Ela passou a ponta da língua sobre os lábios secos. "Vamos embora daqui. Agora mesmo. Já. Por favor."

"Sinto muito." Ele se obrigou a olhar para outro lado, já que a expressão súplice dela teria enfraquecido a disposição mesmo de um anjo, e ele não tinha a mínima razão para se considerar como tal. "Preciso ficar, aconteça o que acontecer, e pode muito bem ser aqui mesmo. Qualquer lugar serve, pois de qualquer jeito terá de haver uma decisão; é inevitável, e acho que tenho melhores possibilidades aqui do que teria à beira de alguma lagoa deserta do sul." "Você disse que "tem de ficar"?" "É." Ele continuou olhando para outro lado. "Há quatro boas razões, e todas elas estão no carro verde e branco." Ela não respondeu e ele prosseguiu: "Ou bastaria Tina, Tina e suas costas vergastadas. Se alguém fizesse aquilo a você eu o mataria sem pensar duas vezes; simplesmente, naturalmente, mataria o cara. Acredita nisto?"

"Acredito." A voz dela era muito baixa. "Sei que mataria."

"E podia muito bem ter sido você." Ele alterou o tom ligeiramente e disse: "Diga-me uma coisa: você se casaria com um homem que fugisse e deixasse Tina?"

"Não, não casaria." Ela falou com sinceridade.

"Há!" Ele alterou o tom mais um pouco. "Devo entender, então, que se eu não fugir e deixar Tina..." Interrompeu e olhou para ela. Ela sorria mas os olhos verdes estavam sombrios, não sabia se ria ou chorava, e quando falou, o que transparecia de sua voz tanto podia ser um traço de mágoa como um começo de riso.

"Você não tem jeito mesmo..."

"Está-se repetindo." Ele abriu a porta. "Não demorarei muito."

Ela abriu também a sua porta. "Nós não demoraremos muito", corrigiu-o.

"Você não vai..."

"Vou sim. Proteger a mulherzinha é muito bonito, mas quando levado a extremos... O que acontecerá no meio de mil pessoas? Sei lá; e além disso, você mesmo disse, eles não me reconhecerão."

"Se a virem comigo..."

"Se virem você, não estarei lá, porque se não puder reconhecê-lo, então o único meio de o apanharem será se você fizer alguma coisa que não deva fazer, como entrar à força num carro cigano."

"À luz do dia? Pensa que estou doido?"

"Não estou muito bem" certa." Agarrou-lhe o braço com decisão. "De uma coisa, porém, estou certa. Lembra-se de que lhe disse em Arles? Estou amarrada a você, companheiro."

"Para toda a vida?"

"Sobre isso, veremos."

Bowman piscou de surpresa e fitou-a bem de perto. "Você faz de mim um homem felicíssimo. Quando eu era pequeno e queria alguma coisa e minha mãe dizia "Sobre isso veremos eu sabia que estava garantido. Todas as mentes femininas trabalham do mesmo jeito, sabe?"

Ela sorriu serenamente, sem a menor perturbação. "Mesmo ao risco de me repetir, Neil Bowman, você é muito mais esperto do que parece."

"Minha mãe também dizia isso." Pagaram a entrada, subiram a escada até o ponto mais alto da praça de touros. As arquibancadas estavam bastante coloridas, apinhadas de centenas de pessoas muito poucas das quais podiam ser acusadas de mal vestidas: vaqueiros e ciganos havia em proporções quase iguais, e havia também arlesianos fantasiados, mas a maioria dos espectadores era de turistas ou de pessoal local.

Entre os espectadores e a arena propriamente dita havia uma faixa de cerca de um metro e vinte de largura, que corria em toda a circunferência e se separava da arena por uma barreira de madeira, também de mais ou menos um metro e vinte de altura; era para essa faixa de proteção, o calçadão, que o *razateur*, o palhaço da arena, saltava quando as coisas não lhe corriam muito bem.

No centro da arena, um touro negro de Camargue, miúdo e de ar malévolos, parecia disposto a destruir a qualquer momento a figurinha de roupa branca que fazia piruetas, se torcia e volteava em torno dele, passando sempre raspando mas sempre

conseguindo evitar os ataques do touro, que cada vez se mostrava mais enfurecido. A multidão batia palmas e berrava. "Bien!"

Cecile, olhos arregalados de fascínio, seus temores momentaneamente anulados, estava quase se divertindo. "Aqui parece que o touro tem um pouco mais de oportunidade!"

"Você preferia ver a cor do sangue do homem que do touro?"

"É lógico... Ora, não sei, sabe? Ele nem ao menos tem espada..."

"Espadas são para as corridas espanholas, onde o touro é morto. Isto é uma tourada livre provençal, onde ninguém morre, salvo uma vez ou outra em que o toureiro se machuca um pouco. Vê aquele botão vermelho preso entre os chifres? Primeiro tem de arrancar aquilo. Depois os dois pedaços de cordão. Por fim, as duas borlas brancas presas perto das orelhas do touro."

"Não é perigoso?"

"Não é o meio de vida que eu escolheria", admitiu Bowman. Então ergueu os olhos do programa que segurava e fitou pensativo a arena.

"Algo errado?" perguntou Cecile.

Bowman não respondeu logo. Ainda olhava para a arena, onde o toureiro de branco apertava, movendo-se num círculo.

"Maravilhoso. Fique aqui."

Ela ficou imediatamente séria, apreensiva. "Onde você vai..."

"Confia em mim?"

"Confio, é claro."

"Não demorarei." Bowman saiu andando, descuidado. Tinha de passar bem perto de Czerda, que continuava examinando com atenção cada pessoa que passava.

Alguns passos adiante, bem perto da saída, ele passou por trás do casal chinês que já vira em Arles, ambos aplaudindo elegantemente. Pensou que tinham um ar distinto. Como era bastante improvável que tivessem vindo diretamente da China, evidentemente deviam residir na Europa. Imaginou então qual seria a ocupação daquele homem na Europa, mas logo deixou de lado esses pensamentos, pois havia coisa mais urgente a tratar. Rodeou a praça de touros, andou uns duzentos metros para o sul, pela

estrada, atravessou-a, e voltou para o norte chegando por trás dos carros do grupo de Czerda, estacionados em duas fileiras muito juntas bem fora da estrada. Os carros pareciam completamente vazios. Não havia guarda visível no carro pessoal de Czerda nem do verde e branco, mas naquela tarde ele não estava interessado em nenhum dos dois. O carro em que estava interessado, e agora tinha certeza de que era esse mesmo, tinha um guarda. Sentado num tamborete, no alto da escadinha, estava o cigano Maca, garrafa de cerveja na mão.

Bowman caminhou tranquilo em direção ao carro e quando se aproximava Maca abaixou a garrafa de cerveja, olhou-o diretamente e fez um gesto de aviso. Bowman fingiu que não viu, chegou mais perto, parou e examinou tanto Maca quanto o carro, demorando algum tempo nisso. Maca fez um movimento de contrariedade com o indicador, sem dúvida, nenhuma dando a entender que Bowman devia afastar-se dali, mas Bowman ficou onde estava. "Saia daqui!", ordenou Maca.

"Cigano porco", retrucou Bowman, sorridente.

Maca, evidentemente duvidando que tivesse ouvido direito, parou por um instante, incrédulo; então seu rosto contorceu-se de raiva, quando mudou a mão para o gargalo da garrafa, ergueu-se e pulou para o chão. Mas Bowman movera-se ainda mais depressa e acertou Maca com violência, antes mesmo que seus pés alcançassem o solo. O efeito conjunto do golpe e do próprio impulso do corpo de Maca tiveram resultado devastador para o homem: os olhos desfocados, recuou cambaleando. Bowman deu-lhe outro soco com a mesma força, segurou o homem desmaiado antes que caísse, arrastou-o em torno do carro, largou-o e o empurrou para baixo, onde não pudesse ser visto por quem passasse.

Bowman olhou de relance em torno. Se alguém presenciara a breve luta, estava tendo o cuidado de não dar a perceber. Duas vezes Bowman rodeou o carro, mas não viu sinais de mais ninguém nas imediações, nenhum sinal de perigo próximo. Subiu os degraus e entrou no carro. A parte traseira, menor, estava vazia. A porta que levava ao compartimento dianteiro estava fechada por dois ferrolhos pesados.

Abriu-os e entrou.

Por um momento, seus olhos não conseguiram penetrar na penumbra. As cortinas estavam fechadas e eram muito pesadas.

Abriu-as.

Na parede da frente do carro havia os três beliches que já vira, quando olhara para dentro desse mesmo carro na noite anterior, e como antes, havia três homens deitados nos beliches. Antes, aquilo não lhe parecera de nenhuma importância: beliches são para dormir, e seria de esperar que estivessem ocupados durante a noite. Mas não era de esperar que estivessem ocupados logo no começo de uma bela tarde ensolarada. Mas Bowman já sabia que os encontraria ocupados.

Os três homens estavam despertos. Levantaram-se num cotovelo, os olhos, habituados já à penumbra, piscando à luz forte da Camargue. Bowman avançou, estendeu o braço para o homem que estava embaixo e pegou-lhe a mão direita. O pulso pertencente a essa mão estava algemado a um anel aparafusado à parede do carro. Soltou a mão do homem e examinou o outro, do beliche do meio, que estava também preso. Bowman não perdeu tempo com o terceiro. Recuou e fitou os três, pensativo.

Disse apenas: "Conde le Hobenaut, marido de Marie le Hobenaut; Sr. Tangevec, marido de Sara Tangevec, e o terceiro eu não sei o nome. Quem é o senhor?" Isto para o homem do beliche inferior, homem de meia-idade, grisalho, de aparência muito distinta.

"Daymel."

"É o pai de Tina?"

"Sou."

A expressão era a de alguém que recebe o executor, não o salvador. "Mas quem é o senhor?"

"Bowman. Neil Bowman. Vim para levar os três daqui."

"Pouco me importa quem seja o senhor." Isto veio do homem do beliche central, que não parecia mais feliz em ver Bowman do que Daymel. "Não quero saber quem é. Pelo amor de Deus, vá embora ou causará a morte de todos nós."

"É o Conde le Hobenaut?"

O homem acenou afirmativamente. "Já soube de seu cunhado, Alexandre?"

Le Hobenaut encarou-o, com um ar interrogativo e desesperado no rosto. "Que há com meu cunhado?"

"Está morto. Czerda o matou."

"Que conversa doida é esta? Alexandre? Morto? Como pode estar morto? Czerda prometeu-nos..."

"Acreditou nele?"

"É claro. Czerda é quem tem tudo a perder..."

"Vocês dois acreditaram nele?", tornou a perguntar Bowman. Ambos acenaram.

"Quem confia num assassino é tolo. Vocês são uns tolos... todos os três. Alexandre está morto. Eu encontrei seu cadáver. Se pensam que ele está vivo, por que não pedem a Czerda que o traga aqui? Ou você, Daymel. Por que não pede a Czerda para ver sua filha?"

"Ela não está... não está..."

"Não está morta, não. Apenas meio morta. Açoitaram-na. E por quê? Por que mataram Alexandre? Porque os dois tentaram dizer alguma coisa a alguém. O que estavam querendo dizer, senhores?"

"Eu imploro, Bowman." O desespero de le Hobenaut estava a um passo do pavor. "Deixe-nos!"

"Por que têm tanto pavor deles? E por que eles têm tanto pavor por causa de vocês? E não me diga outra vez que vá embora, porque não vou enquanto não souber as respostas.

"Agora, você nunca saberá as respostas", disse Czerda.

Bowman voltou-se lentamente, já que agora de nada adiantaria apressar-se. Do choque, da mortificação inevitavelmente profunda, não havia indício em seu rosto. Mas Czerda, plantado na porta com uma pistola munida de silenciador em punho, e Masaine a seu lado, armado de punhal, não faziam o menor esforço para ocultar seus sentimentos. Ambos sorriam, e sorriam abertamente, embora os sorrisos fossem sensivelmente desprovidos de calor. A um aceno de Czerda, Masaine adiantou-se e verificou as algemas que prendiam os três homens. "Não foram tocadas", disse apenas.

"Na certa ele estava por demais ocupado contando-lhes como é esperto."

Czerda não se preocupava em esconder a imensa satisfação que sentia naquele instante. "Foi tudo bem simples, Bowman. Você é mesmo um idiota. Um lojista de Arles que receba uma propina de seiscentos francos suíços dificilmente esquece a cara de quem a deu. Posso lhe garantir que era difícilíssimo fazer cara de sério andando ali no meio do povaréu fingindo que o procurava. Mas tínhamos que fingir, não tínhamos? Para convencê-lo de que ainda não o reconhecêramos; do contrário, você jamais viria aqui fora, não é? Seu idiota... já o havíamos identificado antes mesmo de entrar na praça de touros."

"Podia ter avisado a Maca", Bowman murmurou.

"Podíamos, mas Maca não é bom ator, é pena", disse Czerda, condoído.

"Seria incapaz de fazer com que uma briga fingida parecesse real. E se não deixássemos nenhum guarda, você ficaria duplamente desconfiado."

Estendeu a mão esquerda. "Oitenta mil francos, Bowman."

"Não costumo andar com dinheiro trocado no bolso."

"Meus oitenta mil francos."

Bowman fitou-o aborrecido. "Onde um tipo como você arranjaria oitenta mil francos?"

Czerda sorriu, deu um passo à frente inesperadamente e enfiou o cano da pistola no plexo solar de Bowman, que se dobrou gemendo de dor.

"Gostaria de metê-la no meio da sua cara, como fez comigo."

Já não estava sorrindo. "Mas por enquanto, prefiro que fique sem marcas. O dinheiro, Bowman?"

Bowman endireitou-se aos poucos. Quando falou, sua voz foi um resmungo rouquenho.

"Perdi."

"Perdeu?"

"Tinha um buraco no bolso."

O rosto de Czerda contorceu-se de ódio e ele ergueu a arma para bater, mas se conteve. Depois sorriu. "Você o encontrará num

minuto, vai ver."

12

O Rolls-Royce verde diminuiu a marcha ao se aproximar do Mas de Lavignolle. O Grão-Duque, ainda abrigado pelo guarda-sol seguro por Lila, examinou a cena pensativamente.

"Os carros de Czerda", observou. "Surpreendentemente. Não seria de esperar que o Mas de Lavignolle tivesse qualquer interesse especial para o nosso amigo Czerda. Mas um homem como ele terá sempre alguma boa razão para fazer o que faz. Contudo, sem dúvida sentir-se-á honrado em me informar a respeito dos seus motivos... O que foi, meu bem?"

Lila apontou: "Olhe ali. Bem naquela direção..." O Grão-Duque acompanhou a direção do braço dela. Cecile, ladeada por El Brocador e Searl, o primeiro todo de branco e o outro todo de preto, subiam a escada de um dos carros e desapareciam dentro, fechando a porta atrás deles.

O Grão-Duque apertou o botão da vidraça divisória. "Pare o carro, por favor." E para Lila: "Acha que é a sua amiga? Parece o mesmo vestido, mas todas essas fantasias de arlesianas para mim parecem iguais, especialmente por trás."

"Aquela é Cecile", Lila foi positiva.

"Um razateur e um padre", murmurou o Grão-Duque. "Há de reconhecer que a sua amiguinha tem mesmo acentuada propensão para fazer as mais estranhas amizades. Você tem o seu caderninho de notas?"

"Tenho o quê?"

"Precisamos investigar isso."

"Você vai investigar..."

"Por obséquio, nada de coros gregos. Tudo tem interesse para o verdadeiro folclorista."

"Mas não pode simplesmente ir entrando..."

"Tolices. Sou o Duque de Croytor. Além disso, eu nunca vou entrando. Eu simplesmente entro."

A dor na boca do estômago, pensou Bowman, era nada em comparação com algumas das dores que sentiria dentro de pouco tempo... isto é, se estivesse em condições de sentir alguma coisa. Havia um fulgor nos olhos de Czerda, uma expectativa mal contida em seu semblante que, pensou Bowman, prometia o pior para o futuro imediato.

Passou os olhos em volta do carro. Os três homens acorrentados tinham no olhar o desespero de incompreensão daqueles para quem a derrota já é uma realidade aceita; Czerda e Masaine tinham no rosto sorrisos de agradável expectativa; El Brocador estava sério, pensativo e vigilante; Simon Searl mostrava nos olhos um brilho peculiar que tornava a sua destituição do sacerdócio coisa facilmente compreendida; e Cecile apenas olhava meio espantada, um tanto assustada, um pouco zangada, mas bem distante da histeria.

Czerda explicou: "Entende agora por que disse que num minutinho acharia o dinheiro?"

"Agora entendo. Poderá encontrá-lo..."

"Que dinheiro?" perguntou Cecile. "Que é que... que esse monstro quer?"

"Quer de volta os oitenta mil francos... menos certas despesas que fui obrigado a fazer... e quem pode criticá-lo?"

"Não diga nada!"

"Você não sabe com que espécie de gente está lidando. Em dez segundos estarão torcendo o seu braço atrás das costas até seus dedos baterem na orelha e você estará gritando de dor, e se acontecer de quebrarem sua clavícula ou romperem uns ligamentos, bem, será uma pena."

"Mas... mas eu desmaio..."

"Por favor"

Bowman olhou para Czerda, evitando cuidadosamente o olhar de Cecile. "Está em Arles. Num cofre de aluguel na estação."

"E a chave?"

"Numa argola, no carro. Escondida. Vou mostrar."

"Excelente", disse Czerda. "Um desapontamento para o amigo Searl, receio, mas torturar mulheres jovens não me dá prazer

nenhum, embora eu não vacilasse se fosse obrigado. Você verá."

"Não compreendo."

"Vai compreender. Você é um perigo, tem sido um grande perigo e tem de morrer; só isso. Morrerá esta tarde, dentro de uma hora, e de um modo que suspeita nenhuma recairá sobre nós."

Era a sentença de morte mais lacônica que já ouvira. Havia algo de enregelante na simples certeza do homem.

Czerda prosseguiu: "Agora compreenderá por que não feri seu rosto, é porque queria que entrasse sem ferimentos naquela praça de touros."

"Praça de touros, meu amigo? Está louco. Não pode me obrigar a entrar naquela arena."

Czerda nada respondeu, nem deu sinais de pretender fazê-lo. Searl, ansiosamente ajudado por Masaine, agarrou Cecile e obrigou-a a se deitar de bruços num dos beliches, e enquanto Masaine a mantinha deitada, Searl pegou a gola da fantasia de arlesiana e rasgou-a até a cintura. Virou-se e sorriu satisfeito para Bowman, depois meteu a mão dentro da batina e tirou o que parecia ser uma espécie de chicote de caça, com um cabo de couro entrelaçado de uns trinta centímetros preso a três longas e delgadas correias negras. Bowman olhou para Czerda, mas este não prestava atenção a nada do que se passava: apenas fitava Bowman e a pistola que lhe apontava estava absolutamente firme em sua mão.

Czerda falou: "Creio que talvez prefira entrar naquela arena?"

Bowman balançou a cabeça. "Sim. Entrarei." Searl guardou a chibata, o rosto contorcido de desapontamento como uma criança de quem se tira o brinquedo predileto. Masaine tirou as mãos dos ombros de Cecile. Ela se sentou meio tonta e encarou Bowman. Seu rosto estava pálido, mas os olhos só mostravam ódio. Então ocorreu a Bowman que ela, como afirmara, era bem capaz de usar uma arma se lhe ensinasse como usá-la, quando veio de fora o som de passadas firmes e medidas; a porta se abriu e o Grão-Duque entrou, arrastando atrás de si uma Lila visivelmente apreensiva e hesitante. O Grão-Duque ajeitou o monóculo com mais firmeza no olho.

"Ah, Czerda, meu caro amigo. É você." Olhou para a arma na mão do cigano e disse asperamente: "Não aponte essa porcaria para mim!" Indicou Bowman. "Aponte-a para esse camarada aí. Não sabe que ele é que é o seu homem, seu imbecil?"

Czerda virou de novo a pistola para Bowman, meio indeciso, e com a mesma indecisão tornou a fitar o Grão-Duque.

"Que deseja?" Czerda procurou dar à voz alguma autoridade, mas o Grão-Duque não era propriamente do tipo receptivo e não deu certo. "Por que..."

"Cale a boca!" O Grão-Duque usou o seu tom mais intimidante, que era mesmo de intimidar qualquer um. "Eu estou falando. Vocês são um bando de bobocas incompetentes e desajeitados. Forçaram-me a destruir a regra básica da minha vida... aparecer em pessoa, já vi maiores demonstrações de inteligência numa jaula de chipanzés retardados, já me fizeram perder tempo demais e me custaram enormes dificuldades e ansiedade. Estou pensando seriamente em dispensar os serviços de vocês todos... permanentemente. E isto quer dizer vocês também, não só os seus préstimos. O que estão todos fazendo aqui?"

"O que estamos fazendo aqui?" Czerda encarou-o. "Mas... mas... Searl aqui disse que o senhor..."

"Eu cuidarei de Searl depois." O Grão-Duque fez a promessa com certas implicações ameaçadoras que fizeram com que Searl imediatamente se mostrasse muito infeliz. Czerda ficou nervoso de um jeito que ninguém julgaria possível em se tratando dele; El Brocador pareceu intrigado, e Masaine claramente desistira de pensar fosse como fosse. Lila simplesmente parecia aturdida. E o Grão-Duque prosseguiu: "Não me referi, seu cretino, ao que possa estar fazendo aqui no Mas de Lavignolle. Referi-me ao que faz aqui, neste exato momento, dentro deste carro".

"Esse Bowman roubou o dinheiro que o senhor me deu", explicou Czerda, de cara emburrada. "Estávamos..."

"Ele o quê?" A expressão do Grão-Duque era trovejante.

"Roubou seu dinheiro", disse Czerda, infeliz. "Todinho."

"Todinho!"

"Oitenta mil francos. Era isso o que estávamos fazendo... procurando saber onde está o dinheiro. Ela ia mostrar onde está a chave do cofre onde o dinheiro está."

"Para o seu próprio bem, espero que consiga recuperá-lo."

Parou e voltou-se na hora em que Maca entrava cambaleante, as duas mãos segurando o que sem dúvida nenhuma era uma cara arrebatada.

"Este sujeito está embriagado?" exigiu o Grão-Duque. "Está embriagado, cavalheiro? Fique em pé direito quando falar comigo."

"Foi ele!" Maca apontava para Bowman e só tinha olhos para ele, embora falasse para Czerda sem sequer perceber a presença do Grão-Duque. "Ele apareceu..."

"Silêncio!" A voz do Grão-Duque intimidaria um tigre de Bengala. "Meu Deus, Czerda, você se cerca do punhado mais inútil e ineficaz de ajudantes que já tive a desventura de encontrar." Passou o olhar em torno do carro, ignorando os três homens algemados; deu dois passos para onde Cecile estava sentada e a olhou de cima abaixo. "Ha! A cúmplice de Bowman, é claro. Por que está aqui?"

Czerda encolheu os ombros. "Bowman não queriacooperar..."

"Um refém? Muito bem. Aqui está outra." Pegou Lila pelo braço e empurrou-a com força através do carro. Ela tropeçou, quase caiu, depois sentou-se pesadamente ao lado de Cecile. Seu rosto, antes horrorizado, parecia agora estupidificado. "Charles!"

"Cale a boca!"

"Mas Charles! Meu pai... você disse..."

"Não passa de uma menina idiota de miolo mole", retrucou o Grão-Duque, irritado. "O verdadeiro Duque de Croytor no Alto Amazonas, na certa sendo devorado pelos selvagens de Mato Grosso. Não sou o Duque de Croytor."

"Sabemos isso, Sr. Strome."

Simon Searl estava no máximo da subserviência.

Outra vez demonstrando sua extraordinária rapidez, o Grão-Duque adiantou-se e acertou Searl com violência no rosto. Searl gritou de dor e caiu de costas, reequilibrando-se contra a parede do carro. Reinou silêncio por alguns segundos.

"Não tenho nome", disse o Grão-Duque suavemente. "Não existe essa pessoa que mencionou."

"Desculpe, senhor" Searl levou a mão ao rosto. "Eu..."

"Silêncio!" O Grão-Duque virou-se para Czerda. "Bowman tem algo para lhe mostrar? Para lhe dar?"

"Sim, senhor. E há outra coisinha que tenho de fazer, ainda."

"Está bem, está bem. E ande rápido com isso."

"Sim, senhor."

"Esperarei aqui mesmo. Temos de conversar quando voltar não temos, Czerda?"

Czerda concordou, com cara de infeliz. Disse a Masaine que vigiasse as moças, pôs o colete por cima da pistola e saiu em companhia de Searl e El Brocador. Masaine, ainda de faca em punho, sentou-se com mais conforto. Maca, afagando com carinho o rosto machucado, resmungou alguma coisa e saiu, provavelmente para cuidar dos ferimentos. Lila, acabrunhada, fitava o Grão-Duque. "Oh, Charles, como é que pôde..."

"Chega!" Ela o encarou, espantada, e as lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Cecile passou o braço em torno dela e olhou severa para o Grão-Duque, cujo olhar varou-a de lado a lado sem que ele demonstrasse qualquer emoção.

"Pare aqui", comandou Czerda.

Pararam, Bowman na frente de Czerda, com o silenciador cravado nas costas, El Brocador e Searl a cada lado, o Citroen a três metros.

"Onde está a chave?" exigiu Czerda.

"Vou pegá-la."

"Não vai, não. Você é muito capaz de trocar as chaves, ou de apanhar alguma arma escondida. Diga onde está."

"Num chaveiro. Colado embaixo do banco do motorista, para trás, à esquerda"

"Searl?" Searl balançou a cabeça e dirigiu-se ao carro. Czerda falou, mal-humorado: "Você não confia em muita gente, confia?"

"Deveria confiar?"

"Qual é o número do cofre?"

"Sessenta e cinco."

Searl voltou. "São as chaves do carro."

"A de latão não é", respondeu Bowman.

Czerda pegou as chaves. "A de latão, não é?" Retirou-a do chaveiro.

"Sessenta e cinco. Ao menos uma vez, uma verdade. O dinheiro está embrulhado em quê?"

"Oleado, papel pardo, lacrado. Com meu nome em cima."

"Está bom."

Olhou em torno. Maca estava sentado no alto da escadinha do carro. Czerda chamou-o e ele se aproximou, ainda afagando o queixo e olhando com olhos maus para Bowman. Czerda falou: "O jovem José tem uma motoneta, não tem?"

"Quer que leve algum recado? Vou chamá-lo. Está na arena."

"Não é preciso." Czerda deu-lhe a chave. "Isto é do cofre de aluguel número 65 na estação de Arles. Diga-lhe que o abra e traga o pacote de papel pardo. Diga que tome todo o cuidado, como tomaria com a própria vida. O pacote é muito valioso, muito mesmo. Diga-lhe que volte o mais depressa possível e me entregue; se eu não estiver por aqui, alguém lhe dirá onde estarei e que me procure. Está claro?"

Maca fez que sim e saiu. Czerda então continuou: "Acho que já é tempo de irmos para a arena." Atravessaram a estrada e seguiram não diretamente para a arena, mas para uma das cabanas próximas, que evidentemente eram utilizadas como vestiário, pois aquela em que entraram estava repleta de vestimentas de matador e razateur, além de várias de palhaço. Czerda apontou uma destas. "Vista isso."

"Isso?" Bowman olhou espantado a roupa colorida.

"Por que diabo iria vestir isso?"

"Porque a minha amiga aqui lhe pede." Czerda sacudia a arma. "Não a faça ficar zangada."

Bowman fez como mandaram. Quando terminou, não se surpreendeu ao ver El Brocador trocar o conspícuo traje branco por sua roupa comum escura, Searl vestiu uma túnica comprida azul, e por fim os três colocaram máscaras de papel e chapéus cômicos. Pareciam ansiosos por se preservar como anônimos, predileção não

muito incomum em quem pretende cometer assassinato. Czerda enrolou uma bandeira vermelha por cima da pistola e saíram os quatro, rumo à arena.

Quando chegaram à entrada do calçadão, Bowman ficou meio espantado ao perceber que a cena cômica que começara antes de ele sair ainda não acabara; tanta coisa acontecera desde que saíra da arena que era difícil entender como haviam passado apenas tão poucos minutos. Ao chegarem, verificaram que um dos palhaços, por incrível que parecesse, estava de cabeça para baixo, equilibrado nas mãos, em cima do touro, que estava simplesmente parado em fúria indecisa, a cabeça sacudindo de um lado para outro. A multidão aplaudia arrebatada e Bowman pensou que, fossem outras as circunstâncias, ele próprio aplaudiria também.

Como breve ato final, os palhaços valsaram para um lado da arena, com acompanhamento da sanfona do colega. Pararam em frente à multidão, lado a lado, e curvaram-se fundo, aparentemente não dando importância ao fato de estarem de costas para o touro que carregava. A multidão gritou um alerta. Os palhaços, ainda curvados, empurraram um ao outro para os lados, no último instante, e o touro passou como um alucinado pelo ponto exato em que os dois estavam apenas um segundo antes e foi de cabeça na barreira, com um impacto que momentaneamente o aturdiu, enquanto os palhaços saltavam para o calçadão, a multidão continuou a assoviar e a gritar seu aplauso. Bowman ficou pensando em se o poveréu estaria ainda com o espírito tão leve e descuidado dali a alguns minutos, e achou que era improvável.

A arena agora estava vazia e Bowman e sua escolta entraram no calçadão.

A multidão olhou com divertido interesse para os trajes de Bowman, que sem dúvida nenhuma estava a merecer um segundo olhar. Vestia de modo muitíssimo estranho. A perna direita estava de vermelho, a esquerda de branco, e o blusão era de quadrados brancos e vermelhos. As sandálias de lona mole eram tão espalhafatosamente compridas que a ponta era amarrada para trás. Usava chapéu de pierrô cômico, branco, com um pompom vermelho

alto. Como defesa, armava-se de uma bengala fina, de cerca de um metro, com uma bandeirola tricolor na ponta.

"Tenho uma pistola e tenho a moça", disse Czerda de mansinho. "Não vai esquecer?"

"Tentarei."

"Se tentar fugir, a moça morre. Acredita em mim?"

Bowman acreditava. "E se eu morrer, ela não viverá do mesmo jeito."

"Não. Sem você a moça de nada vale, e Czerda não guerreia contra mulheres. Agora já sei quem você é, ou pelo menos, creio que sei. Mas não importa. Descubri também que você não a conhecia até a noite passada, e é inconcebível que um homem como você contasse a ela alguma coisa de importância: os profissionais jamais dizem mais que o essencial não é, Sr. Bowman? E moças novas são forçadas a falar com facilidade, Sr. Bowman. Ela não pode nos prejudicar. Quando terminarmos o que queremos fazer, e será daqui a dois dias, ela poderá ir embora em paz."

"Ela sabe onde Alexandre está enterrado."

"Ah, é? Alexandre? Quem é Alexandre?"

"É claro. Vai deixá-la ir em paz?"

"Dou-lhe minha palavra."

Bowman não duvidou.

"Em troca, você fará uma cena convincente."

Bowman concordou. Os três agarraram-no, ou tentaram agarrá-lo, e os quatro saíram cambaleantes pelo calçadão. A multidão colorida estava agora de excelente humor, alegre, falante, descontraída; evidentemente, sentiam todos que estavam tendo uma tarde excelente e divertida e que aquela briga fingida que ocorria no calçadão — pois fingida certamente era, uma vez que ninguém levantava os braços nem trocava pancadas iradas — era apenas o prelúdio de outra hilariante cena cômica, sem dúvida nenhuma, com aquele homem que procurava livrar-se dos outros, vestido naquele ridículo pierrô vermelho e branco. Afinal, com acompanhamento de muitos assovios, gargalhadas e gritos de encorajamento, Bowman conseguiu escapar, correu um pouco ao longo do calçadão e saltou para a arena. Czerda correu atrás dele,

fingiu que ia saltar a barreira mas foi impedido por Searl e El Brocador, que apontavam excitados para a extremidade norte da arena. Czerda acompanhou-lhes o olhar.

E não foram eles os únicos que olharam nessa direção. A multidão de súbito silenciara, as gargalhadas cessaram e os sorrisos desapareceram; o espanto substituiu a alegria, espanto que logo se transformou em ansiedade e preocupação. Os olhos de Bowman seguiram os da multidão, e então não só entendeu a ansiedade da turba como passou a partilhá-la no mais alto grau.

O portão norte fora puxado e um touro estava na entrada. Mas não era o miúdo touro negro da Camargue que participava da corrida livre — a tourada sem sangue da Provença. Esse era um enorme touro espanhol, um daqueles monstros da Andaluzia que lutam até à morte nas grandes touradas da Espanha. Tinha enormes espáduas, cabeça também enorme e uma envergadura de chifres de apavorar. A cabeça era baixa, mas não tão baixa quanto deveria ser quando atacasse; dava patadas no chão, cavando sulcos fundos na terra preta.

Os espectadores já se entreolhavam incertos e intranquilos. Na maior parte, eram admiradores do esporte a sabiam que o que viam era de todo inédito e equivalia a mandar um homem para a morte certa, não importa até que ponto fosse sua habilidade e bravura de razateur, os palhaços da arena.

O touro gigante avançava agora lentamente, continuando com aqueles sulcos fundos no chão arenoso. E a cabeçorra apontava mais baixa que nunca.

Bowman parecia petrificado: lábios apertados, olhos semicerrados, atentos. Cerca de doze horas antes, quando se arrastara pela fenda na face do penhasco, nos baluartes arruinados da antiga fortaleza de Les Baux, ele sentira medo. E agora de novo, admitiu a si mesmo.

E não era tão mau assim, pensou, pois o medo é que bombeia adrenalina, e a adrenalina é o catalisador que desfecha a capacidade de ação violenta e de reação normalmente rápida; e no pé em que as coisas agora estavam, ia precisar de toda a adrenalina que pudesse fabricar. Mas estava frio e cômico de que,

se sobrevivesse de alguma forma, seria apenas por breve prazo, pois nem toda a adrenalina do mundo o salvaria agora.

Na segurança do calçadão, Czerda lambeu os lábios, em parte numa inconsciente empatia com o homem da arena, e em parte esperando o que estava para acontecer. De repente ficou tenso, e com ele toda a multidão. Um silêncio lúgubre envolveu a praça de touros, como se a morte estivesse presente. O enorme touro atacava.

Com incrível aceleração para uma criatura do seu tamanho e peso, vinha para cima de Bowman com a velocidade de um trem expresso. Bowman, sem piscar um olho, a mente rápida avaliando a correlação entre a velocidade do touro e a distância que os separava e que se reduzia rapidamente, estava como que duro de medo. Como em transe, aterrorizados, os assistentes olhavam com horror, convencidos, sem sombra de dúvida, de que a destruição daquele pierrô louco seria coisa de segundos. Bowman esperou uma fração de segundo e então, quando o touro estava a uns cinco metros e a um segundo de distância, lançou-se para a direita. Mas o touro conhecia todas essas táticas, pois com surpreendente rapidez num animal tão volumoso, virou instantaneamente à esquerda para interceptar; mas Bowman apenas fingira. Deteve-se violentamente e atirou-se para a esquerda, e o touro passou como um trovão, mas sem danos, o vasto chifre direito a bons trinta centímetros de Bowman. A multidão, sem acreditar, soltou um prolongado e uníssono suspiro de alívio, cada qual sacudiu a cabeça para o vizinho num murmúrio de desabafo. Mas a apreensão, a tensão, pesavam ainda no ar.

O touro andaluz era capaz de frear tão bem quanto era de acelerar.

Parou, despedindo uma chuva de areia, rodopiou e partiu de novo, sem deter-se, para cima de Bowman. De novo Bowman calculou sua defesa em fração de segundo, repetiu a mesma manobra, mas agora em sentido inverso. De novo o touro falhou, mas desta vez apenas por centímetros.

Houve outro sussurro de admiração da multidão, desta vez com acompanhamento de palmas esparsas. A tensão reinante

começava a ceder; não muito, mas o bastante para ser perceptível.

De novo o touro voltou-se, mas agora imobilizou-se, a menos de dez metros de distância. Absolutamente parado,] observava Bowman, assim como este, também inteiramente parado, o analisava. Bowman olhou para os amplos chifres e teve certeza, não havia dúvida a respeito: as pontas haviam sido aguçadas. Ocorreu-lhe então, com uma estranha sensação de desligamento, que jamais encontrara mais supérfluo refinamento, pois quer os chifres, fossem afiados como um prego ou limados apenas ao diâmetro de uma moeda, nãoi faria mínima diferença. A pancada de um daqueles gigantescos chifres, com toda a força daquelas maciças espáduas e dois músculos do pescoço que os impulsionavam, atravessar-lhe tranquilamente o corpo independente das condições das pontas. De fato, se fosse picotado por extremidades afiladas, talvez a morte fosse mais suave e fácil de suportar, embora, sem qualquer hipótese, a importância disso fosse apenas acadêmica, já que o resultado final seria infalivelmente o mesmo! Os olhos vermelhos do touro nem trepidavam. Será que ele pensa, perguntou-se Bowman, estará pensando? Estará o touro pensando o mesmo que ele homem pensava, que aquilo era apenas um jogo de roleta russa no que se refere a probabilidades? Contaria com que Bowman executasse a mesma manobra na próxima vez, e assim se recusaria a ser atraído e partiria direto para apanhá-lo quando Bowman para se para voltar na outra direção? Ou imaginaria que a próxima ação evasiva de Bowman talvez não fosse uma fita mas a coisa real, e assim agisse de acordo e o pegasse em cheio? E mais blefe, pensou Bowman, e não adiantava especular, as leis do cego acaso estavam em ação aqui, e mais cedo ou mais tarde, provavelmente mais cedo do que mais tarde já que em cada ocasião ele tinha apenas cinquenta por cento de possibilidades, um daqueles chifres lhe arrancaria a vida de dentro do corpo.

A ideia desses cinquenta por cento de possibilidades decidiu Bowman a arriscar uma olhadela à barreira, distante apenas três metros. Virou-se e correu para ela, em três saltos, ciente de que logo atrás vinha o touro em carga, e ciente de que à sua frente, no

calçadão, Czerda empunhava a pistola por baixo da bandeira vermelha. Mas deu para ver que a arma apontava para o chão, pois Czerda sabia, e ele sabia que Czerda sabia, que não tinha a menor intenção de sair da arena.

Bowman girou, de costas para a barreira, e enfrentou o touro. Fazendo piruetas como um pião doido, lançou-se rápido para o lado, ao longo da barreira, quando o touro furioso se atirou e torceu viciosamente o chifre direito, a aguçada ponta raspando a manga de Bowman mas sem sequer furar o pano. O touro esbarrou na barreira com tremenda força, estilhaçando as duas tábuas superiores, depois recuou mantendo as patas dianteiras sobre elas, tentando furioso transpô-las. Algum tempo passou antes que o touro percebesse que Bowman continuava dentro da arena, embora já a uma distância prudente.

Nessa altura, a multidão batia palmas e dava berros de aprovação. Os sorrisos reapareciam e alguns até começavam a apreciar o que de início parecera um terrível cotejo unilateral e suicida.

O touro parou por todo um meio minuto, sacudiu a cabeçorra vagarosamente de um lado para outro, como se estonteado com a força, da colisão frontal com a barreira. Quando se moveu de novo, já mudara de tática.

Não carregou sobre Bowman; apenas pôs-se a segui-lo. Caminhava para a frente enquanto Bowman recuava, ganhando terreno sobre ele aos poucos, e quando abruptamente arriou a cabeça e carregou, estava tão perto que Bowman já não tinha espaço para manobrar. Fez a única coisa que lhe restava fazer: saltou bem alto no ar quando o touro procurou atingi-lo e jogá-lo para cima, e desceu sobre as espáduas do animal, deu um salto-mortal e caiu no chão de pé. Embora ferido e bastante tonto, milagrosamente conseguiu manter o equilíbrio.

A multidão rugiu e assobiou de admiração. Rindo contentes, os espectadores batiam uns nas costas dos outros. Ali, sob aquelas vestes de pierrô devia estar um dos grandes razateurs do dia. O grande razateur do dia, sem dúvida. Alguns sentiram-se até

constrangidos por terem-se preocupado quanto à capacidade de sobrevivência de tão grande mestre como esse.

13

Os três prisioneiros algemados nos beliches, as duas moças e Masaine, olhavam com certa ansiedade enquanto o Duque que passeava inquieto para lá e para cá no reboque, consultando o relógio com irritação crescente. "Que diabos está fazendo Czerda que demora tanto", exclamou irritadíssimo. Voltou-se para Masaine.

"Você aí! Para onde levaram Bowman?"

"Ora, pensei que soubesse."

"Responda, cretino!"

"Apanhar a chave. Do dinheiro. O senhor ouviu. Depois para a praça de touros, é claro."

"Praça de touros? Para quê?"

"Para quê?" Masaine estava realmente intrigado. "O senhor queria que fosse feito, não queria?"

"Queria que fosse feito, o quê?" O Grão-Duque esforçava-se por manter-se calmo.

"Bowman. Para liquidá-lo."

O Grão-Duque pegou Masaine pelos ombros e o sacudiu numa exasperação já incontável. "Por que a praça de touros?"

"Para enfrentar um touro, é claro. Um enorme matador negro, espanhol. De mãos limpas." Masaine, apontou para Cecile. "Se ele não topasse, íamos matá-la. Assim, diz Czerda, ninguém suspeitará de nós. Bowman nesta altura já deve estar morto."

Masaine balançou a cabeça de admiração. "Czerda é esperto."

"Ele é um maníaco alucinado!" berrou o Grão-Duque "Matar Bowman? Agora? Antes de o fazermos falar? Antes que eu conheça seus contactos, como descobriu nosso grupo? Sem mencionar os oitenta mil francos, que ainda não apanhamos. Já, rapaz! Detenha Czerda! Tire Bowman de lá antes que seja tarde."

Masaine balançou a cabeça teimosamente. "Minhas ordens são para ficar aqui guardando essas donas."

"Depois cuidarei de você", disse o Grão-Duque em tom gélido. "Não posso, não devo ser visto em público de novo com Czerda. Senhorita Dubois, corra agora mesmo..." Cecile saltou em pé, e a sua fantasia de arlesiana já não tinha a beleza de antes, embora Lila houvesse feito reparos apressados mas suficientes para manter a decência. Ela movimentou no sentido de obedecer mas Masaine barrou-lhe o caminho, declarando: "Ela daqui não sai. Recebi ordem..." "Santo Deus do céu", trovejou o Grão-Duque. "Está-me desacatando?" Avançou poderoso sobre um Masaine visivelmente preocupado, e antes que o cigano sequer começasse a perceber o que aconteceria, o Grão-Duque arriou o salto do sapato, com todo o seu vasto peso em cima, sobre o peito do pé do infeliz. Masaine ganiu de dor, pulou numa perna só, e se abaixou para segurar o pé machucado com as duas mãos. A o fazê-lo, o Grão-Duque desceu as mãos entrelaçadas na base do crânio de Masaine, que tombou pesadamente no chão, inconsciente antes de lá chegar.

"Rápido, Senhorita Dubois, rápido!" disse o Grão-Duque com urgência. "Se já não morreu, o seu amigo bem pode estar in extremis."

E in extremis Bowman sem dúvida estava. Continuava ainda em pé... mas só se mantinha assim por excepcional força de vontade e instinto de sobrevivência, embora em rápido desgaste. Seu rosto estava riscado de sangue e areia, contorcido de dor, marcado de exaustão. Volta e meia apertava as costelas do lado esquerdo, onde parecia estar a área principal dos seus sofrimentos. O primitivo traje de pierrô estava estraçalhado e sujo, e dois longos rasgões no lado direito do blusão evidenciavam as duas vezes que por muito pouco escapara da aguda ponta do touro. Esquecera quantas vezes rolara no solo arenoso, mas não esquecera as três ocasiões em que essas visitas foram inteiramente involuntárias; duas vezes o ombro do touro lançara-o ao chão, e na terceira, o golpe para trás do chifre esquerdo apanhara-o no alto do braço esquerdo mandando-o pelos ares de cambalhota. E agora o touro vinha de novo.

Bowman deu um passo ao lado, mas suas reações já eram mais lentas, muito mais lentas. Providencialmente, o touro reagiu

errado e se afastou de Bowman, mas o ombro esquerdo pegou-o de raspão, muito embora, em se tratando de um animal que pesava cerca de uma tonelada e viajava a quase cinquenta quilômetros por horas, a palavra "raspão" seja puramente relativa. Bowman caiu ao chão rolando como uma bola e o touro perseguiu-o, maldosamente procurando furá-lo, mas Bowman teve ainda consciência bastante, e resistência física, para continuar rolando em cambalhotas, tentando desesperadamente evitar os chifres letais.

A multidão de repente se aquietara. Aquele, sem dúvida, era um grande razateur, um formidável ator de pantomima, mas ninguém, por certo, levaria os interesses de sua arte a extremos suicidas como agora, em que cada segundo daquele rolar pelo chão significava escapar da morte por centímetros e até menos, pois duas vezes, em outros tantos segundos, o chifre do animal varou-lhe as costas do blusão. Ambas as vezes Bowman sentiu a ponta do chifre picotando suas costas e foi isto que o estimulou ao que seria o seu esforço final. Meia dúzia de vezes rolou para longe do touro o mais rápido que pôde e aproveitando-se do que foi apenas meia oportunidade, pôs-se de pé. Mas não pôde fazer mais do que ficar ali parado, oscilando como um ébrio de um lado para outro. Outra vez caiu aquele silêncio irreal sobre a arena quando o touro, enfurecido além de qualquer medida e endoidecido demais para ser esperto, partiu para ele. Mas, justamente quando parecia inevitável que o touro desta vez o matasse, num incontrolável impulso de bêbado, Bowman desviou-se um centímetro da ponta mortal; e tão embalado vinha o touro que antes de parar correu mais cinco metros sem perceber que Bowman não estava mais no caminho.

A multidão pareceu enlouquecer. Em seu alívio, na irrestrita admiração por aquele gigante, todos aplaudiam, gritavam, choravam.

Que ator, que artista, que esplêndido razateur! Tal exibição, sem sombra de dúvida, jamais fora vista antes.

Bowman reclinou-se na barreira em total exaustão, com o sorridente Czerda a poucos metros de onde estava. Bowman estava acabado e o desespero em seu rosto o dizia. Estava acabado não apenas fisicamente; chegara ao fim também seu limite mental.

Simplesmente não tinha mais condições de continuar. O touro abaixou a cabeça, preparando-se para nova carga; de novo reinou silêncio na arena. Que nova maravilha iria demonstrar agora esse homem milagroso? Mas o homem milagroso por hoje não tinha mais o que demonstrar. E no exato instante em que o silêncio caiu, ouviu algo que o fez girar e encarar a multidão, a incredulidade estampada na face. De pé, por trás da multidão, e acenando freneticamente para ele, estava Cecile, despercebida de que centenas de pessoas haviam se voltado para olhá-la.

"Neil!" Sua voz foi quase um lamento. "Neil Bowman, saia daí!"

Bowman saiu. O touro lançara-se em carga, mas a visão de Cecile e a percepção de que havia uma saída deram a Bowman um fluxo novo de energia, por breve que fosse. Saltou para a segurança do calçadão menos de dois segundos antes de o touro arrebentar-se contra a barreira. Bowman arrancou o chapéu de pierrô, pendurado pelo elástico atrás do pescoço, e o meteu num dos aguçados chifres; depois passou raspando pelo embasbacado Czerda e subiu os degraus o mais depressa que suas moídas pernas permitiram, acenando para a multidão que se abria para lhe dar passagem. Mas a multidão, por mais indecisa que estivesse com a reviravolta inesperada dos acontecimentos, ainda assim deu-lhe uma recepção calorosa. Tão sem precedentes fora todo o espetáculo que consideraram que todo o resto era parte dele. Bowman não se interessava por essas reações; enquanto o povo se afastasse para deixá-lo passar e se fechasse de novo atrás dele, teria os vitais segundos extras de que precisava para escapar de seus perseguidores. Chegou ao topo e pegou Cecile pelo braço.

"Simplesmente adoro o seu senso de oportunidade", disse ele. Sua voz, como a respiração, era arquejante, intermitente, estafada. Virou-se e olhou para trás. Czerda abria caminho por entre a multidão sem deixar amigos atrás de si; El Brocador vinha em rota convergente; e de Searl não viu sinais. Correram os dois pelos largos degraus abaixo, pela lateral da arena, rodearam os currais e os vestiários. Bowman encontrou as chaves do carro no blusão e tirou-as. Apertou o braço de Cecile quando alcançaram o último dos

vestiários e espreitou cautelosamente na quina da cabana. Um segundo depois recuou, uma expressão amargurada na face.

"Não estamos num bom dia, Cecile. Aquele cigano que acertei... Saco... está sentado no capô do Citroen. O pior é que está limpando as unhas com o punhal. Um daqueles punhais."

Abriu a porta mais próxima, enfiou Cecile para dentro do mesmo vestiário em que estivera antes do espetáculo, e entregou-lhe as chaves do automóvel. "Espere até que a multidão saia. Misture-se com ela. Pegue o carro e me encontre na esquina sul da igreja — o lado do mar. E pelo amor de Deus, não deixe o Citroen em lugar nenhum por aqui... leve-o para o estacionamento, a leste da cidade, e deixe-o lá "

"Entendi." Bowman pensou que ela era extraordinariamente calma. "Quer dizer que tem mais coisinhas a fazer, não é?"

"Como sempre." Olhou para uma fresta da porta e por enquanto não havia ninguém a vista. "Quatro damas de honra", disse ele, saiu e fechou a porta.

Os três algemados estavam deitados nos beliches, quietos, aparentemente despreocupados. Lila choramingava desconsolada e o Grão-Duque praguejava trovejante quando Searl subiu correndo os degraus de entrada. Tinha de novo aquele olhar apreensivo e visivelmente respirava com dificuldade.

O Grão-Duque falou agourentamente: "Espero que não seja portador de más notícias."

"Vi a moça", ofegou Searl. "Como conseguiu..."

"Por Deus, Searl, você e o seu imbecil amigo Czerda pagarão por isso. Se Bowman estiver morto..."

Interrompeu-se e olhou por cima do ombro de Searl, e depois o empurrou asperamente para um lado. "Em nome de Deus, o que é aquilo?"

Searl virou-se e acompanhou o dedo do Grão-Duque. Um pierrô branco e vermelho corria tropeçando através do improvisado estacionamento; era evidente que estava perto de total exaustão.

"É ele", berrou Searl. "É ele." Enquanto olhavam, três ciganos apareceram, vindos de trás das cabanas que serviam de vestiários — Czerda, sem dúvida, era um deles — correndo em perseguição a

Bowman e cobrindo o terreno bem mais rápido do que ele. Bowman deu uma olhada por cima do ombro, localizou os perseguidores, virou para esconder-se entre alguns carros ciganos, parou de novo ao ver o caminho bloqueado por El Brocador e mais dois ciganos, virou em ângulo reto e partiu para um grupo de cavalos amarrados perto, cavalos brancos da Camargue, equipados com selas da Camargue de coxim alto, parecendo mais cadeiras de braços do que outra coisa. Correu para o mais próximo, desamarrou-o, meteu o pé no estribo e conseguiu alçar-se, não sem grande esforço.

"Depressa!" ordenou o Grão-Duque. "Chame Czerda! Diga-lhe que se Bowman escapar, nem ele nem vocês escaparão. Mas quero-o vivo. Se ele morrer, vocês morrem. Quer que me entreguem dentro de uma hora no Miramar Hotel em Saintes-Maries. Não posso permanecer aqui nem mais um minuto. Não se esqueça de pegar aquele raio de mulher e trazê-la junto. Vamos, homem, vamos!"

Searl correu. Quando ia atravessar a estrada, teve de fazê-lo aos saltos e desviando-se prudentemente para um lado, a fim de evitar que a montaria de Bowman o derrubasse. O Grão-Duque percebeu que Bowman caía sobre a sela a ponto de ter de se agarrar, embora com as rédeas na mão. Por baixo da maquilagem sua pele era pálida, contraída de dor e exaustão. O Grão-Duque percebeu que Lila estava a seu lado, e também ela observava Bowman.

"Já ouvi falar nisso", disse ela, mansa já sem lágrimas, apenas com uma quietude, uma tristeza, uma descrença. "E agora estou vendo como se persegue um homem até a morte." O Grão-Duque pôs a mão no braço dela. "Garanto-lhe, minha prezada jovem..."

Ela arrancou a mão dele do braço e ficou calada. E nem precisava, pois o desagrado e o nojo em sua expressão diziam tudo. O Grão-Duque sacudiu a cabeça, voltou-se e ficou olhando o vulto de Bowman diminuindo na distância e dobrar numa curva da estrada rumo ao Sul.

O Grão-Duque não foi o único a olhar com profundo interesse a partida de Bowman. Com o rosto espremido contra a janelinha quadrada da parede lateral do vestiário, Cecile acompanhou o

cavalo branco a galope e seu condutor até desaparecerem de vista. A certeza do que aconteceria em seguida a fez permanecer onde estava, e não precisou esperar muito.

Em trinta segundos, surgiram cinco outros cavaleiros galopando: Czerda, Perene, El Brocador, Searl e um quinto homem que não reconheceu. De lábios ressecados, próxima do pranto e com o coração doendo, ela saiu da janela e começou a procurar entre os cabides cheios de roupas.

Quase de imediato encontrou o que procurava: um traje de palhaço, composto da habitual calça larga, vermelha, com largos suspensórios amarelos, um camisolão de malha listrado de vermelho e amarelo, e um vastíssimo paletó escuro. Vestiu a calça, metendo para dentro a fantasia da melhor maneira que pôde; a calça era de corte tão generoso que o excesso de volume mal dava para notar. Enfiou a camisa de malha por cima da cabeça, depois o paletó, tirou a peruca vermelha e meteu na cabeça um boné verde. Não havia espelho no vestiário, mas foi capaz ainda de pensar que, de qualquer forma, não adiantaria mesmo.

Voltou à janela. Terminara, sem dúvida, o espetáculo da tarde e os espectadores desciam do anfiteatro e cruzavam a estrada, rumo a seus carros. Foi para a porta. Vestida como estava, num traje tão espalhafatoso que nem chamava atenção. Com os homens que mais temia perseguindo Bowman e a multidão circulando, sentiu que era a sua melhor oportunidade de chegar sem ser percebida ao Citroen.

E, até onde pôde perceber, ninguém prestou atenção à sua presença enquanto atravessou a estrada em direção ao automóvel, ou, se alguém percebeu, não deu sinal nenhum disso, o que, do ponto de vista de Cecile, vinha a dar na mesma. Abriu a porta do carro, olhou para um lado e outro, para ver se alguém a vigiava, sentou-se atrás do volante, meteu a chave de ignição e gritou, mais de susto do que de dor, quando uma mão forte como um torno agarrou seu pulso.

O aperto afrouxou e ela virou a cabeça lentamente. Maca estava ajoelhado no chão do compartimento traseiro do carro.

Sorria de um jeito pouco animador, empunhando na mão direita aquele enorme punhal.

O sol quente da tarde batia sem piedade nas queimadas planuras, lagoas, brejos e salinas, e nas esparsas e contrastantes manchas de vegetação verde vivo. A bruxuleante névoa característica da Camargue subia do chão e dava um ar curiosamente etéreo, uma estranha falta de definição a todos os aspectos da paisagem, uma ilusão fortalecida pelo fato de que nenhum desses aspectos apresentava qualquer elemento vertical. Todas as planícies são lisas, mas nenhuma tão lisa quanto a Camargue.

Meia dúzia de cavaleiros sobre cavalos fumegantes galopavam furiosos pela planície. Do ar, o seu método de progresso devia parecer peculiar e intrigante ao extremo já que os cavalos raramente galopavam mais de vinte metros em linha reta e estavam sempre variando de rumo. Mas vistos do solo, o mistério desaparecia: a área tão coberta de alagadiços, que iam desde pequeninas poças a brejos maiores do que um campo de futebol, que tornava o avanço regular em linha reta de todo impossível.

Bowman estava em desvantagem, e o sabia. Estava em desvantagem por três razões: conforme demonstravam seu semblante esgotado e as manchas de sangue e riscos de sujeira, estava exausto como nunca, e aquele tremendo galope, obrigando a contínuas viradas e atropelos, não proporcionava oportunidade de recuperação de forças, além de que sua mente estava tão abaixo do ponto ótimo de tomar decisões quanto o corpo estava de executar essas decisões; segundo, seus perseguidores conheciam muito bem o terreno, que para ele era totalmente estranho; e terceiro, embora bom cavaleiro, como se julgava, sabia que não podia sequer pensar em comparar-se com os ases que o perseguiam, treinados e aperfeiçoados quase desde o berço.

Constantemente incitava o cavalo que já começava a cansar, mas não fazia a menor tentativa de guiar esse animal de pé firme, apoiado por experiência e gerações de instinto inato, que conhecia muito melhor do que ele onde o terreno era firme e onde não era. Ocasionalmente, perdia preciosos segundos tentando forçar a

montaria a ir em determinada direção, quando ela teimava e insistia em escolher o próprio caminho.

Bowman olhou por cima do ombro. Não havia esperança; no fundo do coração, sabia que não havia esperança. Quando deixara o Mas de Lavignolle, levava pelo menos algumas centenas de metros sobre os perseguidores; agora, não ia além de uns cinquenta. Os cinco homens vinham espalhados num leque aberto. No centro vinha El Brocador, que sem duvidar era um cavaleiro tão esplêndido quanto era toureiro. Era evidente também que ele conhecia intimamente o terreno, já que uma vez ou outra gritava instruções, ou gesticulava com o braço estendido, para indicar a direção que algum deles devia seguir. À esquerda de El Brocador cavalgavam Czerda, Ferenc, ainda heroicamente enfaixados; à direita vinha Simon Searl, uma visão incongruente na batina sacerdotal, e um cigano que Bowman não soube identificar.

Bowman olhou de novo para a frente. Não via indício de socorro; nenhuma casa, nenhuma quinta, nenhum cavaleiro solitário, nada; e naquela altura já fora levado e, percebia amargurado, que não sem boas razões tão longe para Oeste que os carros que transitavam na rodovia principal de Arles Saintes-Maries não passavam de diminutos pontos negros correndo ao longo da linha do horizonte.

Olhou mais uma vez por cima do ombro. Trinta metros, agora, ou nem tanto. Eles já não cavalgavam em leque, estavam quase em fila, vindo pela sua esquerda, forçando agora a alterar a linha de fuga para a direita. Sabia que isso era feito com algum propósito; todavia, olhando para a frente nada pôde ver que o justificasse. O terreno adiante, em variedade, parecia igualzinho ao trecho já percorrido. Diretamente à frente havia um pedaço incomum de grande de relva num verde quase ofuscante, talvez de uns cem metros de comprimento por trinta de largura, mas que, fora a direção, não era de modo nenhum diverso de dezenas de outros trechos por que passara nos últimos dois ou três quilômetros. O cavalo, Bowman sentiu, estava esgotado e próximo do fim.

Empapado de suor, espumando e ofegando, estava tão exausto quanto o próprio cavaleiro. Duzentos metros adiante havia aquele convidativo relvado, e ocorreu a Bowman a incongruente ideia de como seria gostoso deitar ali, à sombra, num tranquilo dia de verão. Perguntou-se por que não desistia, já que o fim daquela corrida era tão certo quanto a própria morte. Teria desistido, só que não foi capaz de imaginar como.

Olhou mais uma vez para trás. Os cinco cavaleiros formavam agora um crescente fundo, os líderes a não mais de dez metros dele. Olhou de novo à frente e viu o relvado a menos de vinte metros, ocorrendo-lhe aí a ideia de que Czerda estava agora à distância de um tiro certo e teve a certeza de que, quando os cinco homens regressassem ao acampamento, não estaria em companhia deles. Tornou a olhar para trás e espantou-se ao ver os cinco refreando as montarias, e refreando-as com o máximo de energia que lhes era possível. Viu que havia algo errado, terrivelmente errado, mas antes que pudesse sequer começar a pensar no assunto, o seu próprio cavalo parou abruptamente e num espaço incrivelmente curto, as patas dianteiras escorregando nos cascos, na borda do trecho relvado. O animal parou, mas Bowman não.

Ainda olhando por cima do ombro, estivera inteiramente despreparado.

Voou sem remédio por cima da cabeça do cavalo e caiu no pedaço de relva verde.

Devia ter desmaiado, talvez fraturado o pescoço, na melhor das hipóteses contundindo-se muito, mas nada disso aconteceu porque desde logo se tornou claro que o relvado não era o que aparentava. Não caiu pesadamente, não rolou nem saltou; em vez disso, bateu num material macio, almofadado e suavizante do impacto. E aí lentamente, começou a afundar.

Os cinco cavaleiros levaram os animais a passo até perto dele, pararam, inclinaram-se e olharam impassíveis para baixo. Bowman estava agora em posição vertical, embora levemente inclinado à frente.

Já estava afundando até as coxas na mortal areia movediça, com a segurança da terra firme a pouco mais de um metro de distância.

Desesperadamente agitou os braços no esforço de alcançar a borda, mas não conseguiu o menor progresso. Os assistentes continuaram imóveis em suas montarias, a impassividade dos semblantes assustadora em sua sugestão de inexorabilidade.

Bowman afundou até a cintura. Tentou umas suaves braçadas, pois percebeu que a afobação tinha apenas o efeito oposto ao que pretendia.

Reduziu assim o afundamento, mas não o interrompeu: o efeito de sucção da areia movediça era apavorante e implacável.

Fitou os cinco homens. A absoluta impassividade desaparecera. Czerda sorria aquele sorriso feliz reservado para momentos como esse. Searl lambia os lábios lentamente, obstinadamente. Todos os olhos se fixaram no rosto de Bowman, mas se ele alimentava qualquer ideia de gritar por socorro ou implorar piedade, nenhum sinal disso transparecia de sua expressão. Nem havia em sua mente quaisquer pensamentos] nesse sentido.

Medo sentira nas ruínas de Les Baux e na praça de touros de Lavignolle; mas aqui, agora, não tinha medo. Nas outras ocasiões houvera a possibilidade, por escassas que fosse, de sobrevivência, dependente de seus próprios recursos, da coordenação de mãos e olhos; mas aqui, todo o seu conhecimento, experiência e habilidade arduamente conquistados, seus excepcionais reflexos e atributos físicos eram inúteis; da areia movediça não há como escapar. Era o fim, era inevitável, ele o aceitou.

El Brocador encarou Bowman. A areia movediça estava já quase em suas axilas, somente os ombros, braços e cabeça ainda de fora. El Brocador estudou o rosto impassível, balançou a cabeça, voltou-se e fitou Czerda e Searl, um de cada vez, mostrando na face desgosto e desprezo. Soltou a corda que levava na sela.

"Não se faz isto com um homem como este", disse apenas. "Estou envergonhado por todos nós." Com um gesto hábil de pulso

lançou a corda serpenteando, e ela caiu exatamente entre as mãos estendidas de Bowman.

14

Mesmo o mais ardoroso publicista das atrações de Saintes Maries — se algum existe — acharia difícil tecer as belezas da rua principal da cidade, que corre de Leste a Oeste ao longo da praia totalmente invisível por trás do alto paredão rochoso. Como o resto da cidade, é singularmente despida de qualquer mérito paisagístico, artístico, arquitetônico, embora naquela determinada tarde sua insipidez estivesse talvez ligeiramente aliviada pela multidão, turistas de roupas estranhas, ciganos, as inevitáveis barraquinhas de feira, galerias de tiro, cabinas de ledoras da buena-dicha e lojinhas de lembranças, espalhadas ao acaso para uso e edificação dos presentes.

Não era, pensar-se-ia, espetáculo capaz de agradar ao espírito aristocrático do Grão-Duque; contudo, sentado ali no café de calçada em frente ao Miramar Hotel, examinando a cena diante de si, a expressão do seu rosto era suave a ponto quase da benevolência. Ainda mais estranho, à luz de seus princípios notoriamente antidemocráticos, Carita, sua motorista, sentava ao lado dele. O Grão-Duque passou a mão num litro de vinho tinto, despejou uma talagada no seu copázio, um golinho no copinho que pusera diante dela, e sorriu de novo benevolente, não para a cena que passava mas para o telegrama que tinha aberto na mão. Era evidente que o excepcional humor do Grão-Duque não se devia a Saintes-Maries e seus habitantes, mas existia apesar deles. A fonte de contentamento estava no papel em sua mão.

"Excelente, minha prezada Carita, excelente. Exatamente o que desejávamos saber. Por Deus, eles se mexeram depressa." Contemplou o papel e suspirou. "É uma satisfação, realmente uma satisfação, quando nossas conjecturas confirmam-se cem por cento."

"As suas sempre se confirmam, senhor Duque"

"Hein? O que disse? Ah, sim, sim, naturalmente. Tome mais um pouco de vinho."

O Grão-Duque perdera temporariamente o interesse tanto em Carita como no telegrama, e fitava pensativo um grande Mercedes negro que acabava de parar pertinho. O casal chinês, que vira pela última vez no pátio do hotel de Arles, desembarcou e encaminhou-se para a entrada do hotel. Passaram a poucos metros da mesa do Grão-Duque. O homem cumprimentou, a esposa sorriu de leve, e o Grão-Duque, para não ficar atrás, curvou-se grandiosamente. Viu-os entrarem, depois virou-se para Carita.

"Czerda já devia estar aqui com Bowman. Decidi que este lugar não é aconselhável para o encontro. Público demais, demasiado exposto. Há um grande acostamento cerca de um quilômetro ao Norte da cidade. Faça Czerda parar ali e esperar por mim, depois volte para me apanhar."

Ela sorriu e levantou-se para sair, mas o Grão-Duque ergueu a mão.

"Uma última coisa antes que se vá. Tenho um telefonema urgente a dar e quero completá-lo reservadamente. Diga ao gerente que quero falar com ele. Imediatamente."

Le Hobenaut, Tangevec e Daymel estavam imóveis nos beliches, ainda algemados à parede do reboque. Bowman, agora sem a roupa de pierrô mas com o traje de *gardian* encharcado e ainda gotejante, deitava no chão com as mãos amarradas nas costas. Cecile e Lila sentavam num banco, sob o olho atento de Perene e Masaine. Czerda, El Brocador e Searl sentavam à mesa, calados e com ares infelizes. E a expressão de infelicidade aprofundou-se quando escutaram as passadas medidas galgando os degraus do reboque. O Grão-Duque fez a costumeira entrada pomposa. Examinou friamente os três homens sentados.

"Temos de nos mexer depressa." A voz foi brusca, autoritária, e fria como o seu rosto. "Recebi informação telegráfica de que a polícia começa a suspeitar, e nesta altura tem certeza a nosso respeito... graças a você, Czerda, esse estúpido e desastrado Searl. Você está louco, Czerda?"

"Não estou entendendo, senhor."

"É isso exatamente. Nunca entende nada. Ia matar Bowman antes que nos dissesse como descobriu nosso grupo, quem são seus contatos e onde estão meus oitenta mil francos. Pior que tudo, seus cretinos, iam matá-lo em público. Não são capazes de perceber a enorme publicidade que isto teria? O segredo e a clandestinidade são meus lemas."

"Sabemos onde estão os oitenta mil francos, senhor". Czerda tentava salvar alguma coisa do naufrágio.

"Sabemos? Sabemos? Desconfio que foi enrolado de novo, Czerda. Mas isto pode esperar. Sabe o que acontece se a polícia francesa os pegar?" Silêncio. "Sabe quais são as penas rigorosas que os tribunais franceses impõem a raptos?" Ainda silêncio. "Nenhum de vocês aqui pode ter esperança de escapar com menos de dez anos de prisão. E se conseguirem atribuir o assassinato de Alexandre a vocês..." O Grão-Duque fitou El Brocador e os quatro ciganos, um de cada vez. Pelas expressões, ficou bem claro que sabia o que aconteceria.

"Pois muito bem. A partir deste instante, o futuro da vida de vocês todos dependem inteiramente de que façam exatamente o que eu ordenar... Não está além de minhas possibilidades livrá-los das consequências das tolices em que se meteram. Exatamente. Está bem claro?"

Os cinco homens concordaram. Nenhum falou.

"Muito bem. Soltem esses homens. Desatem Bowman. Se a polícia os encontrar nesse estado... bem, estará tudo liquidado. Doravante usaremos pistolas e punhais para guardá-los. Tragam todas as mulheres para cá... quero todos os nossos ovos na mesma cesta. Repassem nossos planos, Searl. Repasse-os rápida e claramente, para que até o mais incompetente imbecil, e isto inclui você, possa entender o que pretendemos. Tragam-me alguma cerveja, alguém."

Searl pigarreou constrangido e nitidamente infeliz. A arrogância, a tranquila e fria importância com que confrontara Czerda no confessionário, naquela mesma manhã, desvaneceram-se como se nunca houvessem existido.

"Encontro a qualquer momento entre a noite passada e a noite de segunda-feira; lancha a motor rápida à espera..."

O Grão-Duque suspirou em desespero e ergueu a mão.

"Rápida e claramente, Searl. Claramente. Encontro onde, idiota? Com quem?"

"Desculpe, senhor." O pomo-de-adão no magro pescoço ia para cima e para baixo enquanto Searl engolia nervoso. "Ao largo de Palavras, no Golfo de Aigues-Mortes. Cargueiro Canton."

"Com que destino?"

"Cantão."

"Exatamente."

"Sinais de reconhecimento..."

"Deixe isso pra lá. E a lancha?"

"Em Aigues-Mortes, no canal do Ródano. Eu ia mudá-la para Grau-du-Roi amanhã... não penso que... eu..."

"Você nunca pensou", disse o Grão-Duque, cansado. "Por que esses raios de mulheres não chegam nunca? E essas algemas continuam presas? Vamos, gente!"

Pela primeira vez ele relaxou e sorriu de leve. "Aposto que o nosso amigo Bowman ainda não sabe quem são os outros três, hein, Searl?"

"Posso lhe dizer?" perguntou Searl ansioso. A perspectiva de sair da berlinda, voltar os refletores para outra pessoa, sem dúvida lhe agradava muito.

"Faça como quiser." O Grão-Duque bebeu ávido a cerveja. "Já não importa."

"Claro que não." Searl sorriu abertamente. "Permita-me apresentar o Conde le Hobenaut, Henri Tangevec e Serge Daymel. Os três maiores peritos em combustíveis para foguetes no outro lado da Cortina de Ferro. Os chineses precisam deles ansiosamente, pois até agora não conseguiram aperfeiçoar um veículo capaz de transportar suas cargas nucleares. Estes homens podem fazê-lo. Mas não havia uma única fronteira terrestre entre a China e a Rússia que pudesse ser utilizada, nem um só país neutro amigo de ambas as potências que se dispusesse a fazer vista grossa a acontecimentos fora do comum. Por isso, Czerda trouxe-os para o

Oeste. Ninguém jamais sonharia que esses homens desertassem para o Oeste... já que o Oeste tem seus especialistas em combustíveis. E nas fronteiras, ninguém jamais faz perguntas a ciganos. Naturalmente, se algum dos três tivesse ideias de esperteza, suas esposas seriam mortas. E se elas tivessem as ideias, os homens é que seriam mortos."

"Ou pelo menos foi o que disse às senhoras", comentou o Grão-Duque com mau humor. "A última coisa que desejaríamos seria causar qualquer mal a esses homens. Mas sabe como são as mulheres... são capazes de acreditar em qualquer coisa." Permitiu-se um sorrisinho de satisfação. "A simplicidade... se é que eu mesmo posso exprimir-me assim... a avassaladora simplicidade do verdadeiro gênio. Ah, as mulheres."

"Aigues-Mortes... e a toda velocidade. Avise aos demais carros, Czerda, que você os encontrará de manhã em Saintes-Maries. Vamos, Lila, meu bem."

"Com você?" Ela o encarou, revoltada. "Deve estar doido. Ir com você?"

"Há que manter as aparências, agora mais do que nunca. Que suspeitas pode despertar um homem acompanhado por tão linda jovem? Além disso, está muito quente e preciso de alguém que segure o meu guarda-sol." Pouco mais de uma hora depois, ainda furiosa e de lábios trancados, ela abaixou o guarda-sol quando o Rolls-Royce verde parou fora das muralhas sombrias de Aigues-Mortes, a mais perfeitamente preservada cidade murada europeia das Cruzadas. O Grão-Duque desceu do automóvel e esperou que Czerda chegasse com o seu caminhão rebocando o grande carro.

"Espere aqui", ordenou. "Não demorarei."

Fez sinal para o Rolls-Royce.

"Fique de olho vivo aqui na senhorita Delafont. Fora de você, ninguém mais deverá ser visto, em hipótese nenhuma." Olhou estrada acima em direção a Saintes-Maries. Momentaneamente, a estrada pareceu deserta. Saiu caminhando depressa e entrou na desolada e assustadora cidade pelo portão norte, virou à direita para o parque de estacionamento e tomou posição ao abrigo de um realejo, cujo tocador, um velho decrépito que, apesar do calor do

dia, vestia dois sobretudos e um chapéu de feltro, levantou os olhos do tamborete em que sentava cochilando e resmungou. O Grão-Duque deu-lhe dez francos. O velho parou de resmungar, ajustou a manivela e começou a rodá-la: a rangente cacofonia era uma valsa que nenhum compositor vivo ou morto jamais reconheceria como sua. O Grão-Duque franziu a testa mas ficou onde estava.

Dois minutos depois o Mercedes negro passou pelo portão, virou à direita e parou. O casal chinês saltou, não olhou para a direita nem para a esquerda, e marchou pela rua principal abaixo — na verdade, a única rua de Aigues-Mortes — para a pequenina praça margeada de cafés que marcava o centro da cidade. Mais devagar, e a uma distância discreta, o Grão-Duque os seguiu.

O casal chinês chegou à praça e parou indeciso numa esquina, em frente a uma loja de lembranças, não distante da estátua de São Luís. Assim que pararam, emergiram da loja quatro homens robustos trajando roupas comuns, dois de cada porta, e caíram sobre os dois. Um dos homens mostrou ao chinês algo oculto na palma da mão. O chinês gesticulou e pareceu protestar violentamente, mas os quatro homens fortes apenas sacudiram as cabeças com firmeza e levaram a dupla em direção a um par de Citroens pretos que esperavam.

O Grão-Duque balançou a cabeça no que só poderia ser tomado como um gesto de satisfação, e percorreu o caminho de volta ao automóvel e ao caminhão que esperavam.

Um trajeto de menos de sessenta segundos levou-os a um trapiche pequeno no Canal do Rhône à Sète, o canal que liga o rio ao Mediterrâneo, em Grau-du-Roi, e que corre paralelo à muralha ocidental de Aigues-Mortes.

No fim do trapiche estava amarrada uma potente lancha de nove metros, com uma grande cabina envidraçada e outra menor na popa. Pelas linhas audaciosas da proa, a embarcação parecia capaz de coisas fora do comum em termos de velocidade.

O Rolls e o caminhão cigano pararam fora da rua, de maneira que a traseira do caminhão ficou a menos de dois metros da extremidade do cais. Por isso a transferência dos prisioneiros do caminhão para a lancha foi feita tranquila e rapidamente, de um

jeito que dificilmente levantaria suspeitas mesmo do mais inquisitivo espectador. Na verdade, o espectador mais próximo era um pescador de linha a cem metros dali e com toda a atenção obviamente concentrada no que acontecia na outra ponta da linha, alguns metros abaixo da superfície do canal. Perene e Searl, cada qual com uma pistola mal escondida, ficaram no trapiche, perto da curta prancha de embarque, enquanto o Grão-Duque e Czerda, também armados sem ostentação, ficaram na popa do barco enquanto, primeiro os três cientistas, depois suas acompanhantes, e por fim Bowman, Cecile e Lila entraram a bordo. Sob ameaça das armas, todos se sentaram nos bancos que corriam nos bordos da cabina.

Perene e Searl embarcaram e Searl foi para o leme. Por um momento o Grão-Duque e Masaine permaneceram na popa, verificando se alguém os observava, depois do que entrou na cabine, meteu a arma no bolso e esfregou as mãos, satisfeito "Excelente, excelente, excelente." Mostrava-se positivamente jovial.

"Como sempre, tudo sob controle. Ligue os motores, Searl!" Virou-se e meteu a cabeça para fora da porta. "Solte o cabo, Masaine!" Searl apertou botões e os dois motores diesel funcionaram com um profundo e possante ronco, mas não alto o bastante para abafar uma breve exclamação de dor do Grão-Duque, que ainda olhava para fora da porta.

"Sua pistola em seu rim", disse Bowman. "Ninguém se mova ou ele morre." Passou os olhos por Perene, Czerda, Searl e El Brocador. Pelo menos três deles estavam armados, Bowman sabia. "Mande Searl parar as máquinas." Searl parou as máquinas sem esperar a ordem do chefe.

"Diga a Masaine que venha cá", continuou Bowman. "Diga-lhe que tenho uma pistola apontada para o seu rim." Olhou em torno da cabina, mas ninguém se movera. "Diga-lhe que venha logo ou puxo o gatilho."

"Não ousaria!"

"Você não morrerá", disse Bowman em tom de consolo. "Muita gente consegue viver com um rim só." Cutucou de novo com a arma e o Grão-Duque tornou a gemer de dor, dizendo em voz rouca:

"Masaine, venha cá depressa! Guarde a arma. Bowman está com uma aqui em mim."

Houve alguns segundos de silêncio e então Masaine surgiu na porta. Não sendo um pensador profundo mesmo em seus melhores momentos, evidentemente ficou incerto sobre o que fazer: a visão de Czerda, Perene, Searl e El Brocador ocupados em fazer nada convenceu-o de que o fazer nada, no momento, era o procedimento sábio e prudente. Entrou, pois, na cabine.

"Agora, chegamos à delicada questão do equilíbrio de forças", disse Bowman em tom de conversa. Ainda estava pálido e desfigurado, sentia-se indescritivelmente cansado, dormente e doído por todo o corpo; mas sentia-se um príncipe em comparação com o estado em que estivera duas horas antes. "Uma questão de verificações e equilíbrios. Quanta autoridade e influência sou capaz de exercer sobre você, aqui em pé com esta arma na mão? Quanto de minha vontade sou capaz de impor? Um tanto... mas só um tanto."

Puxou o Grão-Duque para trás, pelo ombro, deu um passo para o lado e viu o Grão-Duque cair pesadamente no banco lateral, aliás, um banco muito bem feito, já que não quebrou. O Grão-Duque deu um olhar vibrante a Bowman, com a aristocrática voltagem dos olhos azuis no máximo de força. Mas Bowman não se abalou.

"É difícil acreditar, apenas olhando para você", continuou Bowman, dirigindo-se ao Grão-Duque, "mas você é, quase com certeza, o mais inteligente do seu bando de rufiões. Quer dizer... não que isso exija grande inteligência, não. Tenho uma arma comigo, e está em minha mão. Há quatro outros caras aqui que também têm armas, e embora não estejam em suas mãos por enquanto, não custaria muito para que ali chegassem. Se houvesse um tiroteio, creio que seria estranhamente improvável que eu pudesse abater todos antes que algum, mais provavelmente, dois, me pegasse. Não sou exatamente um Wild Bill Hickok. Além disso, há oito pessoas inocentes aqui — nove, se contar comigo — e um tiroteio neste espaço reduzido na certa resultaria em alguém sair

ferido, talvez morto. Eu não gostaria disso, tal como não gostaria que eu próprio levasse uma bala."

"Vamos ao ponto", rosnou o Grão-Duque.

"É óbvio, não tenha dúvida. Que exigências posso fazer, que não sejam grandes demais a ponto de precipitar esse tiroteio que, tenho certeza, todos queremos evitar? Se eu mandasse que todos me entregassem as armas, será que o fariam calma e obedientemente, mesmo sabendo que os esperam longas penas de prisão e talvez, até, uma acusação de assassinato? Duvido. Se eu dissesse que podem ir embora, mas deixando aqui os cientistas e as esposas, vocês topariam isso? Outra vez, duvido, pois eles seriam provas vivas dos seus crimes, com o resultado de que, se qualquer de vocês botasse os pés em qualquer parte da Europa Ocidental acabaria na prisão, e se pisasse na Europa Oriental, teria sorte se fosse parar num campo de prisioneiros da Sibéria, já que os comunistas não gostam muito de quem rapta seus melhores cientistas. Na verdade, não haveria lugar para vocês em parte nenhuma da Europa. Teriam simplesmente que embarcar no Canton e seguir nele para casa, mas não creio que fossem achar que a vida na China é exatamente o que dizem... os chineses, é claro."

"De outro lado, duvido que se disponham a lutar até a morte para impedir a minha partida com as duas senhoritas. Elas são apenas figurantes, um par de moças em férias, moças de ideias românticas e de cabeças um tanto ocas, que julgaram bacana meter-se nestas nossas trapalhadas."

Bowman evitou cuidadosamente olhar para as duas. "Admito que para mim seria fácil dar início a uma questão, mas não acho que fosse muito longe, pois seria apenas a minha palavra contra a de vocês, não há uma só prova que eu possa apresentar, e não creio que haja meio de ligá-los ao assassinato ocorrido lá nas cavernas. A única prova são os cientistas e as esposas, e eles estariam a meio caminho da China antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Que tal?"

"Aceito seu raciocínio", concordou o Grão-Duque, pesadão. "Tente fazer com que nos entreguemos, ou aos cientistas — ou mesmo suas esposas — e jamais sairá vivo deste barco. Você e

essas duas idiotinhas, como você diz, já são outro assunto. Podem levantar suspeitas, mas é só o que poderão fazer... melhor do que fazer com que dois ou três dos meus homens morram inutilmente."

"Bem pode ser você, também", acrescentou Bowman. "Essa possibilidade não me escapou. Você é a minha escolha número um para refém e salvo-conduto", disse mais Bowman.

"Imaginei que fosse." O Grão-Duque levantou-se com relutância evidente.

"Não estou gostando disso", disse Czerda. "E se..."

"Quer ser o primeiro a morrer?" perguntou o Grão-Duque, cansado. "Deixe o pensamento para mim, Czerda."

Visivelmente intranquilo, Czerda calou a boca. A um gesto de Bowman, as duas moças saíram da cabina e passaram à prancha de desembarque. Bowman seguia-as andando de costas com a pistola quase encostada na boca do estômago do Grão-Duque. No alto da prancha, Bowman disse às moças: "Desapareçam de vista."

Esperou dez segundos e disse ao Grão-Duque: "Vire-se." O Grão-Duque virou-se e Bowman deu-lhe um empurrão que o mandou tropeçando, quase caindo, prancha abaixo. Bowman lançou-se ao chão, pois sempre havia a possibilidade de alguém lá dentro ter mudado de ideia. Mas não houve disparos nem ruído de passos na prancha de desembarque. Bowman levantou a cabeça com cuidado. Os motores estavam funcionando de novo.

A lancha já estava cerca de vinte metros afastada do cais e acelerando.

Bowman ergueu-se rápido e, seguido por Cecile e Lila, correu para o Rolls-Royce. Carita encarou-o, espantada.

"Fora!", disse Bowman.

Carita abriu a boca para protestar mas Bowman não estava para conversa.

Abriu a porta do carro e praticamente arrancou-a do banco e a colocou na rua. Logo depois sentou-se ao volante.

"Espere!" disse Cecile. "Espere! Vamos com..."

"Desta vez não." Esticou o braço para fora e arrancou a bolsinha da mão de Cecile. Ela ficou de boca aberta, mas não disse nada. E ele continuou: "Vá para a cidade; telefone à polícia de

Saintes-Maries; diga que há uma moça doente num carro de ciganos verde e branco estacionado no acostamento a um quilômetro e meio ao Norte da cidade, e que devem levá-la para um hospital imediatamente. Não diga quem é nem uma palavra além disso. Simplesmente desligue."

Fez um sinal de cabeça para Lila e Carita. "Essas duas bastam para começar."

"Para começar o quê?" Compreensivelmente, ela ficou intrigada.

"Para damas de honra."

A estrada entre Aigues-Mortes e Grau-du-Roi tem apenas alguns quilômetros e é em sua maior parte paralela ao canal e dele separada por alguns metros. A única linha divisória entre as duas vias, se é que se pode dizer assim, é um renque tênue de juncos altos. E foi por entre esses juncos, menos de um minuto depois de ligar o motor do Rolls-Royce, que Bowman divisou pela primeira vez a lancha a motor, menos de cem metros à frente. Já navegava a alta velocidade, a popa imersa fundo na água, o bigode de espuma voando alto e longe, lançado da proa, a onda levantada em sua esteira batendo forte nas duas margens do canal.

Searl ia ao leme; Masaine, El Brocador e Perene iam sentados, mas de olhos atentos sobre os passageiros, enquanto o Grão-Duque e Czerda conversavam perto da porta da cabina. Czerda parecia ainda aborrecido.

Dizia: "Mas como pode estar certo de que ele não nos trará problemas?"

"Tenho certeza." A passagem do tempo restaurara a antiga confiança do Grão-Duque.

"Mas ele irá à polícia. Tem de ir."

"E daí? Você ouviu o que ele mesmo disse. É a palavra isolada dele contra a de todos nós. Com todas as suas provas a caminho da China. Pensarão que ele é doido. Mesmo que não pensem, não há coisa alguma neste mundo que possam provar."

"Continuo não gostando", insistiu Czerda. "Penso..."

"Deixe isso para mim", disse o Grão-Duque, sucinto. "Santo Deus!"

Houve um barulho de vidro quebrado, o estalo de um tiro e um grito agudo de dor, de Searl, que largou a roda do leme e segurou o ombro esquerdo.

A lancha derivou violentamente e partiu direto para a margem esquerda, e teria batido se Czerda, embora o mais velho do grupo e o que estava mais longe do leme, não reagisse com rapidez, lançando-se para a frente e girando tudo para estibordo.

Conseguiu impedir que a lancha enterrasse — talvez arrebetasse — a proa no barranco, mas não chegou a tempo para evitar que, meio desgovernada, batesse o costado de bombordo com força, num impacto que lançou ao chão todos os que estavam em pé, à exceção de Czerda, e mesmo alguns que estavam sentados. Foi nesse instante que Czerda relanceou o olhar pela janela e viu Bowman, ao volante do Rolls-Royce e a menos de cinco metros de distância, na estrada, fazendo cuidadosa pontaria com a pistola do Grão-Duque para a janela da lancha.

"Abaixem-se!", berrou Czerda, o primeiro a se abaixar.
"Deitem no chão."

De novo ouviu-se barulho de vidros partidos e um estampido, mas ninguém foi ferido. Czerda reduziu a marcha, passou o leme para Masaine e juntou-se ao Grão-Duque e a Perene, que já haviam escapulado, correndo de quatro pelo convés, para a guarita de popa. Os três olharam cuidadosamente por cima da amurada e depois se levantaram, escondendo prudentemente as armas nas costas.

O Rolls ficara uns trinta metros para trás, pois estava bloqueado por um trator agrícola que puxava enorme reboque de quatro rodas, e impedido de ultrapassá-lo por vários automóveis que vinha do Sul.

"Mais depressa", disse Czerda a Masaine. "Não depressa demais... mantenha-nos um pouco à frente daquele trator. Assim. Assim mesmo." Viu o último dos carros que iam para o Norte passar na outra faixa da estrada. "Lá vem ele de novo." O comprido nariz verde do Rolls-Royce apareceu por trás do trator. Os três homens na popa da lancha ergueram as armas e o motorista do trator, avistando-os, freou e jogou tão bruscamente para fora que foi parar com a roda dianteira direita do trator sobre a barranca do canal. A

súbita freada e o desvio deixaram o Rolls-Royce inteiro e de repente à vista.

Bowman, a pistola erguida pronta para usar, viu o que ia acontecer, largou a pistola e protegeu-se abaixo da porta do carro. Encolhia-se a cada bala que penetrava na carroceria do automóvel. O para-brisa de repente espatifou-se e ficou inteiramente opaco. Bowman meteu o punho fechado pela parte de baixo do vidro, pisou no acelerador e partiu como um bólido. Era evidente que, anulado o elemento surpresa, não tinha a menor chance contra três sujeitos armados atirando da lancha. Perguntou-se vagamente como o Grão-Duque encararia a súbita queda do valor de revenda do seu Rolls-Royce.

Passou em alta velocidade pela praça de touros à esquerda e entrou na cidade de Grau-du-Roi, derrapando numa freada ao aproximar-se da ponte giratória que cruzava o canal, ligando as duas partes da cidade.

Abriu a bolsa de Cecile, tirou algumas notas do maço de francos suíços que apanhara no reboque de Czerda, recolocou o maço na bolsa, enfiou-a no porta-luvas, contou com que os cidadãos de Grau-du-Roi fossem honestos, saiu do carro e desceu pelo cais.

Parou quando chegou perto de uma embarcação amarrada na margem esquerda, logo abaixo da ponte. Era um barco de pesca de proa alta e boca ampla, de madeira e evidentemente de sólida construção, mas que já vira seus melhores dias há muito tempo. Bowman aproximou-se do pescador de camisa de malha cinzenta, homem de meia-idade, sentado num cabeço de amarração, remendando uma rede.

"Bom barco esse seu", disse Bowman no melhor estilo de turista admirador. "É de aluguel?" O pescador encabulou com a maneira direta de Bowman. Assuntos de finanças são em geral tratados com maior finura.

"Catorze nós, e forte como um tanque", disse o dono, orgulhoso. "O melhor barco pesqueiro de madeira do Sul da França. Dois motores diesel Perkins. É como um raio! E forte pra burro. Mas

apenas a frete, cavalheiro. E assim mesmo, só quando a pesca não vai bem."

"É pena, é pena?" Bowman puxou algumas notas e correu o dedo nelas. "Nem por uma horinha? Tenho razões de urgência, pode crer." E tinha mesmo. Na distância, podia ouvir o som crescente da potente lancha do Grão-Duque.

O pescador virou os olhos, como se estivesse pensando; não é fácil ter certeza sobre o valor das notas estrangeiras assim a mais de um metro de distância Mas os marinheiros costumam ter olhos penetrantes.

Levantou-se e deu uma palmadinha na coxa. "Vou abrir uma exceção", anunciou, para depois acrescentar, com vivacidade: "Mas terei de acompanhá-lo, é claro."

"É claro. Eu não esperava outra coisa." Bowman passou-lhe duas notas de mil francos suíços. Houve um ato de prestidigitação e as notas desapareceram da vista.

"Quando o cavalheiro deseja largar?"

"Agora." Bowman podia ter tomado o barco de qualquer maneira, mas preferiu usar as notas de Czerda a apontar uma arma como meio de persuasão. Mas que acabaria tendo que apontar a arma, não tinha a menor dúvida.

Largaram, saltaram para bordo e o pescador ligou os motores, enquanto Bowman vigiava disfarçadamente na popa. O som dos possantes motores da lancha estava já bem perto. Voltou-se e ficou observando o pescador acelerar avante, ao mesmo tempo em que girava a roda para estibordo. O barco pesqueiro começou a deslocar-se lentamente para longe do cais.

Bowman comentou: "Não parece muito difícil de manejar, creio."

"Não para o senhor. Leva-se uma vida inteira para aprender a manejar este barco."

"Não posso experimentar?"

"Não, não. Impossível. Talvez quando chegarmos ao mar..."

"Lamento, mas tem que ser agora. Por favor."

"Em cinco minutos..."

"Sinto muito. Sinto mesmo." Bowman mostrou a pistola e fez com ela um gesto em direção ao canto dianteiro da casa do leme. "Por favor, sente ali." O pescador encarou-o, largou a roda e foi para o canto da casa do leme.

Quando Bowman pegava a roda, murmurou tranquilo: "Sabia que estava fazendo papel de besta. Acho que gosto demais de dinheiro."

"E quem é que não gosta?" Bowman deu uma olhadela por cima do ombro. A lancha estava a menos de cem metros da ponte. Abriu o acelerador todo e o barco começou a forçar para a frente. Bowman meteu a mão no bolso, tirou as outras três notas de mil francos do dinheiro de Czerda e atirou-as para o homem. "Vai ficar ainda mais besta."

O pescador fitou as notas, mas não fez o menor gesto de apanhá-las.

Sussurrou: "Depois que eu estiver morto você as tomará de novo. Pierre des Jardins não é um idiota."

"Depois que estiver morto?"

"Quando me matar. Com essa pistola." Sorriu com tristeza. "É uma coisa formidável ter uma pistola, não?"

"É." Bowman inverteu a posição da pistola na mão, pegando-a pelo cano, e empurrou-a suavemente para o pescador. "Sente-se formidável também, agora?"

O homem fitou a pistola, apanhou-a, apontou-a experimentalmente para Bowman, largou-a, pegou o dinheiro e o embolsou; depois tornou a empunhar a pistola, ergueu-se, andou até a roda do leme e meteu a arma no bolso de Bowman. "Acho que não sou muito bom no manejo dessas coisas, cavalheiro."

"Nem eu. Olhe para trás. Está vendo uma lancha se aproximando?"

Pierre olhou. A lancha não estava a mais de cem metros à ré. "Estou vendo. Conheço. É do meu amigo Jean..."

"Desculpe. Depois falaremos do seu amigo." Bowman apontou para a frente, onde um cargueiro estava ao largo, no golfo.

"É o cargueiro Canton. Navio comunista rumando para a China. Atrás de nós, naquela lancha, há bandidos que querem pôr a bordo

do cargueiro algumas pessoas que não querem ir. Quero impedi-los."

"Por quê?"

"Se vai perguntar por que, tiro de novo a pistola do bolso e faço-o sentar." Bowman olhou rapidamente para trás: a lancha estava a cerca de cinquenta metros.

"É inglês, naturalmente?"

"Sou."

"É agente do seu governo?"

"Sou."

"O que chamamos de Serviço Secreto?"

"Sim."

"É conhecido do nosso governo?"

"Sou do seu Deuxième Bureau. O patrão deles é o meu patrão."

"Patrão?"

"Chefe. Chef." Pierre suspirou.

"Tem de ser verdade. E quer deter essa lancha que vem vindo aí?"

Bowman fez que sim. "Então por favor saia daí. Isso é trabalho para quem entende."

Bowman concordou de novo, sacou a arma do bolso, foi para estibordo e baixou a janela da casa do leme. A lancha estava a menos de três metros da popa, a não mais de uns seis metros em rota paralela e avançando rápido. Czerda ia ao leme, com o Grão-Duque ao lado. Bowman levantou a pistola, depois tornou a baixá-la quando o barco de pesca adernou fortemente e guinou para a lancha. Três segundos depois, a pesada proa de carvalho colidiu violentamente com a quadra da popa de bombordo da outra embarcação.

"Era mais ou menos o que tinha em mente, não é, cavalheiro?" perguntou Pierre.

"Mais ou menos", admitiu Bowman. Os dois barcos seguiram próximos em rotas paralelas. A lancha mais rápida saltou adiante. No interior de sua cabine reinava intensa confusão.

"Quem é esse louco?", berrou o Grão-Duque.

"Bowman!", Czerda falou com certeza.

"Puxem as armas!" comandou o Grão-Duque. "Puxem as armas! Acertem-no!"

"Não."

"Não? Não? Quem ousa contrariar...".

"Cheiro de gasolina. No ar. Um tiro e... pum! Perene, verifique o tanque de bombordo."

Perene saiu e voltou em dez segundos.

"Então?"

"Está arrebentando. No fundo. A gasolina foi quase toda." Enquanto falava, o motor de bombordo falhou, espirrou, e parou. Czerda e o Grão-Duque entreolharam-se, e ninguém falou nada.

Os dois barcos já haviam deixado o porto e navegavam em mar aberto no Golfo de Aigues-Mortes. A lancha, com um motor só, atrasara-se e seguia quase em linha com o barco de pesca. Bowman fez sinal de cabeça para Pierre, que respondeu com outro, girou a roda rapidamente, o barco adernou forte e houve um segundo choque violento, exatamente no mesmo ponto de antes; depois afastou-se.

"Raios o partam!" A bordo da lancha, o Grão-Duque estava lívido de fúria e não fazia o menor esforço para ocultá-lo.

"Arrebentou o casco! Arrebentou! Não é capaz de evitá-lo?"

"Com um motor só, é muito difícil de governar." Nas circunstâncias, a prudência de Czerda era compreensível. Ele não exagerava. A combinação do motor de bombordo parado com um rombo na quadra de bombordo, tornava virtualmente impossível manter rumo firme; Czerda não era marujo e, apesar do esforço, a lancha seguia agora uma rota errática.

"Veja! O que é aquilo?", gritou o Grão-Duque em voz aguda.

Cerca de três milhas ao largo, um cargueiro grande e muito velho, quase parado no mar, enviava uma mensagem semafórica.

"É o Canton!" disse Searl, excitado, e animou-se tanto que até esqueceu o ferimento que tinha no ombro. "O Canton! Temos de mandar um sinal de reconhecimento. Três longos e três curtos."

"Não!" O Grão-Duque foi enfático. "Está louco? Não devemos nos envolver nisso. As repercussões internacionais... Cuidado!"

O barco de pesca guinava outra vez. O Grão-Duque e Perene correram para a popa e desfecharam vários tiros. Os vidros das janelas da casa do leme estilhaçaram-se e caíram, mas Bowman e Pierre já estavam deitados no chão, coisa que o Grão-Duque e Perene tiveram de fazer quase exatamente no mesmo instante, quando a pesada proa de carvalho esmagou a quadra de bombordo precisamente na altura em que estavam.

Cinco vezes, nos dois minutos seguintes, repetiu-se a manobra, e cinco vezes a lancha estremeceu sob os possantes impactos. Já agora, por ordem do Grão-Duque haviam cessado os disparos, pois a munição estava quase acabada.

"Precisamos reservar as últimas balas para melhor rendimento." O Grão-Duque voltara à calma. "Na próxima vez..."

"O Canton está largando!", gritou Searl. "Vejam, já mudou de rumo." Todos olharam. O Canton realmente mudava de rumo, começando a navegar com crescente velocidade para o largo.

"O que mais você esperava?" perguntou o Grão-Duque. "Não se preocupe; vamos encontrá-lo de novo."

"Que quer dizer?" perguntou Czerda.

"Mais tarde. Como eu ia dizendo..."

"Estamos afundando!" A voz de Searl foi quase um grito. "Estamos afundando!"

E não exagerava, pois a lancha estava mergulhada já bem baixo, o mar entrando pelos rombos feitos no casco pelas proadas do pesqueiro.

"Estou vendo", concordou o Grão-Duque. Voltou-se para Czerda. "Lá vêm eles de novo. Tudo para estibordo... à sua direita, depressa. Ferenc, Searl, El Brocador, me acompanhem."

"Meu ombro", gemeu Searl.

"Esqueça o ombro. Venha comigo." Os quatro ficaram bem rente à porta da cabina quando o barco de pesca aproou de novo. Mas desta vez a lancha, embora lenta e longe de responder bem, por estar já bem cheia de água, conseguira guinar para fora o bastante para reduzir o impacto a ponto de as duas embarcações apenas roçarem uma na outra. Quando a casa do leme do barco de pesca passou pela cabina da lancha, o Grão-Duque e os três

homens correram para a popa. O Grão-Duque aguardou a oportunidade e então, com aquela rapidez e agilidade tão surpreendentes num homem de seu peso, trepou na amurada e saltou para a popa do barco de pesca. Em dois segundos os outros o acompanharam.

Dez segundos depois disso, Bowman virou-se com violência quando a porta de bombordo da casa do leme de repente se abriu e Perene e Searl apareceram, ambos de armas em punho.

"Não."

Bowman girou de novo em busca da voz por a dele. Não precisou olhar para longe, pois as armas do Grão-Duque e de El Brocador estavam a menos de trinta centímetros de seu rosto. O Grão-Duque disse apenas: "É bastante?"

Bowman assentiu. "É bastante."

Quinze minutos depois, com as primeiras tintas da tarde começando a descer, o barco de pesca, com um imperturbável Pierre des Jardins ao leme, subia plácido o Canal do Rhône à Sète. Os três cientistas e suas acompanhantes, a última das quais fora içada para bordo apenas segundos antes do afundamento da lancha, sentavam-se no convés de proa, cobertos pelas armas ocultas dos ciganos; para todos os efeitos, eram turistas saboreando as delícias de um cruzeiro numa noite quente de verão. Todos os cacos de vidro haviam sido arrancados das janelas partidas e os poucos buracos de balas no madeirame da casa do leme, discretamente camuflados por El Brocador e Masaine, que se recostavam despreocupados na estrutura de estibordo. À exceção de Pierre, os outros dois únicos ocupantes da casa do leme eram Bowman e o Grão-Duque, este de pistola em punho.

Algumas milhas acima, no canal, passaram pelo trator e o reboque que tão bruscamente haviam deixado a estrada durante o tiroteio entre o Rolls-Royce e a lancha. O trator continuava na mesma posição, com uma das rodas da frente pendurada sobre o barranco. Era evidente e compreensível que o responsável preferisse esperar ajuda do que arriscar-se a sepultar o trator nas águas do canal, se tentasse tirá-lo pela própria força. E o homem

continuava ali trocando pernas para cima e para baixo, com um olhar autenticamente furibundo.

Czerda juntou-se aos três homens na casa do leme e disse, aborrecido: "Não gosto de nada disso. Está quieto demais. Talvez estejamos caminhando para alguma forma de armadilha. Na certa alguém..."

"Aquilo o faz sentir-se melhor?"

O Grão-Duque apontava na direção de Aigues-Mortes, de onde dois carros pretos da polícia, com as sirenas cantando e as luzes azuis piscando, aproximavam-se a alta velocidade.

"Algo me diz que o nosso amigo do trator andou se queixando a alguém."

O palpite do Grão-Duque era correto. Os carros da polícia foram chegando e logo reduziram a marcha, já que o motorista do trator parara no meio da estrada e acenava freneticamente com os braços. Os carros pararam e vultos fardados saltaram e cercaram o homem, que evidentemente começou a contar sua história com uma alta dose de satisfação e espírito.

"Bem, se a polícia está amolando alguém, não poderá nos amolar ao mesmo tempo", comentou o Grão-Duque filosoficamente. "Mais contente agora, Czerda?"

"Não", respondeu Czerda, com ar de quem sabe o que está dizendo. "Duas coisas. Dúzias de pessoas, talvez mesmo centenas — quem há de saber? — devem ter visto o que aconteceu no golfo. Por que ninguém nos interceptou no trajeto de volta? Por que ninguém comunicou à polícia o que aconteceu?"

"Com toda a franqueza, não sei", respondeu o Grão-Duque, pensativo. "Mas posso conjecturar. Essa mesma coisa às vezes acontece... quando um grande número de pessoas vê acontecer alguma coisa e cada um, invariavelmente, deixa a outro a incumbência de providenciar o relato. Têm havido casos até de pedestres que veem alguém ser espancado até a morte numa calçada sem que ninguém levante um dedo para ajudar. A humanidade é estranhamente apática para esse tipo de coisas. Talvez seja a natural relutância em se pôr em foco. Não pretendo saber a causa. Mas o que importa é que entramos no porto sem que

ninguém franzisse um sobrolho sequer. Qual foi a outra dúvida? Você fez duas perguntas..."

"Sim." Czerda estava sorumbático. "O que, em nome de Deus, vamos fazer agora?"

"Não é problema." O Grão-Duque sorriu. "Eu não lhe disse que iríamos ver de novo o bom navio Canton?"

"Sim, mas como..."

"Quanto tempo levaremos para chegar a Port le Bouc?"

"Port lê Bouc?" Czerda franziu o cenho. "Com o caminhão e o reboque?"

"De que outra forma seria?"

"Duas horas e meia. Não mais de três. Por quê?"

"Porque é lá que o Canton tem instrução para nos esperar, se houvesse alguma dificuldade para o encontro em Falavas. Ficará lá até amanhã ao meio-dia... e estaremos lá esta noite. Será que ainda não percebeu, Czerda, que sempre tenho mais um trunfo escondido na manga? Muitos trunfos, aliás. E lá, hoje à noite, os cientistas e as senhoras serão levados para bordo. Bem como Bowman. E também para eliminar qualquer possibilidade de risco, as duas mocinhas e, não há outro jeito, também este infeliz pescador."

Pierre des Jardins relanceou os olhos para o Grão-Duque, levantou uma sobrancelha, e voltou a concentrar-se na tarefa de conduzir o barco a bom porto; sua reação fora minúscula para quem está virtualmente ouvindo a sentença de morte.

"E depois, Czerda, você e os quatro coleguinhas serão livres como o vento, pois quando Bowman e seus três amigos chegarem à China, simplesmente desaparecerão e nunca mais se ouvirá falar neles. As únicas testemunhas contra vocês terão sumido para sempre e nenhum sopro de suspeita pesará jamais sobre você e os seus homens, em qualquer dos lados da Cortina de Ferro."

"Se alguma vez duvidei do senhor, peço-lhe desculpas." Czerda falou devagar, quase com reverência. "Isto é genial." Tinha um ar de espanto.

"Elementar, elementar." O Grão-Duque gesticulou com a mão, como a dizer que se tratava de uma ninharia. "Mas agora, vamos a

coisas sérias. Avistaremos o cais dentro em pouco e não queremos causar nenhum choque ao delicado sistema nervoso das duas meninas; desse tipo de choque capaz de fazer, por exemplo, com que saiam a toda velocidade com o caminhão antes de alcançarmos o trapiche. Todo mundo para o porão, agora, e tratem de permanecer fora de vista até segunda ordem. Nós dois ficaremos aqui — sentados, naturalmente, enquanto Bowman leva o barco. Compreendido?"

"Compreendido." Czerda fitou-o com admiração. "Pensa em tudo, hem!"

"Faço força", disse o Grão-Duque com modéstia. "Faço força."

As três moças, com um rapazola montado numa motoneta, estavam na cabeça do trapiche quando Bowman, aparentemente só, encostou o barco. Elas correram, prenderam os cabos que ele atirou, e subiram a bordo. Cecile e Lila estavam meio sorridentes, meio aflitas, imaginando que novidades viriam. Carita ficou afastada, distraída, parecendo alheia a tudo.

"Como é?" perguntou Cecile. "Como é, vai contar o que houve? Que aconteceu?"

"Sinto muito", foi só o que Bowman pôde dizer. "Saiu tudo errado."

"Não para nós", ajuntou com jovialidade o Grão-Duque, erguendo-se de pistola em punho, ao lado de Czerda, munido do mesmo equipamento, e sorrindo radioso para as moças. "Embora não completamente, devo admitir. Que bom tornar a vê-la, minha querida Carita. Passou momentos agradáveis aqui com as duas jovens?"

"Não", respondeu Carita, em síntese. "Não quiseram conversar comigo."

"Preconceito, puro preconceito. Muito bem, Czerda, todos ao convés, e para dentro do reboque num minuto." Olhou para a cabeça do trapiche. "E quem é aquele rapaz com a motoneta?"

"Aquele é José!" Czerda estava tão perto quanto lhe era possível de um estado de excitada expectativa. "O rapaz que mandei pegar o dinheiro que Bowman me roubou... nos roubou, quero dizer." Saiu para o convés e acenou com o braço. "José!"

José!" José desmontou da motoneta, correu pelo trapiche e subiu a bordo. Era um meninote franzino e alto, com enorme e desgrenhada cabeleira negra, olhos pequenos e expressão de sabedoria precoce.

"O dinheiro?" pediu Czerda. "Me dá o dinheiro."

"Que dinheiro?"

"Claro, claro. Para você é apenas um embrulho de papel pardo." Czerda sorriu com indulgência. "Era aquela a chave?"

"Não sei." O processo mental de José, era evidente, nada tinha a ver com a expressão inteligente do rosto.

"Que quer dizer com... não sei?"

"Não sei se era a chave certa ou a chave errada", explicou José com paciência. "O que sei é que na estação da estrada de ferro de Arles não há nenhum cofre de aluguel."

Houve um silêncio relativamente prolongado, durante o qual uma série de pensamentos, nenhum deles especialmente agradável, passou pela mente de várias das pessoas presentes. Então, Bowman pigarreou e disse, em tom de quem se desculpa: "Receio que seja tudo culpa minha. Aquela chave é da minha mala." Houve outro silêncio, mais ou menos tão dilatado quanto o anterior, e então o Grão-Duque falou, embora se contendo visivelmente: "A chave da sua mala. Eu não esperava outra coisa. Onde estão os oitenta mil francos, senhor Bowman?"

"Setenta mil. Lamento muito, mas tive de deduzir algumas despesas de custeio, sabe como é." Apontou para Cecile. "Só esse vestido me custou..."

"Onde estão?" gritou o Grão-Duque, cansado já de conter-se.

"Os setenta mil francos?"

"Ah, perfeitamente. Bem, agora..." Bowman balançou a cabeça. "Aconteceu tanta coisa desde a noite passada..."

"Czerda!" O Grão-Duque voltara ao habitual equilíbrio, mas não estava para perder tempo. "Meta a pistola no crânio da senhorita Dubois. Vou contar até três."

"Deixe isso pra lá", apressou-se Bowman. "Deixei a grana em Les Baux, na caverna. Perto de Alexandre."

"Perto de Alexandre?"

"Não sou idiota", explicou Bowman, cansado. "Sabia que a polícia bateria por lá esta manhã. Ou melhor, iria lá certamente e encontraria Alexandre. Mas é perto." O Grão-Duque estudou-o longamente, depois voltou-se para Czerda. "Seria um pequeno desvio em nosso trajeto para Port le Bouc?"

"Mais vinte minutos, por aí." Indicou Bowman com o beijo. "O canal aqui é fundo. Temos necessidade de levá-lo conosco, senhor?" O Grão-Duque respondeu com uma expressão nefasta: "Somente até sabermos se está dizendo a verdade ou não." A noite caíra quando Czerda estacionou no amplo acostamento na ponta do Vale do Inferno. O Grão-Duque, que, junto com El Brocador, fora passageiro de Czerda no banco dianteiro do caminhão, desembarcou, espreguiçou-se e falou: "As damas e o pescador ficarão aqui mesmo. Masaine ficará para guardá-los. Os demais irão conosco."

Czerda pareceu intrigado. "Vamos precisar dessa gente toda?"

"Tenho cá as minhas ideias." O Grão-Duque estava em seus momentos mais enigmáticos. "Põe em dúvida o meu critério?"

"Eu? Nunca!"

"Muito bem; então vamos." Momentos depois, um grupo numeroso de pessoas caminhava pela vastidão das cavernas. Eram onze ao todo: Czerda, Perene, Searl, El Brocador, os três cientistas, as duas moças, Bowman e o Grão-Duque. Alguns levavam lanternas, os focos refletindo-se estranhamente, esbranquiçados, nos paredões de calcário. Czerda foi na frente, ágil, confiante, até chegar a uma caverna onde uma rampa de terra e pedra levava para o alto até a silhueta vaga de um pedaço de céu estrelado. Avançou para a base do desmoronamento e parou.

"É aqui", disse. O Grão-Duque pesquisou com o foco da lanterna.

"Tem certeza?"

"Tenho certeza." Czerda lançou seu foco para um amontoado de pedras. "É incrível, não? Esses idiotas da polícia ainda não o acharam!" O Grão-Duque enfocou o montículo. "Quer dizer..."

"Alexandre. Foi aqui que o enterramos."

"Bem, Alexandre já não tem importância, agora." O GrãoDuque voltou-se para Bowman. "O dinheiro, por favor."

"Ah, sim; o dinheiro." Bowman encolheu os ombros e sorriu. "Chegamos ao fim da linha, receio. Não há dinheiro nenhum."

"Quê?!" O Grão-Duque avançou e fincou o cano da pistola nas costelas de Bowman. "Não há dinheiro?"

"Está lá mesmo em Arles, num banco."

"Você nos enganou?" perguntou Czerda, incrédulo. "Trouxe-nos este caminho todo..."

"Sim."

"Comprou a vida por duas horas?"

"Para quem está condenado à morte, duas horas podem ser um tempão." Bowman sorriu, fitou Cecile, depois de novo Czerda.

"Mas também podem se muito pouco tempo."

"Você comprou sua vida por mais duas horas!" Czerda parecia mais espantado com este fato do que preocupado com a perda do dinheiro.

"É um modo de dizer."

Czerda tornou a erguer a pistola, mas o Grão-Duque adiantou-se, agarrou-lhe o pulso e forçou-lhe a mão para baixo, dizendo em voz baixa, rouca, amarga: "O privilégio é meu."

"Sim senhor." O Grão-Duque apontou a arma para Bowman e fez um gesto para a direita. Por um momento Bowman pareceu hesitar, mas depois encolheu os ombros.

Saíram os dois juntos, o Grã-Duque com a pistola cravada nas costas de Bowman, e dobraram em ângulo reto no canto que dava passagem à outra caverna. Momentos depois, um estampido ecoou pelas cavernas, seguido pelos ecos do baque surdo de um corpo que cai. Os cientistas ficaram estarecidos, seus rostos estampando desespero. Czerda e seus três companheiros entreolharam-se com maldosa satisfação. Cecile e Lila abraçaram-se em pranto, brancas como cinza à luz das lanternas.

Então, todos ouviram as passadas medidas que voltavam e olharam para a passagem no fundo, por onde os dois homens haviam saído.

O Grão-Duque e Bowman surgiram ao mesmo tempo, ambos empunhando armas com mãos firmes como rochedos.

"Nada disso", preveniu Bowman.

O Grão-Duque concordou com a cabeça. "Como diz aqui o meu amigo, por favor, nada disso."

Contudo, após alguns instantes de total descrença, Ferenc e Searl arriscaram-se. Houve dois estampidos fortes, dois gritos e o ruído metálico de duas pistolas caindo no chão de calcário. Ferenc e Searl gemeram de dor e espanto, ambos apertando os ombros feridos. Bowman refletiu que era a segunda vez que Searl era ferido naquele ombro, mas não conseguiu sentir a mínima pena, pois tinha agora certeza de que fora Searl quem descarnara a chicote as costas de Tina.

Bowman comentou apenas: "Certas pessoas custam muito a aprender."

"Incorreto, Neil. Certas pessoas nunca aprendem." O Grão-Duque encarou Czerda, mas a expressão do seu rosto dizia que preferiria olhar para outro lugar. "Nada tínhamos contra você, do ponto de vista judicial, quer dizer. Nenhum vestígio de prova, nada. Até que você pessoalmente nos conduziu à sepultura de Alexandre e admitiu que o enterrara ali. Na frente de todas estas testemunhas. Agora sabe por que o Sr. Bowman comprou a vida por duas horas."

Virou-se para Bowman. "A propósito, onde está o dinheiro, Neil?"

"Na bolsa de Cecile. Deixei-o lá."

As duas moças aproximaram-se, devagar, hesitantes. Já não havia sinais de lágrimas, mas evidentemente não compreendiam coisa nenhuma. Bowman meteu a arma no bolso. Avançou na direção delas e passou os braços por cima dos ombros de ambas.

"Está tudo certo agora, já acabou tudo, acabou mesmo."

Tirou a mão do ombro de Lila, acariciou-lhe a bochecha com as pontas dos dedos até que ela se voltou, fitando-o com expressão entre interrogativa e aturdida. Ele sorriu: "O Duque de Croytor é mesmo o Duque de Croytor."

EPÍLOGO

O luar brilhava na varanda do hotel, sob os sombrios penhascos de Les Baux. Bowman, sentado numa cadeira saboreando um drinque, ergueu uma sobrancelha quando Cecile saiu do apartamento, tropeçou num fio de extensão telefônica e quase caiu. Mas logo recuperou o equilíbrio e sentou-se ao lado dele.

"Vinte e quatro horas", comentou. "Somente vinte e quatro horas. Simplesmente não consigo acreditar."

"Está precisando é de óculos", observou Bowman.

"Eu tenho óculos, muito obrigada."

"Então o que precisa é usá-los." Bowman pôs a mão carinhosamente sobre a dela. "Afim, agora já fisgou o seu homem."

"Oh, cale essa boca." Ela não fez qualquer tentativa de tirar a mão.

"Como está a mocinha?"

"Tina está no hospital, em Arles. Ficaré por lá ainda uns dois dias. O pai e Madame Zigair estão com ela. Os Hobenaut e os Tangevec estão jantando, aí dentro. Não é uma ocasião muito festiva, imagino, mas acho que devem estar sentindo algum alívio, não? E Pierre des Jardins, a essa altura, já deve estar em casa em Grau-du-Roi."

"Não posso acreditar."

Bowman olhou-a de relance e logo percebeu que não devia estar ouvindo o que ele dizia, interessada que estava totalmente num outro assunto. "Ele... ele é seu chefe?"

"Charles? É, sim. Ninguém acredita em coisa alguma a respeito de Charles. Fui do Serviço de Informações do Exército e Adido Militar em Paris. Agora ando tratando outras coisas."

"Não duvido", disse ela, sensível.

"A única pessoa além de você que sabe alguma coisa sobre isso é Pierre des Jardins, o dono do barco de pesca. Foi por isso que conservou tão maravilhosamente o sangue frio. Jurou segredo absoluto. E você também."

"Não sei bem se vou gostar disso."

"Fará o que eu mandar. Posso garantir-lhe que Charles está muito mais alto na hierarquia que eu. Trabalhamos juntos há oito anos. Nos dois últimos anos, sabíamos que ciganos da Cortina de Ferro estavam contrabandeando coisas pela fronteira. O que não sabíamos é quem. Os próprios russos nos deram a deixa... mas mesmo eles não sabiam direito o que estava de fato acontecendo."

"Mas esse Gaiuse Strome..."

"É o nosso amigo chinês de Arles e de todos os outros lugares onde estivemos. Temporariamente detido pela polícia francesa. Estava chegando perto demais das coisas e Charles fez com que fosse detido por qualquer técnica. Mas terão de soltá-lo. Imunidade diplomática. Foi ele quem arranhou tudo... é o Adido Militar chinês em Tirana."

"Tirana?"

"Albânia."

Ela pegou a bolsa, tirou os óculos, encarou-o bem de perto e disse: "Mas nos disseram..."

"Nós quem?"

"Lila e eu... Somos secretárias do Almirantado. Nos mandaram ficar de olho em vocês. Disseram que um dos dois era suspeito..."

"Desculpe. Charles e eu arranjamos isso também. E lá estávamos nós, o bom e o mau caráter. Não podíamos nunca ser vistos juntos, mas precisávamos de um canal de comunicação. E namoradinhas dão com a língua nos dentes. Namoradinhas correm ao telefone para falar com seus chefes em casa. Era o nosso canal..."

"Acertaram isso também?" Ela então tirou a mão. "Você sabia..."

"Desculpe. Tínhamos de fazer isso."

"Quer dizer..."

"Sinal de nascença cor de morango..."

"Desculpe mais uma vez", Bowman sacudiu a cabeça, admirado. "Mas sou obrigado a reconhecer que foi o dossiê mais completo que já vi."

"Detesto você! Detesto! É o tipo mais absolutamente desprezível..."

"Sim, eu sei, e não estou preocupado com isso. O que me aborrece é que até agora só conseguimos arranjar duas damas de honra e eu disse..."

Ela então falou, com firmeza: "Duas bastam."

Bowman sorriu, levantou-se, ofereceu-lhe a mão e juntos, de braços dados, caminharam até o gradil, onde pararam, olhando para baixo. Quase diretamente sob eles estavam o Duque de Croytor e Lila, sentados numa mesa repleta. Era evidente que o Grão-Duque passava por um momento de considerável tensão emocional, já que, apesar de ter na mão uma perna de cordeiro envolta num guardanapo de papel, não estava mastigando.

"Santo Deus!", dizia ele. "Santo Deus!" Olhava para o lindo rosto da companheira loura de uma distância de menos de um palmo. "Empalideço só em pensar. Podia tê-la perdido para sempre. Eu não sabia!"

"Charles!"

"É uma cozinheira Cordon Bleu."

"Sou, Charles."

"Brochettes de queues de langoustines au beurre blanc?"

"Sim, Charles."

"Poulet de la ferme au champagne?"

"Sim, Charles."

"Filets de sole Retival?"

"Mas, é claro."

"Pintadeaux aux morilles?"

"Minha especialidade."

"Lila... Amo você. Case-se comigo!"

"Oh, Charles!" Abraçaram-se, aos olhos espantados dos demais presentes no restaurante.

Talvez simbolicamente, a perna de cordeiro do Grão-Duque caiu ao chão.

Ainda de braços dados, Bowman levou Cecile pelo pátio abaixo. "Não se equivoque com o nosso Romeu. Ele pouco se importa com a culinária. Pelo menos no que diz respeito a sua amiga."

"O grande e audaz barão é no fundo um tímido menino."

Bowman fez que sim. "Os pedidos de casamento à moda antiga não são exatamente o seu forte."

"Mas com você é ao contrário?"

Bowman levou-a a uma mesa e pediu drinques. "Não entendi bem."

"Uma moça gosta de ser pedida em casamento."

"Ah! Cecile Dubois, quer casar comigo?"

"Acho que sou bem capaz."

"Touché!" Ele ergueu o cálice. "A Cecile."

"Agradecida, gentil senhor."

"Não é você, não. É a nossa segunda herdeira."

Sorriram um para o outro, depois voltaram-se para olhar o casal na mesa ao lado. O Grão-Duque e Lila continuavam olhando embevecidos um nos olhos do outro, mas ainda assim o Grão-Duque já recuperara o equilíbrio, pois, imperiosamente, batia palmas.

E gritou: "Encore!"

FIM